

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA
SETOR DE EDUCAÇÃO

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA ESCOLA:
O DIALOGO DA CRITICA NOS ANOS OITENTA

CURITIBA

1992

REGINA MARIA HATSCHBACH CORTES

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA ESCOLA:
O DIALOGO DA CRITICA NOS ANOS OITENTA

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação, área de concentração
Currículo, do Setor de Educação
da Universidade Federal do
Paraná, para a obtenção do grau
de Mestre em Educação.*

*Orientadora: Profª Dra Rejane de
Medeiros Cervi.*

*Co-orientadora: Profª Dra Marta
Morais da Costa*

CURITIBA

1992

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA ESCOLA:
O DIALOGO DA CRITICA NOS ANOS OITENTA

por

REGINA MARIA HATSCHBACH CORTES

*Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em Educação, pela comissão formada
pelos professores:*

Orientadora: _____

Profª Dra. Rejane de Medeiros Cervi

Co-orientadora: _____

Profª Dra. Marta Morais da Costa

A minha mãe, Odete.
A Mencia e Napoleão.
Porque tramamos juntos o amor.

AGRADECIMENTOS

A Rejane de Medeiros Cervi, minha orientadora, e Marta Morais da Costa, co-orientadora, pela segura e generosa condução das minhas reflexões e pela confiança que em mim depositaram.

A Etelvina de Castro Trindade e Maria Luiza Andrezza, professoras do Departamento de História desta Universidade, interlocutoras sensíveis; delas recebi valioso estímulo intelectual.

A Patrícia, com quem reparto o "era uma vez"... e o "como será?"...

A Cristina, pela amizade sólida que construímos.

A Nélida, companheira de curso, pela qualidade da troca na jornada.

A CAPES, Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, pelo financiamento que possibilitou a consecução deste estudo.

A Antônia, porque juntas "garimpamos" as palavras, e a Vica pelo auxílio técnico.

A Gláucia e Rachel, incansáveis sinalizadoras da Luz.

A Lucia Mara, pelo carinho fraternal.

A Ilda, por ter segurado a parte que me toca na infraestrutura doméstica.

A Lili, fiel anjo protetor.

A Nando, Luiz e Nana, pela compreensão e paciência em ceder o tempo que lhes pertencem. Do amor de vocês retiro sempre o motivo...

SUMARIO

RESUMO.....	vii
RESUME.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
1 OS CRITICOS DA DECADA DE 80 DIALOGAM COM OS SEUS PRECURSORES.....	11
2 O DIALOGO NOS CONGRESSOS E NA REVISTA LEITURA: TEORIA & PRATICA.....	44
2.1 "PRA INICIO DE CONVERSA.....	44
2.2. TECENDO A PROSA.....	50
3 "MAIS DE TRINTA ANOS SE PASSARAM".....	96
CONCLUSOES.....	141
ANEXOS.....	147
ANEXO 1 - SUMARIO DOS ANAIS DO I ENCONTRO DE PRO- FESSORES UNIVERSITARIOS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DA FNLIJ.....	148
ANEXO 2 - SUMARIO DOS ANAIS DO CONGRESSO DE LITE- RATURA INFANTIL E JUVENIL DA FNLIJ.....	151
ANEXO 3 - INDICE E RESUMO DOS ANAIS DO 2º CON- GRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DA FNLIJ.....	155
ANEXO 4 - PROGRAMA GERAL DO 3º CONGRESSO DA FUNDA- ÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL.....	158
ANEXO 5 - DIVULGAÇÃO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL - FNLIJ.....	161

ANEXO 6 - ESTATUTO DA REVISTA LEITURA: TEORIA & PRÁTICA.....	163
ANEXO 7 - PROGRAMA DO 4º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL.....	168
ANEXO 8 - PROGRAMA DO 5º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL.....	171
ANEXO 9 - PROGRAMA DO 6º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL.....	173
ANEXO 10 - PROGRAMA DO 7º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL.....	176
ANEXO 11 - ESTRUTURA DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL BIÊNIO 1990-1991.....	179
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	181
BIBLIOGRAFIA DOS CRÍTICOS DA DÉCADA DE 80 ENFOCADOS NA DISSERTAÇÃO.....	185

RESUMO

O interesse pela questão da literatura infanto-juvenil na escola vem propiciando, nos últimos tempos, o surgimento de considerável massa crítica voltada para o estudo do tema. Por isso, entendeu-se importante ressaltar as relações de divergência, convergência e, principalmente, as influências dos estudos, da literatura infantil, na escola e fora dela, nas últimas décadas.

Em função da necessidade de uma compreensão mais ampla do significado de um estudo integrado sobre a crítica da literatura infantil na escola, esta dissertação buscou em Lucien Goldmann a explicitação do conceito de totalidade e em Mikhail Bakhtin o conceito de dialogismo.

A hipótese central desta pesquisa é derivada da crença na existência de um diálogo latente, isto é, de um confronto de idéias expressivas na década de 80 e também com autores precursores.

Dada a interação da crítica atual com estes autores, Paulo Freire foi selecionado por sua abordagem social e política do ato de ler, Leonardo Arroyo, por seu trabalho de pesquisa sobre as fontes dessa literatura no Brasil e Cecília Meireles, por suas inquietantes investigações em torno da concepção e conceituação da literatura infantil.

O diálogo entre os críticos dos anos 80 foi construído a partir dos Encontros e Congressos da Fundação Nacional do

Livro Infantil e Juvenil e da Revista "Leitura: Teoria & Prática" - da Associação Brasileira de Leitura - das citações e referências bibliográficas, das notas de rodapé, das contraposições e justaposições de idéias veiculadas nas obras.

RESUME

L'intérêt pour la question de la littérature enfantine et juvénile à l'école favorise, ces derniers temps, l'apparition d'une considérable masse critique consacré à l'étude du thème. On a jugé donc important de souligner les relations de divergence, de convergence et principalement les influences de la littérature enfantine à l'école et hors de l'école, pendant les décennies passées et actuellement.

En fonction du besoin d'une compréhension plus large de la signification d'une étude intégrée sur la critique de la littérature enfantine à l'école, ce mémoire de maîtrise a cherché chez Lucien Goldmann l'explicitation du concept de totalité et chez Mikhail Bakhtin, le concept de dialogisme.

L'hypothèse centrale de cette recherche est dérivée de la croyance à l'existence d'un dialogue latent, c'est à dire d'un affrontement d'idées expressives dans les années 80 et aussi avec les auteurs précurseurs.

A cause de l'interaction de la critique actuelle avec les précurseurs, Paulo Freire a été sélectionné par son approche sociale et politique de l'acte de lire; Leonardo Arroyo, par son travail de recherche sur les sources de cette littérature au Brésil et Cecilia Meirelles par ses inquiétantes investigations sur la conception et conceptualisation de la littérature enfantine.

Le dialogue entre les critiques des années 80 a été

construit à partir des Rencontres et Congrès de la Fondation Nationale du Livre Infantile et Juvenil et de la Revue "Lecture: Théorie et Pratique" - de l'Association Brésilienne de Lecture - des citations et références bibliographiques, des notes, des contreparties et juxtapositions des idées contenues dans les oeuvres.

INTRODUÇÃO

O interesse pela questão da literatura na escola vem propiciando, nos últimos tempos, o surgimento de considerável massa crítica voltada para o estudo do tema. Muitos pesquisadores brasileiros têm se dedicado a este assunto, apesar de a origem desses questionamentos estar ainda circunscrita principalmente aos meios acadêmicos.

Tais pesquisas encontram-se num processo dinâmico, que se desenvolve ao lado da coexistência de posturas diferenciadas. Conforme o momento, a crítica preocupa-se com os aspectos específicos do texto enquanto linguagem literária, em outros com a articulação do texto e o referencial sócio-político do leitor e, ainda, aparecem posições que ultrapassam a especificidade da relação texto-leitor e indagam sobre a complexidade envolvida na utilização pedagógica de textos literários e seu posicionamento no currículo escolar. De qualquer forma, estas dimensões não são excludentes, mas se entrelaçam em todo o discurso referente a esses tópicos. Verifica-se, sobretudo, a busca de um efetivo intercâmbio entre áreas do saber humano que possibilitem uma melhor compreensão da relação estabelecida entre o sujeito-leitor, a sua formação e a obra literária.

Além disso, falar sobre as concepções vigentes acerca da literatura na escola implica considerar o movimento de

transformação complexo, abrangente, sofrido ao longo do tempo pela escola, pela sociedade, pela cultura.

Assim, por exemplo, o conceito de criança sofreu significativos avanços, afastando-se cada vez mais do conceito de adulto em miniatura, um ser imaturo em desenvolvimento. Igualmente, a literatura infantil de "literatura menor" passou a conformar-se e a ser considerada literatura. Já a educação foi gradativamente abandonando a neutralidade contida no ato de conhecimento para se aproximar pouco a pouco do conceito que a entende transformadora da realidade social. Professor e aluno, nessa nova perspectiva, estão em interação permanente, sendo o aluno sujeito da sua própria educação e, por conseguinte, sujeito do ato de leitura. E a literatura que era considerada instrumento pedagógico, assume o papel de mediadora da realidade: meio e fim da educação.

Diante disso, e em função da necessidade de uma compreensão mais ampla do significado de um estudo integrado sobre a crítica da literatura infantil na escola, o presente trabalho buscou em Lucien GOLDMANN a explicitação do conceito de totalidade:

"(...) o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais. A marcha do conhecimento aparece assim como uma perpétua oscilação entre as partes e o todo que se devem esclarecer mutuamente (...) as partes do mundo têm todas tal relação e tal encadeamento entre si que creio ser impossível conhecer uma sem conhecer as outras e sem conhecer o todo".¹

¹GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979. p.5 e 6.

Ressaltar as relações de divergência, convergência e, principalmente, as influências que possam existir entre autores que se ocuparam da literatura infantil, na escola e fora dela, em décadas anteriores e na atualidade, significa pensar o estudo de uma bibliografia crítica como um todo em desenvolvimento. Visando à apreensão desse encadeamento e interação, este estudo pretende conhecer o caminho percorrido por esse pensamento crítico. Esta retrospectiva é realizada não como revisão historiográfica, mas como uma tentativa de construir o caminho da crítica em concordância com a concepção de totalidade e integração sugeridas por Lucien GOLDMANN.

O método de trabalho adotado para o reconhecimento dos precursores consistiu no rastreamento das referências bibliográficas de autores que editaram estudos voltados para a questão das formas e da presença da literatura infantil na escola brasileira durante a década de 80. Estes autores são: Nelly Novaes Coelho, Maria Helena Martins, Edmir Perrotti, Fúlvia Rosemberg, Glória Maria Pondé, Maria da Glória Bordini, Lígia Cademartori, Laura Constância Sandroni, Fanny Abramovich, Regina Zilberman, Maria Antonieta Antunes Cunha, Vera Teixeira Aguiar, Sonia Salomão Khéde, Lilian Lopes Martin da Silva, Ezequiel Theodoro da Silva, Eliana Yunes, Marisa Lajolo e Olga Molina.

No decorrer da pesquisa, constatou-se que determinadas obras de décadas anteriores apareciam com certa frequência, não somente como referência bibliográfica, mas, sobretudo, como citação em notas de rodapé. Notou-se que Paulo Freire era reiteradamente consultado sempre que o assunto estivesse direcionado ao conceito de educação e leitura: Leonardo Arroyo

e Cecília Meireles quando havia necessidade de formular conceitos sobre literatura e buscar suas fontes. A visível influência das contribuições teóricas desses três autores sobre os estudos do tema na década de 80 tornou factível considerá-los nesta dissertação críticos precursores da literatura infantil brasileira.

Por outro lado, percebeu-se que a busca da compreensão dos temas emergentes na década de 80 despertou nos críticos a consciência de que o conhecimento somente avançaria à medida que fosse percorrido o caminho que permitisse encontrar as fontes detonadoras desses temas. Os críticos demonstravam, assim, desejar algo além da simples explicação; perseguiram a compreensão em que, segundo BAKHTIN, atuam "duas consciências", "dois sujeitos". Estavam tornando possível ao mesmo tempo um diálogo entre eles e seus precursores.

De resto, e seguindo o pensamento de BAKHTIN, a idéia só se desenvolve quando se coloca em relação com outros sujeitos, outras consciências, pois assim

"(...) a idéia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, a encontrar e renovar sua expressão verbal, a gerar novas idéias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, idéia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciência que nasce e vive a idéia".²

Tal entendimento permitiu que esta dissertação se organizasse fundamentada no pressuposto de que existe uma

²BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1981. p.73.

possibilidade de demonstrar uma inter-relação dialógica entre os críticos situados em diferentes momentos, já que:

"Em um trabalho científico, onde são citadas opiniões de diversos autores sobre um dado problema, umas para rejeitar, outras para confirmar e complementar, temos diante de nós um caso de inter-relação dialógica. As relações de acordo-desacordo, afirmação-complemento, pergunta-resposta, etc. são relações puramente dialógicas".³

Assim sendo, a hipótese central desta pesquisa é derivada da crença na existência de um diálogo latente, isto é, de um cotejo de idéias expressivas na década de 80, e também com autores precursores.

Evidencia-se que, nesse período, começam a se impor determinados temas dentro da complexa relação literatura infanto-juvenil e escola. Tais abordagens, concebidas em décadas anteriores, são desenvolvidas agora à luz de um enfoque multidisciplinar. E mais, percebe-se um progressivo aumento de especialistas que participam de inúmeros encontros e seminários e mesmo na considerável quantidade de obras relativas à crítica da presença da literatura na escola.

Todo esse movimento resulta de articulações entre o pensamento e as instituições, ou seja, a maioria dos críticos está ligada a instituições de nível superior, como a USP, UNICAMP, PUC-RS e organizações como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, entre outras.

A efervescência dessa movimentação fornece material para se demonstrar uma inter-relação dialógica cuja apreensão é um dos motores do presente estudo. Esse diálogo pode ser

³BAKHTIN, p.163.

percebido nos referidos encontros, seminários, na Revista *Leitura: teoria & prática*, nas citações e referências bibliográficas, nas notas de rodapé, nas contraposições e justaposições de idéias contidas nas obras.

Inúmeros termos pertinentes à questão literatura infanto-juvenil na escola compõem e definem as concepções dos críticos selecionados para esta dissertação. Mas, entre esses termos torna-se necessário precisar alguns cuja definição é importante para delimitar o âmbito e o delineamento aqui pretendido: literatura/obra literária, gênero, bibliografia crítica, precursor e crítica.

Neste estudo o conceito *literatura/obra literária* está em conformidade ao de Massaud MOISES.⁴ Segundo o autor, é um tipo de conhecimento expresso por palavras polivalentes, signos polívocos com significação superior a um. E a obra literária, por sua vez, traz implícitas diversificadas funções, sendo a função poética da linguagem a principal. Se outras funções - informação, apelo, expressão - ultrapassam a função poética, segundo AGUIAR e SILVA "(....) origina-se uma falsa literatura ou uma infraliteratura, orientada para a moralização, o panfletarismo, o confessionalismo, etc., e eversora dos caracteres fundamentais da função poética da linguagem".⁵

Quanto ao termo **Gênero**, a maioria dos críticos da década de 80 utilizam-no de forma imprecisa, desconsiderando definições como, por exemplo, as de DUCROT e TODOROV que entendem: "Lírico - épico - dramático. De Platão a Emil Staiger, passando por Goethe e Jakobson,

⁴MOISES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 2.ed. rev. São Paulo : Cultrix, 1978.

⁵AGUIAR e SILVA, Victor Manuel de. *Teoria da literatura*. 2.ed. São Paulo : Martins Fontes, 1976. p.140-142.

quis-se ver nestas três categorias as formas fundamentais ou mesmo 'naturais' da literatura".⁶ E mais, segundo STAIGER,⁷ qualquer obra autêntica de alguma forma faz parte, em diferentes graus e modos, dos três gêneros literários, advindo daí a multiplicidade de tipos "realizados historicamente".

A concepção de **bibliografia crítica** é relevante para esta dissertação por ter sido a forma de identificar os precursores e perceber as influências explícitas de um crítico sobre o outro. Segundo Massaud MOISES,⁸ é a descrição material, sistemática e histórica dos livros. Quando acompanhada de julgamento sobre o conteúdo das obras, denomina-se bibliografia crítica.

O termo **precursor** revestiu-se de extrema importância enquanto ponto de partida para a análise como um todo. Para o Novo Dicionário Aurélio,⁹ precursor é o que faz prever; prepara os atos, surto de outras figuras; é o que vai adiante.

Finalmente, a palavra **crítica**. Na crítica está obrigatoriamente embutido o ato de julgar, cujo valor se encontra na relação que se estabelece entre o objeto de conhecimento e o sujeito. E complementa Massaud MOISES:

"(...) a crítica identifica-se como uma atividade em que um ser pensante, o crítico, se exprime como autor, visto que o escrito, resultante de seu convívio com a obra, qualquer que seja a metodologia adotada, é fruto pessoal e intransferível. Desse modo, o leitor tem acesso a um texto secundário, do qual

⁶DUCROT & TODOROV, T. Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1972. p.191.

⁷STAIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1969.

⁸MOISES, Dicionário...

⁹FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 1.ed. (10ª imp.). Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1975. p.1128.

espera fruir prazer e conhecimento, e uma orientação para melhor aproveitar o texto primário (do ficcionista ou poeta) (...). De onde a crítica também consiste numa atividade criadora, mas de segundo grau e tendo como objetivo guiar o leitor à melhor compreensão e avaliação do texto de primeiro grau, assim convertido em ponto de partida e de chegada do diálogo".¹⁰

Procurou-se estruturar esta dissertação de tal forma que o diálogo intermediado fosse perpassando o próprio fazer da crítica sobre literatura infanto-juvenil.

Assim, o primeiro capítulo procura evidenciar a busca das matrizes referenciais por parte dos críticos da década de 80. O "boom" literário infanto-juvenil da década anterior suscitou nos especialistas a necessidade de repensar e compreender os rumos dessa literatura, pois os críticos também estavam preocupados com sua inserção na escola. O delineamento desses rumos, no entanto, não é feito, "a priori" mas à medida que essa literatura vai interagindo no contexto escolar. Concomitantemente, vai sendo formada uma massa crítica capaz de organizar conceitualmente este fenômeno literário em sua relação com esse meio. Para a configuração desse conhecimento, era importante o desvelar de suas matrizes. Sendo assim, o primeiro capítulo mostra como essa crítica dialoga com Paulo Freire, Leonardo Arroyo e Cecilia Meireles.

No segundo capítulo, o diálogo é construído a partir do I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infanto-Juvenil da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil*

¹⁰MOISES, Massaud. *A análise literária*. 8.ed. São Paulo : Cultrix, 1987. p.131.

*Ao solicitarmos o material do Encontro à FNLIJ, esta nos enviou apenas comunicações esparsas, por isso deixam de ser incluídos certos nomes considerados nesta dissertação como críticos importantes que ajudaram a construir o pensamento sobre a literatura infanto-juvenil na década de 80. Entre eles: Vera Teixeira Aguiar, Maria Antonieta Antunes Cunha, Sonia Salomão Khéde, Glória Maria Fialho Pondé.

(FNLIJ), em 1980. Em seguida, enfoca-se a Revista *Leitura: teoria & prática*, desde seu número zero (1982) até o número 5 (1985), destacando a programação do 4º e 5º Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Em 1985 ainda, ocorre o II Encontro de Especialistas, agora inserido no I Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil da FNLIJ. Posteriormente, retoma-se a Revista desde o número 6 (1985) ao número 9, de 1987, ano da realização do 6º COLE e do II Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil da FNLIJ. A seqüência é composta pela avaliação da Revista números 10 (1987) a 13, de 1989, quando têm lugar o 7º COLE e o 3º Congresso da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. O capítulo se encerra com *Leitura: teoria & prática* números 14 (1989) e 15 (1990). As comunicações dos Congressos, a forma mais direta de confronto dos especialistas, e os artigos, as resenhas e divulgação de pesquisas da Revista possibilitaram o revelar das diferentes/semelhantes concepções dos críticos na década de 80.

O terceiro capítulo confirma a inter-relação dialógica estabelecida entre os próprios críticos da década de 80, através de seus livros. O encadeamento do diálogo foi realizado de tal forma que permitisse a continuidade da fala, ou seja, que a última referência de um crítico anunciasse a fala desse mesmo crítico, num suceder de idéias, assuntos, concepções. Não houve preocupação em pormenorizar o aspecto biográfico, pois o relevante para esta dissertação eram a produção referenciada e a instituição a que o crítico está ligado, indicadoras da origem dos centros de irradiação do conhecimento sobre o assunto no Brasil.

As conclusões destacam principalmente que saber ler traz implícito um conceito de leitura e uma visão de mundo que estão intimamente relacionadas às possibilidades da leitura. Advém daí um enfoque diferenciado para o ensino da literatura infanto-juvenil, apregoado pelos críticos que construíram o pensamento sobre a área no País.

Esta tentativa de priorizar a trajetória do pensamento de especialistas preocupados com a formação de leitores críticos não esgota as possibilidades que o tema suscita. Talvez, um próximo passo pudesse ser a avaliação do grau de aproveitamento da reflexão da crítica na prática escolar.

1 OS CRITICOS DA DECADE DE 80 DIALOGAM COM OS SEUS PRECURSORES

O percurso da produção de literatura infanto-juvenil, desde seus primórdios até a década de 60, evidencia uma tendência para organizar estudos dentro de uma visão comprometida acentuadamente com a finalidade pedagógica; a mudança desse direcionamento vai verificar-se muito lentamente. Talvez, um indicador da lentidão com que novas idéias foram sendo desenvolvidas nesse campo seja o arraigamento a interpretações de cunho tradicional existente nos quadros institucionais. Considerando-se que grande parte da produção literária voltada ao público infanto-juvenil tinha finalidade didática, cabe a hipótese da existência de outras funções em relação ao uso da literatura.

Pode-se ressaltar, de início, que alguns autores brasileiros, a partir da segunda metade deste século, realizaram vários estudos a respeito de literatura infantil e seu ensino. trata-se, contudo, de um número pequeno de publicações em que o referencial teórico estrangeiro está inclusive muito presente. A este respeito, são ilustrativas as palavras de Antonio AVILA sobre essa produção: "Obra escrita nos raros lazares de nossas ocupações habituais e sem o auxílio de fontes de consulta, escassas e pobres entre nós (....)".¹

¹AVILA, Antonio. Literatura infanto-juvenil. De acordo com o programa das escolas normais. 3.ed. Rev. e ampl. São Paulo : Editora do Brasil, 1964. (2.ed. 1962 e 1.ed. 1958). p.10.

A preocupação real desses estudiosos é com o ensino da literatura infantil em todos os níveis, verificando-se em suas observações um direcionamento exclusivamente didático, que os torna insuficientes para a produção voltada à pesquisa literária.

Entre os inúmeros autores comprometidos com tal linha, encontram-se Antonio AVILA,² Nazira SALEM,³ Bárbara Vasconcelos de CARVALHO,⁴ e Maria Antonieta Antunes CUNHA.⁵ Destaca-se, entre eles, o trabalho de Nelly Novaes COELHO⁶ que, mesmo enfatizando o objetivo didático, desenvolveria uma pesquisa mais elaborada no que tange ao panorama histórico e à conceituação da literatura infantil.

Mas não se pode deixar de assinalar que em suas primeiras publicações a respeito do tema, a autora também se volta ao objetivo didático em detrimento do enfoque literário.*

"(...) conseguiremos atingir nosso objetivo didático com esta publicação?"

"No sentido de colaborar para que os novos caminhos didáticos sejam encontrados, aqui oferecemos certos recursos que se têm revelado de alguma validade para a experiência educativa através dos textos".⁸

²AVILA, Antonio. *Literatura...*

³SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. 2.ed. ampl. e rev. São Paulo : Mestre Jou, 1970. (1.ed. de 1959. Sob o título *Literatura infantil*).

⁴CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compêndio de literatura infantil*. 3.ed. ampl. São Paulo : IBEP. (1.ed. 1950). Em 1973 publicou *Literatura infantil estudos*. São Paulo : Ed. Lotus, que foi ampliada e revista em 1982 sob o título *A literatura infantil: visão histórica e crítica*.

⁵CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Como ensinar literatura infantil: para os colégios normais*. Belo Horizonte : Bernardo Alvares S.A.. 1968. (Foi reeditado na década de 70).

⁶COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura (sugestões metodológicas para o curso secundário e normal)*. São Paulo : FTD SA, 1966. (2.ed. 1973 rev. e ampl.).

*A exemplificação dada é relativa à introdução da 1ª e 2ª edição.

⁷COELHO, p.8.

⁸COELHO, p.9.

Convém salientar que a autora não foi considerada nesta dissertação como precursora porque os críticos da década de 80 tomam como referência suas obras dessa década. Além disso, Nelly Novaes Coelho parece não fazer parte das diversas posições destes críticos em relação a literatura infantil. Por exemplo, a autora não é citada nos livros de Ezequiel Theodoro da Silva.

Isto ocorre também com a produção de Maria Antonieta Antunes Cunha que se manteve fiel à linha de ensino da literatura.

Exemplo da insistência na manutenção de um pensamento e resistência à incorporação de novas concepções é o fato de que, a cada nova reedição desses livros, faz-se apenas uma revisão das obras, anexando-se ocasionalmente alguns tópicos novos, tais como: interpretações de histórias infantis, indicações sobre as formas de trabalhar a bibliografia de acordo com a faixa etária dos leitores, sugestões de atividades utilizando poesia e teatro, entre outros. Embora a orientação didática permaneça a mesma, a justificativa constante para tal atitude é encontrada sistematicamente no próprio corpo das pesquisas. Observa-se no discurso de Bárbara Vasconcelos de CARVALHO, por exemplo, a relutância do período em incorporar um tratamento inovador na área:

"Esta literatura tem por objetivo formar e desenvolver o hábito e o gosto de leitura: disciplinar a atenção; estimular a inteligência e a memória; cultivar a imaginação; despertar o interesse pela sociedade humana e seus problemas comuns; vivificar o espírito, finalmente, aperfeiçoar o caráter, pois sabemos que a arte é, sobretudo, edificante e moralizadora predispondo o espírito para os valores estéticos e éticos, para o bem e para o belo".⁹ (sem grifo no original).

⁹CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compêndio...* p.156.

Assim, a constância de uma concepção de caráter funcional à literatura infantil em sala de aula restringiu bastante o pensamento criativo. Não raro, os autores formalizaram sua posição entendendo a literatura como instrumento para moldagem do caráter e aperfeiçoamento da conduta ou como via de acesso a um refinamento intelectual. E toda uma visão herdada da metafísica platônica em que o essencial residia na correlação do belo com a verdade e o bem.¹⁰ Vê-se na literatura os meios para atingir o bem e o belo. Moral e estética entrelaçam-se numa posição educativa livresca, idealista e clássica.

Por outro lado, raros são os momentos na bibliografia crítica do período em que aparecem posicionamentos a respeito da política educacional, das condições materiais das bibliotecas escolares ou da situação sócio-econômica da clientela escolar. Pode-se apenas detectar que a literatura infanto-juvenil em sala de aula era vista como um fim em si mesma, ou seja, uma disciplina isolada do currículo, cujo propósito era moldar o caráter e aprimorar o vocabulário e a escrita.

Esse tipo de encaminhamento do assunto favoreceu a manutenção de uma visão tradicionalista, em que pese a existência, em épocas anteriores, de um número, ainda que restrito, de intelectuais que já percebiam a relação das injunções políticas, sociais, editoriais e pedagógicas com a crise da leitura na escola.

São exemplos de estudiosos com uma concepção

¹⁰JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção : colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. A literatura e o leitor. São Paulo : Paz e Terra. Coleção Literatura e Teoria Literária. V.36. p.43.

diferenciada a respeito de literatura infantil. Fernando AZEVEDO¹¹ e Alceu AMOROSO LIMA, entre outros. Eles deram uma grande contribuição para a revitalização e desenvolvimento das concepções acerca da literatura infantil, principalmente no tocante à conceituação. Estes autores aprofundaram a questão do conceito de literatura infantil desprovido de um caráter utilitário. Tal enfoque privilegiou o potencial prazeroso que o aluno pode revelar no ato de ler, dando margem ao questionamento do caráter impositivo da literatura enquanto atividade escolar. É um pensamento em que a motivação pessoal adquire posição delineadora da relação dos alunos com a literatura. Dessa forma, as análises contêm aguçado teor crítico a respeito da relação da literatura com a escola, como é verificada no seguinte trecho de Alceu AMOROSO LIMA:

"É mister, primordialmente, fazer compreender às crianças que a leitura não é um dever mas um prazer. A criança repugna naturalmente os entraves da educação, que desde pequenina lhe vem impedindo as melhores alegrias dos atos proibidos. Se ela percebe desde logo que a leitura é apenas um forma de educação, e portanto mais um empecilho à sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação".¹²

Cabe entretanto ressaltar que tais idéias já tinham sido tratadas antes da década de 50. Monteiro Lobato propagou de forma eloqüente, em prefácio e cartas a amigos, seu posicionamento crítico mordaz a respeito da linguagem excessivamente literária das histórias infantis, que considerava inadequada ao público infantil, e mesmo à

¹¹AZEVEDO, Fernando. A educação e seus problemas. 1º Tomo. São Paulo : Melhoramentos, 1958.

¹²AMOROSO LIMA, Alceu. Estudos literários. Edição organizada por Afrânio Coutinho com assistência do autor. Rio de Janeiro : Companhia Aguiar Editora, 1966. p.347.

importação da maneira européia de trabalhar a temática de tais histórias; censurava também o desprezo dos editores nacionais para com o livro infantil.

Pode-se tomar conhecimento desse pensamento crítico do autor através de suas cartas à Godofredo Rangel que mais tarde foram reunidas em livro onde Monteiro Lobato argumenta:

"(...) É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o coração de Amicis - um livro tendente a formar italianinhos (...)"¹³

Monteiro Lobato atuou em várias vertentes como editor, crítico e autor. Quanto ao aspecto literário, ele soube criar personagens e espaços que ainda não perderam sua originalidade e atualidade. Foi um dos autores infantis mais lido e comentado do País. A partir dele inicia-se uma literatura infantil genuinamente brasileira. Algumas destas características literárias são salientadas por Laura Sandroni:

"Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Seus textos estão cheios de citações e alusões que remetem a outros personagens, a outras épocas históricas e seus protagonistas. Ele foi um autor engajado, comprometido com os problemas do seu tempo".¹⁴

Mas, apesar de Monteiro Lobato ter exercido uma grande influência sobre o pensamento crítico a respeito do assunto na década de 80, não houve uma reflexão sistematizada sobre as

¹³LOBATO, José Bento Monteiro. A barca de Gleire, 14.ed., São Paulo : Ed. Brasiliense, 1972. p.245.

¹⁴SANDRONI, Laura. De Lobato a Bojunga: as reinacões renovadas. Rio de Janeiro : Agir, 1987. p.60.

questões que levantou, possivelmente porque, como já se disse, seus escritos, enquanto crítica literária, não tenham sido formalizados em obra, aparecendo esparsos em prefácios e cartas a amigos. Essa influência será contudo explicitada no decorrer desta dissertação através dos críticos da década de 80.

A partir da consideração dessas posições preliminares para o tema a que o estudo se propõe, atinge-se o momento de abordar os pesquisadores que melhor condensam o pensamento nacional sobre a literatura infantil nas últimas quatro décadas. Neste propósito destacam-se Paulo Freire, Leonardo Arroyo e Cecília Meireles. Respeitadas suas singularidades, estes autores desenvolveram de forma mais significativa um pensamento crítico a respeito de literatura infantil e sua articulação com a escola. Talvez seja a ousadia de suas análises o fator responsável pela permanência e atualidade de suas idéias. Por isso mesmo, esta pesquisa resgatou-os em função da sua interação com o ideário da crítica atual. Eles foram selecionados por contribuições específicas: Paulo Freire por sua abordagem social e política do ato de ler; Leonardo Arroyo por seu trabalho de pesquisa sobre as fontes dessa literatura no Brasil e Cecília Meireles por suas inquietantes investigações em torno da concepção e conceituação da literatura infantil.

Nesta articulação, conforme já foi dito, aparece o educador Paulo Freire encabeçando a tríade de autores precursores, não pelo aspecto cronológico ou de importância - já que este estudioso é o que está mais próximo, ou mesmo, produzindo e fazendo parte dos debates a respeito de leitura

literária na escola na década de 80 - mas sim pela abrangência de suas preocupações a respeito de cultura, educação, conhecimento, prática pedagógica e social e o significado do ato de ler.

Sendo assim, a ordem de exposição é intencional, à medida que parte de uma visão panorâmica com Paulo Freire, diminui esta focalização com Leonardo Arroyo, pois este se dedica a investigar as fontes da literatura infanto-juvenil, e finaliza com Cecília Meireles, que estuda esta literatura enquanto sua especificidade estética. Com um outro nível diferenciado de preocupação no universo articulado à literatura infantil, insere-se o educador Paulo Freire. Defendendo a educação como um ato comprometido e não como uma prática neutra; ele vê uma responsabilidade política no ato educativo.

Educação, para ele, é um método de ação transformadora que se efetiva numa prática educativa baseada no diálogo entre o educador e os educandos. O professor faz um convite a seus alunos para que percebam criticamente a realidade. Dessa maneira, aprender a ler e escrever é mais do que uma simples transferência do saber, é a profunda compreensão do significado de dizer e escrever a palavra: "Um comportamento humano que envolve ação e reflexão".¹⁵ Expressar a palavra é revelar o mundo. "Criar e recriar, decidir, optar".¹⁶ Em decorrência desse ato estabelece-se um compromisso entre o educador e os educandos levando à humanização de ambos.

¹⁵FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 8.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982. (1ª edição em 1975). p.49.

¹⁶FREIRE, p.49.

Os reflexos desta postura crítica aparecem em inúmeras obras, como em *A arte de fazer artes*, de Glória Pondé, onde se encontra a seguinte afirmação:

"A leitura, na nossa sociedade, é uma forma de dar voz ao cidadão e é preciso prepará-lo para tornar-se sujeito no ato de ler, como preconiza Paulo Freire: quer dizer, o livro deve levar a uma leitura/interpretação da vida que ajude o indivíduo na transformação do mundo".¹⁷

Para Freire, a educação para a libertação é um "ato de conhecimento", pois pressupõe um método, uma teoria educativa, para alcançar uma meta. E também um "ato político" porque se baseia na responsabilidade em assumir o papel de agente do próprio pensar na busca de novos conhecimentos. E nessa procura de reconhecer o conhecimento, os homens tornam-se criativos, ou seja, transformadores, recriadores da realidade.

Paulo Freire, assumindo o pressuposto de que o ato de conhecimento é um processo com profundas conotações sociais, não o concebe sem ser uma prática educativa conscientizadora. Imprime a todo seu pensamento uma circularidade, onde se inter-relacionam "o ato de conhecimento, e "o ato político".

Ezequiel Theodoro da SILVA, seguindo a linha crítica social do pensador Paulo Freire, vê a leitura como atividade de linguagem, especificamente dos seres humanos, exigindo, portanto, ação e reflexão. Assim, sendo, enfoca o leitor infantil; como sujeito criativo desse processo:

¹⁷PONDE, Glória. *A arte de fazer artes* : como escrever histórias para as crianças e adolescentes. Rio de Janeiro : Editorial Nórdica, 1985. p.51.

"A leitura não se configura como um processo passivo. Longe disso, por exigir descoberta e re-criação, a leitura coloca-se como produção e sempre supõe trabalho do sujeito-leitor. Mas especificamente, a obra literária, ao amarrar-se a um leitor, desvia-se da mera contemplação irracional e passiva, exigindo desse leitor a sua participação criadora".¹⁸

O educador Paulo Freire afirma que a linguagem e o pensamento estão imbricados e somente ocorrem socialmente; nesta medida, a expressão é uma necessidade profunda dos seres humanos. Assim, a educação alcança seu objetivo, onde quer que ela se dê, no momento em que propicia aos educandos o desenvolvimento dessa expressão. Nesse contexto, ler é inteirar-se da palavra escrita na busca dos significados do texto. Com isso, FREIRE embasa toda uma linha de raciocínio, argumentando que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra".¹⁹

Emanações do pensamento que vê a leitura como possibilidade, podem ser detectadas em Ezequiel Theodoro da SILVA, quando trabalha com a seguinte idéia:

(....) um texto sempre se refere a um determinado contexto; ele é, em verdade, uma 'ponte' ou uma 'janela' para determinados aspectos da realidade. (....) Assim, a leitura de um texto não pode ficar nos limites dela mesma, mas remeter o leitor à percepção, conhecimento e análise da realidade.²⁰

Freire circunscreve seus estudos a estas questões: conhecimento, linguagem, educação, ato de ler e escrever.

¹⁸SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas : Papyrus, 1986. p.25.

¹⁹FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 11.ed. São Paulo : Cortez, 1986. p.11. Apesar deste livro ter sido editado em 1982 as reflexões acerca da leitura são elaborações do decorrer de décadas anteriores, mas que só puderam ser formalizadas quando de sua volta do exílio. Portanto, suas considerações já circulavam nos meios acadêmicos brasileiros na década de 70.

²⁰SILVA, Ezequiel Theodoro da, p.106.

expressão humana, entre outros assuntos, sendo escassas as referências específicas à literatura infanto-juvenil. Vale destacar, no entanto, que o autor exerceu uma grande influência na mudança de mentalidade dos estudiosos da literatura infanto-juvenil na escola. O pensamento crítico da década de 80, em muitos pontos, pôde avançar à medida que incorporou suas concepções teórico-críticas.

E, pois, em função da compreensão dessa nova tendência em conceber a relação do texto literário em sala de aula que se percebe em Marisa LAJOLO uma identificação com o pensamento de Paulo Freire:

"O importante é que haja um sentido crítico que norteie permanentemente a atitude com que o professor, juntamente com a classe, se entrega ao jogo do texto (....).

Com esta perspectiva para o curso de literatura, o texto pode deixar de constituir pretexto e ilustração do que já se cristalizou como um teoria ou uma história da literatura. É a cada novo texto com que se defronta, o aluno pode vivenciar de forma crítica a atitude de sujeito, não só de linguagem, mas de uma teoria e uma história da literatura do seu povo".²¹

A educação como prática da liberdade, em que saber e experiência se confundem, leva ainda Paulo Freire a defender uma coerência do educador, em sua opção no tocante às respostas (que assume) às questões: "onde estou"?, "a favor de quem estou"?, e ainda "saber e conhecer o quê"? Nessa vertente, encontram-se as argumentações de Eliana YUNES e Glória PONDE quando, fundamentadas em tais idéias, expressam-se a respeito da complementação entre leitura e realidade:

²¹LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1982. (Série Novas Perspectivas). p.62.

"Há, portanto, diferentes níveis de leitura que extrapolam do texto para o mundo. A crise da leitura abarca hoje muitos letrados incapazes de ler a própria realidade do mundo (...). Daí ser impossível uma leitura do consenso, uniforme, pois no conflito das interpretações se revela a diversidade rica de um texto e, através dele, a da realidade".²²

No engajamento político implícito nas posições de Paulo Freire, o ato da leitura ultrapassa, na verdade, a mera interpretação de signos para atingir uma interpretação do mundo. Suas colocações indicam que o livro utilizado como leitura interpretativa possibilita ao indivíduo transformar seu contexto e, num crescendo, questionar e modificar a própria realidade.

Tal postura descarta toda uma tradição verificada no trabalho pedagógico brasileiro com relação à literatura infanto-juvenil, onde havia ênfase num quase consumismo literário, para o qual contribuíam "extensas bibliografias a serem lidas ou estudadas, sem o devido adentramento no texto".²³ Foi ele um batalhador contra a submissão dos estudantes às relações bibliográficas e aos controles de leitura por meio de fichas. Estas, ao invés de possibilitarem o efetivo diálogo entre o texto e o leitor, funcionam mais como dispositivo de catalogação quantitativa das leituras.

Estudiosos do assunto na década de 80 desenvolvem esta idéia seguindo a linha de raciocínio de Paulo FREIRE:

"Acossado por fichas, questionários, provas, o aluno se vê compelido a ler com os olhos do professor, que também o avalia no cumprimento de um dever: do texto resta um pretexto para atividades que se perdem na periferia de sua razão de ser".²⁴

²²YUNES, Eliana e PONDE, Glória. Leitura e leituras da literatura infantil. São Paulo : FTD, 1988. p.58 e 59.

²³FREIRE, Paulo. A importância ... p.19.

²⁴YUNES, Eliane e PONDE, Glória. Leitura e leituras ... p.60.

Em *A importância do ato de ler*, Paulo Freire questiona a atitude docente perante a insistência e a quantidade de leituras, sem a apreensão de seu significado e afirma que tal prática leva a uma memorização mecânica, que conduz a uma visão mágica da palavra escrita.²⁵ Posições como essa têm grande aceitação junto a significativos críticos literários que, em uníssono, ecoam no dizer de Marisa LAJOLO: "A literatura na escola, portanto, consumida com a mesma passividade com que se digerem figuras de geometria e regras gramaticais, habitua o aluno a uma atitude sempre passiva perante o texto".²⁶

O autor argumenta, também, que há uma "sabedoria" no ato da leitura literária, algo que ultrapassa o simples ensinar a ler, pois ele acredita que ninguém "ensina a ler", mas sim, pode-se mostrar ou testemunhar como se lê. O saber ler implica disciplina, ousadia e liberdade. É necessário ler continuamente, ter liberdade para escolher o que se lê e ousar dizer que não entendeu, não conseguiu compreender a história e mesmo interromper a leitura. Freire demonstra que o mais importante é ler com o estudante e não para o estudante.

Fundamentos dessa visão verificam-se nos discursos da crítica sobre a literatura infantil na escola na década de 80. Os estudiosos de diferentes correntes estão atentos a esse novo pensar e são responsáveis pela divulgação dessas idéias. Maria Helena MARTINS, elabora seu pensamento a respeito da leitura a partir dos argumentos de Paulo Freire:

²⁵FREIRE, Paulo. *A importância...*, p.19.

²⁶LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Rio de Janeiro : Globo, 1982. p.51.

"Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta".²⁷

Outra questão levantada com base na exigência de uma posição crítica perante o texto considera a bagagem individual como fator de suporte para uma leitura criativa. A partir de Paulo Freire surge o questionamento nos meios acadêmicos à chamada "leitura bancária". O autor usa a expressão "educação bancária" para designar um tipo de educação impositiva:

"Em que o educador substitui a expressividade pela doação de expressões que o educando deve ir 'capitalizando'. Quando mais efetivamente o faça tanto melhor o educando será considerado".²⁸

Os pesquisadores de literatura infanto-juvenil na escola, ancorados nessa concepção de "educação bancária", passam a designar um tipo de leitura feitas às pressas cujo objetivo é somente cumprir a lista dos livros indicados. Explicação de "leitura bancária" pode ser encontrada na obra de Ezequiel Theodoro da SILVA: "leitura voltada para a decodificação mecânica de grande número de páginas, e não para a compreensão dos textos e seus respectivos contextos".²⁹

Desde a publicação de *Pedagogia do oprimido*, Freire aponta a rigidez do educador que, negando a educação e o

²⁷MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 4.ed. São Paulo : Editora Brasiliense. 1984. (Coleção Primeiros Passos nº 74). p.34.

²⁸FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. p.24.

²⁹SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de pedagogia da literatura*. São Paulo : Martins Fontes. 1988. p.51.

conhecimento como um processo de busca, desenvolve uma noção de educação bancária que ele critica. Observa em tal prática a educação como ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos. A estreita vinculação entre a ação de aprender e a ação de expressar a si mesmo e ao mundo instrumentaliza o sujeito em suas possibilidades de decodificar realmente os significados do texto. Nesse momento a literatura exerce um papel fundamental na escola, pois, proporciona ao aluno a oportunidade de percepção de outras realidades e, de diversas visões de mundo expressas através do texto literário. Assim, conhecer, discutir e aprofundar tais interpretações, posicionam o aluno como agente de seu próprio processo educativo. FREIRE afirma: "Aqui, propriamente, ninguém desvela o mundo ao outro e, ainda quando um sujeito inicia o esforço de desvelamento aos outros é preciso que estes se tornem sujeitos do ato de desvelar-se".³⁰

Para Freire o ato de estudar é o de assumir uma relação com o autor do texto: desenvolver um intercâmbio que ele chama de relação dialógica. Entretanto, esta troca nem sempre implica a exata compreensão, por parte do leitor, do condicionamento histórico-sociológico e ideológico do autor. Ele acrescenta que existe uma relação direta do texto com a bagagem cultural de cada leitor.

Neste contexto, insere-se a questão da indicação bibliográfica, que, para FREIRE, deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora: "(....) a de atender ou a de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos naqueles a quem é proposta".³¹

³⁰FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 13.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983. (Coleção o mundo, Hoje, v.21). p.198.

³¹FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. p.5.

O ato de ler deve conter uma atitude de curiosidade, de indagação e de busca perante o texto literário. Os livros revelam o posicionamento de seus autores com o mundo. Cada época elege um conjunto de temas, ou seja, de valores, idéias e concepções, em permanente discussão.

Reflexos desses discursos que envolvem autor e leitor na trama do texto encontram-se em Ezequiel Theodoro da SILVA:

"Vê-se portanto, que o texto faz a mediação para a comunicação ou interação entre dois contextos, o do autor e do leitor. Através do texto o autor evoca, instiga e indica referenciais que o leitor também transforma ou recria por meio de um processo de atribuição de significados".³²

Freire levantou, ainda, questões a respeito da linguagem, da leitura, da escrita e da alfabetização de adultos. No tocante à educação, ele afirma que a mesma, ao se realizar em um contexto concreto, social, econômico, cultural e político, percebe o homem em interação com os outros homens e o mundo. Este processo é histórico, pois são os seres humanos que fazem e contam a história.

Portanto, ele critica a prática educativa como simples transferência de conhecimentos e moldagem do aluno ao seu meio, já que esse tipo de educação gera passividade e silencia os educandos, não os considerando como seres criativos e fazedores da história.

Pregando uma educação com vistas a possibilitar ao aluno preencher sua necessidade vital de plena expressão, Freire não a percebe, entretanto, como uma ação que tudo pode.

³²SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. p.25.

salvadora. Circunscreve limites à prática educativa, ressaltando a importância da articulação com o momento histórico e com a realidade vivenciada. Aqui, ele transcende os limites escolares, conferindo co-responsabilidade pela educação a toda sociedade.

O segundo autor selecionado por este estudo, Leonardo Arroyo, destaca-se em determinado momento no desenrolar da produção crítica pela novidade de mesclar seu rigoroso levantamento histórico das fontes da literatura infantil no Brasil com um modo de ver desprovido de romantismos e preconceitos. Dessa forma, sempre entendeu esta literatura em sua singularidade:

"Saliente-se que não poucas vezes, a fim de evitar confusões possíveis na problemática da formação da literatura infantil brasileira, que a literatura escolar não deve, nem pode, ser confundida com a literatura infantil propriamente dita".³³

Mesmo não priorizando a educação formal como foco principal de seu estudo, também ele conseguiu apreender a complexidade que envolve a questão da literatura com fins pedagógicos, considerando que tal impasse talvez se deva ao fato de muitos autores não conseguirem trabalhar seus textos respeitando o ponto de vista infantil. Em decorrência disso podem ocorrer conflitos, tendo em vista a polaridade característica destes dois mundos: o adulto, que faz a literatura e o infantil, que a consome. Conseqüentemente, pode-se instalar na criança uma rejeição à leitura.

Da mesma forma que Cecília Meireles, como poderá ser

³³ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. São Paulo : Melhoramentos, 1988. p.165.

visto no andamento do estudo, Arroyo percebe que a criança é capaz, através de suas opções, de configurar a âmbito de aceitação da literatura infantil: "O critério válido (...) é a capacidade crítica da criança em contacto com o livro. O que ela aprovar deve ser naturalmente, a legítima literatura infantil".³⁴ Assim sendo, descarta toda a imposição de autores, principalmente no contexto escolar, privilegiando sempre o caráter prazeroso que deve acompanhar o aluno no ato de ler: "(...) o sentido lúdico da leitura, eis o ponto fundamental, o magno objetivo do livro em relação aos meninos (...)".³⁵ Sob essa perspectiva, o autor se situa como um dos primeiros críticos literários a constatar a empatia que se estabelece entre as crianças e as histórias em quadrinhos.* Com isso, ele reforça sua tese do ludismo como elo essencial entre as crianças e o texto.

A principal obra de Leonardo Arroyo, *Literatura infantil brasileira*, tornou-se um livro fundamental em razão do minucioso trabalho de inventário empreendido pelo autor sobre as origens e o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil. Um dos maiores objetivos do autor ao realizar essa obra foi o de preservar documentos e catálogos antigos, dispersos pelo País e corroídos pelo tempo. Leonardo Arroyo aponta a falta de uma consciência de preservação documental do brasileiro como um entrave para aqueles que se dedicam a pesquisar as fontes de qualquer área do conhecimento no País.

Valorizando essa perspectiva do autor, Maria Helena MARTINS afirma:

³⁴ARROYO, p.41.

³⁵ARROYO, p.41.

*Como veremos mais adiante, Cecília Meireles não considera as histórias em quadrinhos como Literatura Infanto-Juvenil e por isso desestimulava a sua leitura na escola.

"Na esteira do pioneiro, Leonardo Arroyo e uns poucos investigadores bissextos, a partir do final dos anos 70, foram surgindo trabalhos de pesquisadores que se encarregavam de resgatar as pontas soltas da literatura para crianças no Brasil, formando um painel histórico e de reflexão teórico-crítico. A acuidade e abrangência desse material me permitem hoje entrar no assunto sem o quase inevitável capítulo panorâmico".³⁶ (O grifo é do original).

O autor desenvolveu uma análise da literatura infantil, inter-relacionando as prioridades de leitura de cada período com sua contextualização. Leonardo Arroyo revela-se um observador atento às injunções de cada momento histórico, apontando fatores que influenciaram o desenrolar desta literatura. Nesse sentido, ele critica a importação pelo Brasil de obras infanto-juvenis de Portugal, desde o século XIX até quase a metade do século XX, que se dava de forma direta, sem uma prévia preocupação com a adequação à realidade brasileira, tanto no vocabulário quanto nas idéias veiculadas:

"A reação nacional ao enorme predomínio de literatura didática e literatura infantil que nos vinha de Portugal, em obras originais e traduzidas, (...) mas foi particularmente na área escolar que ela começou, passando depois a dar exemplo de inconformismo pleno na área das traduções. A rigor foi uma reação teórica, que se compreende facilmente em face dos profundos laços de identidade que nos ligava a Portugal. A luta não poderia ser declaradamente aberta, a não ser também em casos isolados, já no século XX com o exemplo do poeta Cruz e Souza, como veremos, e alguns professores que estavam sentindo o problema em toda a sua plenitude. Deixava-se aberta a oportunidade de os livros originais e traduzidos entrarem no Brasil".³⁷

Em seus estudos, o autor percebeu a ocorrência desse fenômeno com maior ou menor intensidade em determinadas

³⁶MARTINS, Maria Helena. Crônica de uma utopia : leitura e literatura infantil em trânsito. São Paulo : Brasiliense, 1989. p.21.

³⁷ARROYO, p.163.

regiões do País. Nos centros urbanos, onde o intercâmbio econômico e cultural com a Europa era mais intenso, verificava-se um maior consumo da produção vinda do exterior. Já nas localidades econômica e culturalmente isoladas, houve primeiramente um aproveitamento da literatura oral, com base nas raízes folclóricas. Posteriormente, todo esse rico material registrou-se numa literatura infantil escrita.

A importação sistemática de obras infantis de Portugal até as primeiras décadas do século XX foi sendo aos poucos substituída por traduções em uma expressão mais brasileira. Essa questão levantada por Leonardo Arroyo foi desenvolvida na década de 80 por Laura SANDRONI, sempre levando em conta as pesquisas do autor:

"O editor Quaresma que, com Garnier e Laemmert, formava, no dizer de Leonardo Arroyo, 'a trindade dos fornecedores de livros no Rio de Janeiro', foi o primeiro a perceber a necessidade de uma solução para o conflito da linguagem oral e escrita que afastava o leitor infantil brasileiro da literatura infantil, proveniente de Portugal".³⁸

Leonardo Arroyo apontou também problemas relativos à motivação para a literatura, em decorrência de múltiplos aspectos que iam desde a editoração e a língua utilizada até fatores políticos e culturais da relação Brasil-Portugal. O autor constatou inclusive uma reação do meio estudantil, em meados do século XIX, que passou a utilizar os jornais como substitutos do livro que não satisfazia às suas aspirações literárias:

³⁸SANDRONI, Laura Constância. O nacionalismo na literatura infantil no início do século XX. In: *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2.ed. Org. Sônia Salomão Khéde. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. (Novas Perspectivas, 18). p.32.

"A preocupação pela imprensa escolar era grande na segunda metade do século passado e não ficava apenas nas escolas e colégios, em comunidades mais desenvolvidas. O jornal preenchia, sem dúvida, o lugar do livro, então mais difícil e que pouca atenção ainda estava a merecer dos livreiros e editores brasileiros. É possível também que os jornais ficassem mais baratos e atendessem melhor ao complexo criador dos meninos, já ensaiando diversificada reação à literatura infantil que nos vinha de Portugal, feita por autores portugueses ou traduzida pelos portugueses, como um instrumento lingüístico já diferente do que utilizava no Brasil".³⁹

A análise do autor foi muito realista, atingindo a questão social, vendo em fatores concretos como o analfabetismo empecilhos ao desenvolvimento significativo de um público leitor e, em decorrência, a dificuldade tanto dos autores como dos editores em se dedicar a este tipo de literatura.

Assim sendo, ele conseguiu apontar para os obstáculos de implantação de uma educação primária, que iria consolidar-se somente por volta dos anos 20 deste século, como um dos fatores explicativos do atraso no surgimento de uma literatura infantil no País:

"Nossa educação primária sofreu ao longo dos anos uma falta de compreensão, um desinteresse do ponto de vista prático que explica o enorme atraso em sua sistemática, impedindo assim a existência de leitores suficientes para exigir uma literatura infantil plenamente desenvolvida".⁴⁰

Passados mais de 20 anos da publicação de sua obra (1968), Leonardo Arroyo continua a ser fonte de consulta de importantes críticos da atualidade, cujo pensamento inovador

³⁹ARROYO, p.151.

⁴⁰ARROYO, p.79.

na área da literatura infantil os torna agentes de formação de uma nova mentalidade, como é o caso de Regina Zilberman. Esta autora, sempre que necessário, recorre a fontes do passado tais como Arroyo, para reorganizar e fazer avançar sua linha de raciocínio "(...) sobre os inícios da literatura infantil no Brasil, consulta-se Arroyo Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. 1968".⁴¹

Autores de renomada competência nos meios acadêmicos pesquisam em obras de Leonardo Arroyo de forma recorrente. Nelly Novaes COELHO confirma a posição de Zilberman dizendo que Arroyo é fundamental quando se quer estudar em profundidade o desenvolvimento da história da literatura infantil.

Tal afirmação pode ser observada em nota de rodapé da autora ao tratar das leituras infantis no século XIX:

"Por imposição das circunstâncias, nossa pesquisa foi quase toda indireta: valendo-nos, em geral de levantamentos feitos por diferentes estudiosos, sendo nossa principal fonte, ainda, a pesquisa de Leonardo Arroyo (literatura infantil brasileira), por continuar sendo a mais completa".⁴²

Da mesma forma que Nelly Novaes Coelho, muitos estudiosos das novas gerações evidenciam freqüentemente essa fonte de estudo, mesmo quando não explicitada em notas de rodapé ou citação. Na bibliografia comentada de *Personagens da literatura infanto-juvenil* de Sônia Salomão Khéde, é

⁴¹ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 3.ed. São Paulo : Globo, 1983. (Tese 1). p.48.

⁴²COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. p.280.

ressaltado esse reconhecimento dos estudiosos para com a obra de Leonardo Arroyo: "O livro é um clássico no gênero".⁴³

Por todo o exposto, não é difícil reconhecer que Arroyo realizou um estudo fundamental sobre a evolução da literatura infantil. A confirmação da importância de seu trabalho encontra-se nas inúmeras citações feitas à sua obra pelos críticos de décadas posteriores. Neste sentido, cabe destacar também, a afirmação de Laura Sandroni ao traçar a evolução da literatura infantil, baseia-se em Leonardo Arroyo, colocando de maneira clara em nota de rodapé: "Arroyo, L. (1986) - As informações e datas sobre a história e a evolução da literatura infantil no Brasil e no mundo foram tomadas desse importante livro".⁴⁴

Os críticos procuram, pois, em Leonardo Arroyo o ponto de apoio para suas pesquisas, cujo reconhecimento vem desde o lançamento da *Literatura infantil brasileira*, cujo prefácio o pedagogo Lourenço Filho intitulou: "um livro básico sobre literatura infantil brasileira".⁴⁵

Arroyo foi, sem dúvida, precursor e raiz de uma corrente com grandes preocupações sobre a pesquisa multidisciplinar. Pode-se também argumentar que seu objetivo maior foi o de atingir uma realidade mais ampla do que a didática. E por esta razão, acrescida da relevância de suas pesquisas, que Marisa Lajolo e Regina Zilberman dedicam o

⁴³KHEDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo : Atica, 1986. Série Princípios. p.93.

⁴⁴SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinacões renovadas*. Rio de Janeiro : Agir, 1987. p.20.

⁴⁵ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo : Melhoramentos, 1988. (Prefácio de Lourenço Filho).

livro *Literatura infantil brasileira: história & histórias*: "A Leonardo Arroyo, mestre e pioneiro dos estudos de literatura brasileira, dedicamos este livro".⁴⁶

A permanência de suas idéias é verificada principalmente nos meios acadêmicos, que a elas recorrem quando necessitam de uma visão de conjunto da literatura infantil no Brasil, devido sobretudo ao caráter minucioso de seu trabalho. Sua obra expressa uma investigação multidisciplinar que, ora buscando elementos da sociologia, ora da história da educação e mesmo da antropologia, enfatiza sempre a literatura infantil como parte integrante da literatura geral possuindo critérios específicos de estudo.

Leonardo Arroyo contribuiu sobremaneira para a expansão da discussão teórica sobre a literatura infantil brasileira. Soube reunir criticamente um material até então disperso e dar-lhe uma configuração coerente. Conseqüentemente, recorrer à sua pesquisa é passo fundamental para aqueles que desejam conhecer a história e as fontes da literatura infantil no Brasil.

Apesar dos inúmeros avanços e contribuições na área da literatura infanto-juvenil, ainda aparece com destaque de pioneirismo a posição de Cecília Meireles. A inclusão da autora deve-se também por ter-se em mente a concepção de pioneirismo não apenas como fato cronológico mas como força de atuação.

Pensadora da década de 50, a postura de Cecília Meireles sobre educação é nitidamente impregnada de humanismo.

⁴⁶LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo : Ed. Ática. 1985.

pois como ela diz: "(....) o destino do homem é ser humano e não prático".⁴⁷ Partindo dessa premissa, a autora argumenta que o respeito à criança é o ponto fundamental em um processo educativo. Seus estudos relativos ao folclore permitiram-lhe a visualização do valor da literatura tradicional e popular para o inter-relacionamento dos homens e a construção da temporalidade:

"Em todas as grandes vidas, esse elemento tradicional aparece como raiz profunda, que penetra igualmente o solo pátrio e o solo do mundo, que vem da infância de cada um e da infância de todos, e concorre para essa fusão do individual no coletivo, do coletivo no individual; essa identificação do homem com a humanidade".⁴⁸

Para ela, um livro de literatura infantil é "(....) antes de mais nada uma obra literária".⁴⁹ Sendo assim, afirma que na maior parte da produção literária infantil existe uma tridimensionalidade entrelaçando moral, instrução e recreação, sem ser possível esquecer as sutilezas que envolvem essas facetas:

"Distinção precária e difícil de estabelecer, às vezes, porque esses caracteres não aparecem isolados, mas, ao contrário, freqüentemente se interpenetram. No entanto, sempre se pode discernir entre um livro que ensina a não roubar e o que ensina as quatro operações, ou o que, embora falando de algarismos e virtudes, conduza o leitor para outros horizontes, sem formalismo de aprendizagem, gratuitamente, pelo prazer do passeio".⁵⁰

A visão de Cecília Meireles sobre o prazer da leitura,

⁴⁷MEIRELES, Cecília. Problemas da literatura infantil. 3.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984. p.31 (1ª ed. 1951).

⁴⁸MEIRELES, p.81-82.

⁴⁹MEIRELES, p.123.

⁵⁰MEIRELES, p.99.

de alguma forma, encontra-se reavivada pelos teóricos atualmente dedicados à ciência da linguagem, que argumentam ser possível a criança ter prazer até mesmo numa leitura informativa.

Pode-se deduzir que o objetivo de Cecília Meireles, ao refletir sobre os problemas da literatura infantil, não foi o de dar soluções, mas o de realçar a importância e os variados aspectos dessa literatura, inclusive, em termos pedagógicos.

Com sua capacidade e sensibilidade para apreender a realidade, Cecília Meireles, assim como Monteiro Lobato, produziu uma grande obra, tanto poética e ficcional como crítica. Entre muitas das suas afirmativas, uma das mais citadas é a de que "(...) não haveria uma literatura a priori, mas sim a posteriori".⁵¹ Ela considera como literatura infantil o que as crianças lêem com utilidade e prazer, ou seja, são os leitores através de suas escolhas por este ou aquele livro que darão configuração à literatura infanto-juvenil.

Tal posição permite vislumbrar uma Cecília Meireles educadora, pois já na década de 50 ela manifestava claramente um pensamento que enfatizava a ação do sujeito em seu próprio aprendizado. Isto quando priorizar o educando não era prática corrente no meio educacional, mesmo já sendo idéia veiculada nos círculos acadêmicos.

Atualmente, esse ponto de vista vem permeando a maioria das publicações a respeito do assunto, como se pode observar em Glória PONDE:

⁵¹MEIRELES, p.20.

"Chama-se literatura infanto-juvenil o conjunto das obras que interessam às crianças e jovens. Contudo, nem todos os livros escritos expressamente para eles compõem este acervo. Há histórias criadas originalmente para adultos que foram consagradas pelos jovens, como exemplo, *Robinson Crusoe*".⁵²

Pode-se observar que Marisa LAJOLO e Regina ZILBERMAN recorrem ao mesmo exemplo para reforçar essa idéia:

"(...) Na história da literatura infantil européia são muitos os exemplos de obras, hoje considerados clássicos para a infância, que na sua origem, não continham essa determinação de público. *Robinson Crusoe* e *Viagens de Gulliver* são exemplos que ilustram a tese aqui colocada".⁵³ (O grifo é do original).

A obra mais específica de Cecília Meireles sobre literatura infantil denomina-se *Problemas da literatura infantil*. Tornou-se um clássico entre os críticos do assunto por ser escrito com rigor e beleza, já que só uma poeta como Cecília Meireles poderia ousar dizer, quando se refere ao livro *Alice nos país das maravilhas*, de Lewis Carroll:

"Nos livros de Carroll, descobre-se o que existe, realmente, de maravilhoso, nas coisas cotidianas e em nós. É uma visão nova da vida, do segredo das leis que nos regem, do poder oculto das coisas, das relações entre fenômenos a que estamos sujeitos. Tudo quanto possuímos de poético e também de absurdo se apresenta nesses livros".⁵⁴

E também sensível a influência da obra citada nos meios literários, constatando-se que, desde a sua publicação, aparece

⁵²PONDE, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro : Editorial Nórdica, 1985. p.133.

⁵³LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. p.13.

⁵⁴MEIRELES, p.106.

uma gradativa mudança de mentalidade a respeito de como enfocar a literatura infanto-juvenil.

Edmir PERROTTI, na tentativa de realçar alguns aspectos do discurso utilitário na literatura infantil, remete-se a *Problemas da literatura infantil* para confirmar uma crítica de Cecília Meireles a determinados autores que julgam estar realizando obras literárias pelo mero ato de juntar palavras:

"(...) mas o fazer poético implica o culto àquela beleza gratuita que nos grandes tempos, define a obra-prima. (...) se a beleza é gratuita no seu aparecimento, é utilitária, em seu aproveitamento (...). A arte sempre nos ensina, na sua aparente inutilidade. Os momentos de beleza desinteressada que nos proporciona, tornam-se, em fase posterior, exemplos gerais, figurações da experiência do mundo".⁵⁵

Cecília Meireles não exclui a possibilidade de os livros não precisarem transmitir nada de urgente ou essencial, mas simplesmente cativar o leitor: "Os livros que têm resistido ao tempo (...) são os que possuem qualidades de estilo irresistíveis cativando o leitor da primeira à última página, ainda quando nada lhe transmitam de urgente ou essencial".⁵⁶

Essa posição não significa que ela negasse a capacidade do público infantil quanto à compreensão da obra literária em seu valor intrínseco. Mas pode-se contra-argumentar que há livros que cativam por uma questão de marketing ou de receita, a maioria dos best-sellers comprovam esta afirmação e não são, por isso, literários. Neste sentido Cecília Meireles faz uma ressalva quando diz:

⁵⁵PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo : Icone, 1986. (Coleção Educação Crítica). p.75 e 76.

⁵⁶MEIRELES, p.117.

"O fato de a criança tomar um livro nas mãos, folheá-lo, passar os olhos por algumas páginas não deve iludir ninguém. Há mil artifícios e mil ocasiões para a tentativa, de captura desse difícil leitor. São os aniversários, são as festas, são as capas coloridas, são os títulos empolgantes, são as abundantes gravuras (....)".⁵⁷

Entretanto, a autora defende a tese que as crianças são sensíveis à arte literária e a certos requintes de técnica:

"Que as crianças gostam de histórias ricas de conteúdo humano, prova-o a escolha que têm feito, através dos tempos, entre livros tão variados. Que são sensíveis à arte literária, a certos requintes de técnica, basta ouvir-se o testemunho de alguns que recordam a infância".⁵⁸

Na realidade, o que a autora combatia era o menosprezo dos críticos e autores que não captavam o verdadeiro valor da produção destinada a este público, considerando-o como "literatura menor". No enfoque decorrente da conexão histórica entre literatura infantil e a sua destinação pedagógica reside o cerne da sua argumentação. Cecília Meireles defendia tal literatura, privilegiando sempre as opções infantis e combatendo, na medida do possível, sua imposição pelos adultos. Este ponto de vista é mantido até a década de 80 e permeia o pensamento crítico desse período, como se pode constatar em Lígia CADEMARTORI:

"(...) é escrito para a criança, é lido pela criança. Porém, é escrito, empresariado, divulgado e comprado pelo adulto. A

⁵⁷MEIRELES, p.31.

⁵⁸MEIRELES, p.122.

especificidade do gênero vem dessa assimetria, sendo que todas as diferenças, tensões e intenções da relação adulto/criança manifestam-se, também, na literatura infantil".⁵⁹

Aliás convém lembrar que a literatura infanto-juvenil surge no começo do século XVIII em função do progressivo aumento de um público escolarizado. Pode-se afirmar que essa forma de literatura nasce com a ida da burguesia à escola na Europa. Esse veio editorial é logo percebido e explorado por escritores, editores, instituições escolares. Tendo em conta que Cecília Meireles percebia e criticava estas influências e direcionamento do mundo adulto em relação ao livro infantil, pode-se compreender a noção de uma "só literatura" defendida pela autora:

"Por isso, em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos mais acertado parece submetê-lo ao uso - não estou dizendo à crítica - da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não.

Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente para ela e outro que o não foi, venha a preferir o segundo. Tudo é misterioso, nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar".⁶⁰

Como poeta, Cecília Meireles apreendia a liberdade possibilitada pelo texto, embora se posicionasse com cautela em relação às histórias em quadrinhos:

"O cinema talvez, tenha acentuado demasiadamente a lição visual. Nós, que já tínhamos aprendido o exercício da imaginação, e o raciocínio com idéias, voltaremos a pensar só

⁵⁹CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos nº 163). p.21.

⁶⁰MEIRELES. p.30.

com os objetos presentes, sem os podermos transformar em palavras?

Este é um dos perigos a assinalar nas discutidas histórias em quadrinhos".⁶¹

Por outro lado, quando se refere às *Viagens de Gulliver*, evidencia uma postura flexível quanto à recepção possível do texto:

"Cada um entendeu como pôde, ou como quis. Tal é a sorte de muitos livros. As imagens passaram a viver por si mesmas livres do autor, teceram sua história, ao gosto da sensibilidade dos leitores. Que fazer, quando as personagens adquirem tal força, e podem emancipar-se?"⁶²

Outro tema desenvolvido pela autora - o texto na sala de aula como instrumento de aprendizagem - é uma preocupação antiga ainda debatida e revisada nas décadas posteriores. Cecília MEIRELES foi uma das pioneiras de tal crítica afirmando que os textos são comumente desvirtuados, pois ao serem mutilados para servirem de base ao ensino da língua perdem sua estrutura e significação. Por outro lado, muitos textos são construídos com fins didáticos não levando em conta o seu caráter literário:

"Os livros de aprender a ler e as histórias que imediatamente se seguem, como aplicação da leitura, podem, excepcionalmente, possuir interesse literário, por um milagre do autor. Pois, como o que se tem visto é o exercício da linguagem, e a obediência a estas ou àquelas recomendações pedagógicas, o texto fica mais ou menos na dependência desse mecanismo, sem grandes possibilidades para a imaginação".⁶³

⁶¹MEIRELES, p.147.

⁶²MEIRELES, p.92.

⁶³MEIRELES, p.25 e 26.

Marisa LAJOLO em "O Texto não é Pretexto", desenvolve o mesmo assunto da seguinte maneira:

"(...) em situações escolares, o texto costuma virar pretexto, ser intermediário de aprendizagem outras que não ele mesmo. É no entanto, texto nenhum nasceu para ser objeto de estudo, de dissecação, de análise. Salvo raras e modernas exceções".⁶⁴

A convergência entre a crítica atual e as colocações de Cecília Meireles demonstra que determinadas questões sobre a literatura infanto-juvenil podem ser revitalizadas, pois não perderam o seu impacto. Tais considerações podem sempre ser vistas sob um novo ângulo ou em visão ampliada. Essa preocupação com o valor estético, enquanto critério norteador da criação literária para crianças e jovens e não como critério utilitário, é uma questão instigante que parece sedimentar-se no pensamento dos críticos dos anos 80.

A constatação de que no Brasil o pensamento crítico a respeito de leitura literária na escola alcança um real progresso no momento em que os estudiosos do assunto dialogam subliminarmente entre eles mesmos e seus precursores ensejou que se efetivasse neste capítulo o resgate conceitual dos autores aqui considerados como os antecessores deste pensamento crítico na década de 80. Na verdade, tentou-se localizar os mananciais das posições atuais relativas à literatura infanto-juvenil. Assim, a localização destes veios em Paulo Freire, em Leonardo Arroyo e em Cecília Meireles

⁶⁴LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: *Leitura em crise na escola : as alternativas do professor*. 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1982. p.53.

deve-se a suas posições suficientemente abrangentes e inovadoras, conferindo-lhes uma permanência no ideário atual.

Os críticos de literatura infanto-juvenil na escola conversam com o texto de Paulo Freire quando a problemática concerne à relação professor, aluno, texto, escola e sociedade. Mas quando as fontes são o assunto dessa literatura, recorrem a Leonardo Arroyo. Contudo, quando buscam questões intrínsecas da literatura infanto-juvenil, sem dúvida a interlocutora é Cecília Meireles. Cada um, em seu tempo, pensou a literatura infantil de maneira diferenciada. Em nenhum momento tentou-se uma comparação ou uma convergência entre as posições de tais estudiosos. Respeitando os contextos que possibilitaram a formalização de suas idéias, o que se pretendeu foi captar seus postulados a respeito de literatura infantil e sua aplicação educacional.

Voltando a Bakhtin quando discorre a respeito do discurso dialógico, a ênfase deste capítulo prendeu-se justamente ao diálogo travado entre a crítica atual e os autores considerados como fonte detonadora de tal reflexão.

2 O DIALOGO NOS CONGRESSOS E NA REVISTA LEITURA: TEORIA & PRÁTICA

2.1 "PRA INICIO DE CONVERSA"

A literatura infanto-juvenil surge e se desenvolve no Brasil com uma preocupação acentuadamente pedagógica e modelar. Isto se deve, entre outras razões, por ela ter sido produzida em grande parte por professores, até o aparecimento de Monteiro Lobato. Portanto, o livro de literatura infanto-juvenil nasceu praticamente dentro da escola.

E exatamente devido a essa estreita relação entre literatura infanto-juvenil e escola que Regina Zilberman e Marisa Lajolo argumentam que houve no Brasil uma imitação do que ocorreu na Europa no século XVIII, ou seja:

"(...) a literatura e a escola revestem-se de uma importância especial quando a sociedade passa por um modelo de transformação, caracterizado, de modo geral, pelo empenho em prol de modernização".¹

Mas no País, essa reprodução só viria a manifestar-se no início do século XX, quando a escola passa a assumir, tanto no âmbito governamental-institucional como na própria sociedade, um papel relevante enquanto agente de transformação.*

¹ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo : Global. 1986. p.249.

*Não esquecer que nas primeiras décadas deste século foi intenso o apelo para minimizar o analfabetismo e o atraso sócio-cultural que distanciavam o Brasil dos países desenvolvidos.

Em decorrência do uso da escola como redentora do atraso social e econômico, o ensino começa a ser questionado por influentes pedagogos, políticos e intelectuais. Conseqüentemente, surge também a crítica e com ela o esboço de uma teoria da literatura infanto-juvenil. Nesse contexto, a literatura destinada à criança sofre uma reavaliação quanto à adequação da linguagem - pois eram editados em Portugal -, quanto aos aspectos editoriais e seu valor enquanto literatura.

E nesse momento (1921) é publicado o livro de Monteiro Lobato *A menina do narizinho arrebitado*, sobre o qual Laura SANDRONI tece esta observação:

"(...) José Bento Monteiro Lobato inaugura o que convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada a crianças e jovens (...) sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precederam, já que é quase toda permeada do ânimo de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos que problematiza de modo a ser compreendido por criança e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro, antecipatória do Modernismo".²

Apesar de todas as discussões, e salvo Monteiro Lobato, não houve mudanças efetivas, já que os livros de leitura adotados nas escolas até a década de 50 e começo de 60, em sua maioria, eram traduções ou livros escritos por professores com o intuito de "bem educar".

A precária infra-estrutura educacional, aliada a uma falta de reflexão mais sistemática por parte dos educadores, intelectuais e críticos literários, e mesmo o descaso dos editores para com os livros infantis são alguns fatores

²SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renações renovadas*. Rio de Janeiro : Agir, 1987. p.47.

determinantes para que essa situação perdure até o final da década de 60 e começo da de 70. No dizer de ZILBERMAN e LAJOLO, existe uma certa unanimidade quanto à má qualidade do livro de leitura infantil, contudo, não acontece a esperada alteração do quadro:

"(...) acompanhando estas manifestações esporádicas, mas ainda assim, relevantes, verifica-se que, desde o início, se reitera a má qualidade dos livros infantis publicados no Brasil. De Lobato a Fernando Azevedo, após as denúncias de Amoroso Lima e Lourenço Filho, a nota é uma só: os livros são autênticos catecismos, aborrecidos e desestimuladores da leitura continuada".³

E novamente o discurso se repete: tal como ocorrera no início do século, a escola volta a ser convocada para atuar no salto de desenvolvimento que o País pretendia dar. O tão propalado "milagre econômico" não poderia se concretizar com o elevado número de analfabetos.

Um panorama desse período pode ser encontrado em *Literatura infantil brasileira: história & histórias*:

"São os anos do 'milagre brasileiro', de vultosos empréstimos externos, da expansão da indústria automobilística e da construção civil, de projetos da envergadura da Transamazônica e de Itaipu. Com o crescimento do mercado interno, favorecido por uma política econômica que moderniza o sistema de crédito e estimula as exportações, as ações sobem vertiginosamente na Bolsa. Com isso, certas frações da classe média brasileira desfrutam de um desafogo econômico temporário, ao mesmo tempo que o arrocho salarial aperta as classes mais baixas".⁴

E, para atender à emergência de uma clientela escolar

³ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças...* p.255.

⁴LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira, história & histórias*. São Paulo : Ática, 1985. Série Fundamentos. p.130.

cada vez maior e à necessidade de dar escolarização com "rapidez e competência". surge a Lei 5692/71. Eliana YUNES expressa a situação e a circunstância em que acontece esta reforma de ensino:

"Com efeito, é nos anos 70 que o Brasil vive modificações substantivas que alteram o panorama cultural, embora não tenha suplantado sua condição de nação subdesenvolvida. O crescimento urbano libera um público amplo que, embora cativado preferencialmente pelos meios de comunicação de massa, consiste num contingente respeitável de consumidores de objetos de arte. É a reforma de ensino instituída no início da década propicia um espaço mais vasto para o emprego do texto em sala de aula, porque aumenta o número de estudantes, ao alargar, de cinco para oito anos, a faixa de escolaridade obrigatória".⁵

Além disso, a Lei recomenda aos professores de "Comunicação e Expressão" que utilizem preferencialmente, texto de literatura de autores brasileiros. Novamente a literatura infanto-juvenil se vê atrelada ao sistema de ensino.

O mercado editorial percebe um filão promissor a explorar e começa a injetar quantias razoáveis na produção de livros literários infanto-juvenis. Com isso, alguns escritores consagrados da literatura nacional passam a escrever para crianças e jovens, ao mesmo tempo que novos escritores e ilustradores são atraídos para a área. Desta forma, há um aumento qualitativo e quantitativo, e começa o propalado "boom" na literatura infanto-juvenil na década de 70.

É significativo o aumento das tiragens e títulos dos

⁵A leitura e a formação do leitor : questões culturais e pedagógicas [organização e apresentação de Eliana Yunes; introdução de Glória Fialho Pondé]. Rio de Janeiro : Antares, 1984. p.13.

livros literários infanto-juvenis. Em 1942 LOURENÇO FILHO,⁶ fazendo uma avaliação da produção editorial voltada para esta área, constata a precariedade desse mercado. Ele afirma que havia 605 títulos neste campo editorial. Já, de 1974 a 1979, o Sindicato Nacional do Editores de Livros aponta o aumento respectivo de 424 para 1.160 títulos, despontando o ano de 76 com 1.245 títulos. Desses números, importa salientar que, em 79, dos 1.160 títulos relacionados, 586 eram de autores nacionais com uma tiragem de 7,6 milhões e 574 eram traduções, cuja tiragem atingiu o montante de 9,3 milhões de exemplares.⁷

Portanto, as melhorias das condições de infra-estrutura desse mercado, e sua sedimentação, propiciaram o surgimento de livros de excelente qualidade, em termos gráficos, de ilustração e de texto literário. Segundo Nelly Novaes COELHO:

"A explosão de criatividade que, na década anterior se dá na área da música popular brasileira, em meados dos anos 70, vai se dar com a Literatura Infantil/Juvenil e também com o Teatro Infantil (....) experimentalismo com a linguagem, com a estruturação narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma literatura inquieta/questionadora, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que vive; questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada (....). Esse valor repercute além das fronteiras. Foram inúmeras as distinções concedidas no exterior a nossa produção (seja através de prêmios ou de traduções). E em 1983, o Prêmio Internacional Hans Christian Andersen (espécie de Nobel da literatura infantil) foi concedido ao Brasil pelo conjunto da obra de Lygia Bojunga Nunes".⁸

⁶LOURENÇO FILHO, Manuel. Como aperfeiçoar a literatura infantil. Boletim informativo. Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, s.d., p.10.

⁷SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. In: PONDE, Glória. A arte de fazer artes; como escrever para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro : Editorial Nórdica, 1985. p.36-37.

⁸COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infanto-juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo. 3.ed. (ref. e ampl.). São Paulo : Quiron, 1985. p.214.

Em decorrência desse crescimento de mercado e da "explosão de criatividade" emerge a necessidade de uma vertente avaliadora que se concretiza na proliferação de instituições e programas direcionados à difusão da leitura e à ampliação da discussão sobre a literatura infanto-juvenil. São criados a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), várias associações de professores de Língua e Literatura, Centro de Pesquisas Literárias em 1977, os Congressos de Leitura do Brasil, realizados na UNICAMP, a partir de 1978, e a Academia Brasileira de Literatura Infanto-Juvenil (1979). Paralelamente, o Instituto Nacional do Livro co-edita, responsabilizando-se também pela distribuição, considerável número de livros literários destinados ao sistema escolar.

Pode-se afirmar que as décadas de 60 e 70 constituíram um período de germinação do pensamento a respeito de literatura infanto-juvenil.

Muitos dos críticos que publicariam seus livros com certa freqüência na década de 80, estão nesse momento empenhados no aperfeiçoamento de sua formação em cursos de pós-graduação no país e no exterior a exemplo de Regina Zilberman (Alemanha e Inglaterra) e Ezequiel Theodoro da Silva (Estados Unidos). Por esta razão, a grande parte da produção desses críticos tem sua circulação quase que restrita aos meios acadêmicos, como também em congressos e seminários, em forma limitada de cópias, revistas, monografias e artigos. Não se pode esquecer também a conjuntura política brasileira.

visto que, nessa época, houve um período de cerceamento da atividade intelectual no País.*

2.2. TECENDO A PROSA

O "boom" na literatura infanto-juvenil na década de 70 estava a exigir uma leitura crítica e avaliadora da criação literária e do ensino dessa literatura. Um encontro de professores universitários ligados aos estudos da literatura infantil e juvenil marca o início da década de 80. Um longo silêncio é rompido justamente por um diálogo em que os críticos vão se expor publicamente, revelando-se e desvendando para onde até então direcionavam suas reflexões.

O panorama sócio-econômico e político da época contribuiria para delinear o caminho da reflexão sobre as histórias infanto-juvenis. Nesse momento, a nova etapa do capitalismo trilhada pelo Brasil possibilitava que os investimentos na produção cultural se tornassem cada vez mais expressivos; ao mesmo tempo as instituições se apropriavam da execução da política cultural do Estado. Nesse quadro, a literatura infanto-juvenil - um rico filão, já intensamente explorado a partir de 70 - é também incentivada por abrangentes projetos de leitura e de difusão e distribuição massiva de livros. Note-se que o Encontro em 1980 é realizado

*Revolução de 64, ditadura militar, perseguições de ordem ideológica e política, prisões e desaparecimento de cidadãos em órgãos oficiais - invasões de campus universitários, muitos professores foram demitidos e exilados como também intelectuais e artistas.

sob a promoção da Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil,* apoiada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

A condução política seguia os ditames da conjuntura internacional, que pressionava as lideranças nacionais no sentido da redemocratização do Brasil. A redemocratização vinha também ao encontro das aspirações de uma grande parcela da sociedade civil. E na efervescência desses acontecimentos, havia a necessidade de reflexão e ação por parte de diferentes agentes sociais. Então, recorre-se ao "saber instituído": a universidade. Tanto é assim que o Encontro é realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para lá convergem professores universitários ligados a diferentes instituições e procedentes dos principais pontos de irradiação de conhecimento do País. A abertura do I Encontro de Professores Universitários da Literatura Infantil e Juvenil foi feita por Nelly Novaes Coelho, responsável pela implantação, em 1980, da disciplina de Literatura Infante-Juvenil na Universidade de São Paulo-USP. Sua comunicação e a de vários outros participantes do Encontro vieram a constituir importantes livros.**

Nelly Novaes COELHO, ao fazer a comunicação de abertura

*Deve-se levar em conta que esse Encontro está inserido em um âmbito maior, ou seja, numa política cultural da UNESCO voltada para a criança dos países do Terceiro Mundo. O Encontro foi programado em 1979 e tinha como propósito avaliar e difundir a problemática da leitura em três diferentes e importantes aspectos: produção, distribuição e consumo. A execução do projeto ficou a cargo da Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil. Ver a respeito PERROTTI, Edmir. Confinamento cultural: infância e leitura. São Paulo : Summus Editorial, 1990.

**A comunicação de Nelly Novaes Coelho, "A Literatura infantil: abertura para à formação de uma nova mentalidade" constituiu posteriormente um item do capítulo "Literatura Infantil: Problemas de Conceituação", do livro A literatura infantil, reeditado pela autora em 1982.

do encontro. traduz a abrangência e complexidade das temáticas emergentes:

"A área é extremamente diversificada; os processos os mais variados; valores, idéias, comportamentos existem numa pluralidade fecunda, pois a humanidade é feita de diversidade e não de um bloco monolítico de valores, tendências ou aspirações".⁹

Com efeito, o Encontro acolheu as mais variadas tendências ideológicas, demonstrou diferentes e convergentes encaminhamentos para a questão literatura/ensino e delineou o perfil dos participantes, tanto em termos de fundamentação teórica quanto de áreas de especialização - produção de texto, ilustração crítica.

Em sua comunicação, Nelly Novaes COELHO destaca ainda o relevante papel da literatura na formação dos "seres imaturos":

"Ela é a mediadora ideal (porque dá prazer, emociona, alegra, engaja o ser inteiro em sua leitura), para levar o homem (e o ser imaturo, especialmente) a descobrir o mundo em que deve viver em contínua e essencial relação com os outros e com a verdade e responsabilidade" de seu próprio 'eu'.¹⁰

Essa autora discute aspectos culturais e fundamentações teóricas, essenciais, segundo seu ponto de vista, para a criação da literatura infantil e juvenil e a subsequente leitura crítica avaliadora:

⁹COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil : abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. I. Rio de Janeiro. 1980. Anais. Rio de Janeiro. FNLIJ. 1980. p.5.

¹⁰COELHO, N.N. A literatura infantil : abertura ... p.4-5.

"(...) além de ser um instrumento de emoção, diversão ou prazer (...) deve desempenhar a tarefa de abrir caminho para a nova mentalidade a ser conquistada brevemente (...)"¹¹

Ao contrário da amplitude do pensamento de Nelly Coelho, a comunicação* de Regina ZILBERMAN preocupa-se com as relações específicas da literatura e seu ensino. A esse respeito conclui:

"Como se vê, se se procurou várias vezes enfatizar a autonomia da literatura infantil em relação a uma finalidade pedagógica, pode-se perceber que os vínculos entre estes dois campos se reatam por outros caminhos. E a metodologia impulsionada pela didática pode se converter num instrumento vital para que se alcance a principal meta relativa à presença da literatura na escola, qual seja, a conversão do livro num meio de cultura e lazer, liberto de uma inclinação doutrinária."¹²

ZILBERMAN não discute o papel formador desta literatura, mas sim o fato de ser ela reprodutora da visão de mundo do adulto, desconsiderando "a especificidade e o gosto infantis".

O trabalho da estudiosa é um dos mais elaborados do Encontro, pois discute pontos teóricos textuais, literários, históricos, sociais, pedagógicos e culturais ligados a esta literatura e sua relação com a escola.

Reforçando um outro aspecto, Ezequiel Theodoro da SILVA, em sua comunicação intitulada "Teoria da Literatura na Formação Básica do Professor de Literatura Infantil e

¹¹COELHO, N.N. A literatura infantil : abertura ... p.12.

*Intitulada "Literatura e Ensino", a comunicação de Zilberman constituiu o primeiro capítulo do livro "Autoritarismo e Emancipação", publicado em 1987.

¹²ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil e ensino. In: ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. I. Rio de Janeiro, 1980. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ, 1989. p.52.

Juvenil".* adverte para a "falta de embasamento teórico" a respeito da ciência da leitura que ele considera imprescindível para a prática pedagógica. Afirma ainda que a escola tem constantemente confundido "leitura com processo de alfabetização" e, conseqüentemente, "aluno alfabetizado" com "aluno leitor". Declara também que a leitura não é somente tarefa do professor de Comunicação e Expressão, mas:

"A leitura, enquanto um meio para a aquisição e transformação da cultura, está presente em todas as disciplinas acadêmicas da escola. Por isto mesmo, todo professor é ou deveria ser um orientador concreto da leitura".¹³

E as possibilidades de construção de uma nova prática em interação com os alunos encontram-se em "Literatura Infantil e Juvenil: Uma Experiência no Ensino de Letras", um relato de Maria Helena MARTINS sobre o processo experimental por ela implementado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Já Eliana YUNES recupera o levantamento histórico da literatura infanto-juvenil realizado por Leonardo Arroyo em 1968. Complementa a sua Comunicação com uma avaliação que abrange a produção literária desde Lobato até 1980. E observa que:"

"(...) seja quanto à forma ou quanto ao sentido. Jorge Amado, Cecília Meireles para citar um romancista e um poeta contemporâneos, descobriram em tempo que a literatura infantil é arte séria ainda que Lobato, o precursor, tenha insistido

*O terceiro tópico dessa comunicação foi publicado no livro "Leitura e Realidade Brasileira".

¹³SILVA, Ezequiel Theodoro da. Teoria da leitura na formação básica do professor de literatura infantil e juvenil. In : ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, I. Rio de Janeiro, 1980. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ, 1980. p.130.

teoricamente em banir a literatura de seus textos: dos caminhos que deixou, puderam os autores atuais recuperar tradições da melhor qualidade literária".¹⁴

"... Mas as Crianças Gostam!","* de Edmir PERROTTI, introduz o papel da crítica literária infanto-juvenil afirmando que: "cabe, antes à crítica, ressaltar os valores estéticos da obra (....)". Cabe, pois, ao crítico, uma função educativa que é a de criar:

"(....) um diálogo pelo qual ele tenta formar a capacidade de sentir, de julgar e de agir (da criança)". Aceitar opiniões estereotipadas, vindas das crianças ou de seus porta-vozes, parece-me ser mais um meio de se retardar a objetivação da terceira forma de relação que apontamos anteriormente, e que os espíritos mais lúcidos já conseguiram, ao menos teoricamente, vislumbrar. Desfazer os estereótipos, é, pois, função da crítica. Os das crianças e os seus, naturalmente".¹⁵

Nessa linha de preocupação crítica, Laura Constância SANDRONI, por sua vez, elabora, em sua comunicação, critérios para análise crítica de livros infanto-juvenis, relatando a sua vivência enquanto jornalista especializada em artigos sobre literatura infantil e juvenil, e a posterior necessidade de aprofundar aspectos teóricos básicos inerentes à função crítica dessa literatura. Argumenta que:

"(....) Mas de certa forma me parece que foi muito bom que essa necessidade de conhecimento da teoria tenha vindo como decorrência de uma prática e não o inverso. Isto porque ao

¹⁴YUNES, Eliana. Os caminhos da literatura infantil e juvenil brasileira. In : ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. I Rio de Janeiro, 1980. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ, 1980. p.167.

*Essa comunicação foi publicada no livro *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*.

¹⁵PERROTTI, Edmir. "... Mas as crianças gostam!". In : ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, I. Rio de Janeiro, 1980. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ, 1980.

mergulhar num texto deixo-me levar pela intuição numa primeira leitura, sem métodos de análise definidos, para somente depois contemplar os diversos problemas que o texto propõe".¹⁶

O Encontro abre um espaço para um tema até então pouco discutido, os aspectos relativos à ilustração. Regina Iolanda WERNECK chama a atenção para a idéia de que: "transmitir uma mensagem não é privilégio da linguagem escrita. A pictórica também conta história" (p.149), pois: "A ilustração confere ao livro, além do seu valor estético, o apoio, a pausa e o devaneio, tão importantes numa leitura criadora" (p.148).¹⁷

Werneck aponta, em sua conclusão, para a importância do livro nos seus vários aspectos formais e a interação entre ilustração e texto, recomendando a inclusão do estudo da imagem na cadeira de Literatura Infanto-Juvenil:

"Podemos afirmar, com base em nossa experiência, que desde a mais tenra idade as crianças precisam manusear livros de diferentes países; ouvir histórias de diferentes gêneros e autores, observar e distinguir revistas, jornais, histórias em quadrinhos; observar que o livro tem autor, ilustrador, títulos, folhas, páginas, cores e letras, identificar objetos de sua vivência em três dimensões com objetos representativos nos livros em suas dimensões e vice-versa".¹⁸

Dois anos após a realização do I Encontro em 1980, é lançada a Revista *Leitura: teoria & prática*, sob a

¹⁶SANDRONI, Laura Constância. O nacionalismo na Literatura Infantil no início do século XX. In: *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2.ed. Org. Sonia Salomão Khéde. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1986. (Coleção Novas Perspectivas), 18. p.309-310.

¹⁷WERNECK, Regina Iolanda. O problema da ilustração no livro infantil: In: *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. e.ed. Org. Sonia Salomão Khéde. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. (1.ed. 1982).

A comunicação de Regina Werneck foi publicada também na Revista Tempo Brasileiro, de out. dez. de 1980.

¹⁸WERNECK, R.I. O problema da ilustração... p.153.

responsabilidade da Associação de Leitura do Brasil. A Revista foi fundada no 3º Congresso de Leitura* (COLE), em 1981, e

"(...) nasce com o propósito principal de servir como veículo para a comunicação e o intercâmbio entre aquele que se preocupam com os propósitos de leitura em nossa país.
.....

(....) Pretende ser um forum semestral de debates (....).

Paulo Freire - recém-chegado do exílio - tinha aberto o 3º COLE com uma conferência sobre a importância do ato de ler. O número zero da Revista, ao publicar uma entrevista com Paulo Freire, concedida a Ezequiel Theodoro da Silva - seguidor dos pensamento deste educador - deixa claro o enfoque crítico e transformador de *Leitura: teoria & prática*. A síntese desse posicionamento está nas palavras de Paulo Freire:

"(...) (porque há também uma espécie assim de sabedoria do fazer a leitura, que você obtém fazendo a leitura) (...). Isto é: você não ensina propriamente a ler, a não ser que o outro leia, mas o que você pode é testemunhar ao aluno como você lê e o seu testemunho é eminentemente pedagógico". (p.8)

E importante observar que alguns dos especialistas presentes no I Encontro da FNLIJ têm trabalhos divulgados no número zero. Além de Ezequiel Theodoro da Silva, pertencente à equipe editorial da Revista, aparecem Regina Zilberman e Laura Constância Sandroni, que, atendendo a uma proposta da Revista de integração entre entidades ligadas à área, divulga os objetivos e as atividades da FNLIJ. Aliás, este número é

*O 1º COLE foi realizado em 1978, em Campinas, no Departamento de Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação da UNICAMP. Não se têm notícias das comunicações apresentadas nesse Congresso e, por outro lado, é intenção desta dissertação tratar dos COLES como informação veiculada pela Revista.

selecionado para o programa Salas de Leitura - MEC/FAE (Fundação de Assistência ao Estudante), que prevê a distribuição no âmbito nacional.

A Revista nº 1, de abril de 1983, intitula seu editorial "Leitura e Escola - o que pode haver entre elas" e traz como epígrafe um pensamento de Paulo Freire: "que não é o discurso que ajuiza a prática, mas a prática que ajuiza o discurso".

Dentre os artigos desse número, destaca-se "Sociedade e Democratização da Leitura" de Regina ZILBERMAN, em que apresenta um levantamento histórico do desenvolvimento da leitura no mundo ocidental e critica a ação da escola: "sendo a entidade que recebe a incumbência de ensinar a ler, a escola tem interpretado esta tarefa de um modo mecânico e estático" (p.9). Advoga ainda a necessidade de uma política concreta para a formação de leitores.

Já o artigo de Glória Maria Fialho PONDE, "Como Despertar o Prazer da Leitura", situa-se na própria prática de formação de leitores, tendo como embasamento os pressupostos:

"(...) há que salientar que a leitura só se implanta efetivamente se estiver associada ao prazer, ao jogo e à arte, de modo que o receptor sinta-se sempre envolvido e motivado por ela, tendo também contato com as formas de comunicação mais bem elaboradas que caracterizam a arte em geral" (p.14). (sem grifo no original).

Na seção Atualização sobre "A Importância do Ato de Ler", Maria Helena MARTINS, em "A Hora do Atabaque", destaca a "coerência entre idéias, prática educacional, linguagem e a realidade que as gerou e desenvolveu" (p.47). A autora ainda salienta que o livro de Paulo Freire apresenta os fundamentos do processo de compreensão da linguagem: ler e escrever, que não se encerra no simples ato

mecânico, mas sim no sentido da recriação da própria realidade, como proposta de combate ao "elitismo" e a "opressão". E "contra as formulações rígidas da leitura" expressa as opiniões de Ezequiel Theodoro da SILVA a respeito do livro *O que é Leitura*, de Maria Helena MARTINS. Para ele, a contribuição dessa obra é valiosa, por oferecer novas possibilidades de reflexão sobre o tema, principalmente ao apontar as barreiras que se originam nas "práticas formalistas e mecânicas, através das quais se ensina a leitura nas escolas" (p.48). O resenhista descreve a estrutura formal do livro que se configura na relação entre leitura, cultura e sociedade, e toma as palavras da autora para conceituar a leitura: "(...) a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem" e mais "(...) o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido". (p.48-49).

Leitura: teoria e prática nº 2 é de outubro de 1983. Seu editorial "Leitura na Sociedade Democrática: do discurso à ação" vem sedimentar a linha teórica da publicação.

"A Leitura nos Currículos Oficiais", de Vera Teixeira AGUIAR, é um artigo voltado a delinear as deficiências encontradas no ensino da leitura, em diferentes Estados brasileiros. A grande reflexão consiste, para ela, em: "como desenvolver o gosto pela leitura, que contribuirá para o desenvolvimento integral do educando como ser social, sem oferecer-lhe livros?" (p.33).

Em Atualização, Regina ZILBERMAN resenha o livro de Ezequiel T. da SILVA, *Leitura e realidade brasileira*. Observa que a obra discute a partir da leitura todo o contexto nacional, mostrando a necessidade de um amplo movimento de

democratização da leitura, o que, em última instância, significa a democratização da própria sociedade. A resenha "Da leitura até a reflexão sobre a vida brasileira" enfatiza: "A história das crises de leitura confunde-se, pois, com pelo menos a história do Brasil republicano" (p.42). E a continuidade e o acirramento da crise afeta igualmente tanto os leitores como aqueles que trabalham com a leitura: "Em razão disto, o agravamento determina uma mobilização ampla da coletividade, o que se reflete na realização de seminários, nas discussões públicas e nas publicações a respeito do assunto" (p.42-43). A resenhista ressalta ainda que Ezequiel propõe um "fundamento social e político da circulação da leitura na coletividade e no funcionamento da escola". (p.43).

Ainda na mesma seção, Olga MOLINA em "Onde estão as polêmicas?" atém-se a discutir a organização do livro *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*, de Sonia Salomão KHEDE, por entendê-la defasada temporalmente e por considerar não ser esta a melhor forma de divulgação de Comunicações apresentadas em congressos e seminários, pois resulta num "desgate para um assunto tão importante".

Nesse mesmo número é divulgado o programa do 4º Congresso de Leitura do Brasil (4º COLE), que teria como tema "Leitura na Sociedade Democrática: do discurso à ação".*

Em julho de 1984 é lançado o nº 3. O editorial "Leitura e Prática Pedagógica" recupera o significado do 4º COLE para a superação da situação "do faz-de-conta do ensinar e aprender a ler".

Em função de grande interesse despertado, a Revista

*Entre os participantes desse COLE nota-se a presença de: Nelly Novaes Coelho, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Zilberman, Olga Molina, Vera Teixeira Aguiar, Maria da Glória Bordini, Glória Maria Fialho Pondé, Maria Helena Martins. O organizador do Congresso foi Ezequiel Theodoro da Silva.

publica a palestra proferida por Marisa Lajolo no mesmo Congresso. Em "Tecendo a leitura", a autora denuncia o papel alienante do profissional da leitura na escola brasileira:

"De tal forma a ato da leitura foi se afastando de uma prática individual que a tarefa que hoje se solicita de nós, profissionais da leitura, é sermos um elo a mais na longa cadeia que se interpõe entre o leitor e o significado do texto. (...) O que se reserva para nós (...) é a função de divulgadores de livros, de vendedores de significados, de intermediários no consumo de textos impressos. Tomarmos consciência desse papel que temos cumprido talvez seja o primeiro passo para a ruptura da cadeia de alienação em que se insere a prática escolar da leitura no Brasil de hoje" (p.4).

A autora assinala que o professor, para despertar em seus alunos o prazer da leitura, ele mesmo precisa gostar de ler.

Na seção Pesquisas, Maria da Glória BORDINI divulga a pesquisa "Uma Metodologia Alternativa para a Leitura na Escola", do Centro de Pesquisas Literárias da PUC-RS. Em consonância com o texto de Marisa Lajolo, critica a pouca utilização do livro de literatura: "(...) como fonte de prazer e conhecimento entre alunos e professores na escola brasileira" (p.34).

O número 4 da Revista é de dezembro de 1984. Foi dedicado exclusivamente à discussão do livro didático. O editorial "(...) A gente lia apenas o livro da matéria (...)" reflete a preocupação de pesquisadores e professores quanto à necessidade de uma discussão aprofundada e crítica deste material amplamente usado em sala de aula.

Dos cinco artigos, quatro fizeram parte da 37ª Reunião da SBPC - São Paulo - 84, sendo o primeiro, "O Livro Didático e o Ensino de Literatura na Escola", de Regina Zilberman. Esta autora considera que o livro didático está estruturado no

tripé: "conceito de leitura - texto - exercício". e entende que mudando um dos termos, os demais necessariamente não mudam, chegando até mesmo a reforçar "as características gerais. Se estas se mantêm, é porque respondem a exigências superiores, formuladas pelo conjunto da sociedade e, particularmente, pela indústria livreira nacional, que cresce à proporção em que se expande o ensino brasileiro". E conclui que é impossível separar o livro didático do contexto do capitalismo nacional, pois é "impraticável e ilusório, não compreender por que o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de cunho pragmático" (p.15). E por todas estas razões não consegue vislumbrar uma saída para o livro didático.

Olga MOLINA relata os resultados de uma série de pesquisas feitas entre 1975 a 1983, centrada na leitura dos livros didáticos. Ao contrário de Regina Zilberman, esta professora atribui ao livro didático um certo poder de transformação:

"(...) À meu ver, o livro didático, numa análise mais aprofundada, desde que devidamente cuidado, poderia até mesmo vir a ser um instrumento importante na luta pela independência real do país, decorrendo daí os esforços governamentais que geralmente o cercam, com maior ou menor eficiência em cada caso" (p.16).

No artigo "Poesia: uma frágil vítima de manuais escolares", Marisa LAJOLO assinala que não é suficiente que o livro escolar contenha um texto de qualidade para que o aluno se torne bom leitor, pois as relações "literatura - escola e leitura - escola são sutis e complexas e não se resolvem por uma melhor seleção de textos, quaisquer que sejam os critérios desta seleção e mesmo que ela (seleção) privilegie critérios estéticos" (p.20). Isto porque, segundo a autora, não importa o que o texto diz, mas

sim "o modo como ele diz o que diz". Mas "os livros didáticos não enfatizam em seus exercícios esta característica de um texto literário" (p.25).

"O livro didático na área de Comunicação e Expressão: algumas idéias" pretende responder a: Quem é o professor de Comunicação e Expressão? Como ele se relaciona com o material didático que utiliza? Por que ele escolheu livros tão ruins? A pesquisa de Glória Pondé, Nilda Alves e Wanda Rollim (inacabada na época) tem como conclusão preliminar uma outra questão central obtida através dos dados:

"Por que esses professores, em sua maioria formados no terceiro grau e em concursos ligados à língua portuguesa, adotaram livros tão ruins?

"(....) esses cursos criados imediatamente depois da reforma de 1968 nem sempre apresentam, sabemos por experiência empírica, padrões desejáveis de eficiência e uma preocupação básica com a qualidade?"

.....
 Ou nos dois fatores conjugados: formação deficiente do professor e a qualidade do livro? (p.32).

Na seção "Pesquisas", Lilian Lopes Martin da SILVA apresenta um resumo de sua dissertação de mestrado: "A Escolarização do Leitor: a didática da destruição da leitura".

Na seção "Cartas", Sonia Salomão KHEDE "ajuda" Olga Molina a encontrar "onde estão as polêmicas?", respondendo à resenha de Molina publicada em *Leitura: teoria & prática* nº 2:

"Resta agradecer a Olga Molina o interesse pelo assunto e louvar a recensão em que realiza o que se deve esperar de tal texto: a crítica e a reflexão sobre os livros abordados. Lamenta-se, porém que a falta de consulta aos anais tenha provocado o desvio de rumos para a crítica sobre a organização do volume, quando seriam valiosas outras observações pertinentes ao debate cultural em torno de tema tão importante" (p.57).

O número 5 da Revista *Leitura: teoria & prática* mantém dentro dos seus objetivos a discussão do papel da leitura como importante fator de emancipação da sociedade brasileira, transmitindo o resultado dessa questão, bem como os avanços do conhecimento na área.

Vale ressaltar que, a partir desse número, a Revista passa a divulgar pesquisas e estudos que abordam a leitura de forma mais abrangente; a leitura enquanto texto, processo e linguagem. Então, diminuem os artigos exclusivamente voltados para a leitura literária e, conseqüentemente, os críticos mais conhecidos dão lugar aos especialistas em lingüística. E o que se pode evidenciar, por exemplo, nestes títulos: "Leitura como Processo Inferencial num Universo Cultural-Cognitivo", de Luis Antonio MARCHUSCHI; "Leitura como Suporte para a Produção Textual", de Freda INDURSKY e Maria Alice K. LINN, "A Lingüística e o Ensino de Língua Portuguesa", livro de João Wanderley GERALDI resenhado por Rodolfo ILARI.

"A Linguagem como gesto, como jogo, como palavra: uma forma de ação no mundo", pesquisa de Ana Luísa B. SMOLKA, relata o movimento coletivo de produção de leitura e de linguagem, oral e escrita, por parte de um grupo de crianças de zero a 7 anos de idade, adolescentes e mães. A criança de posse de sua autonomia de linguagem consegue elaborar texto, estórias e livro. Enquanto isso, a escola:

"(...) assume para si a tarefa de ensinar a ler e a escrever, mas (...) esta mesma escola com suas exigências e intransigências, paradoxalmente, bloqueia a fala e impede o diálogo, realizando, quando realiza, uma alfabetização que emudece e cala.

Por que, então, ensinar a criança a ler e a escrever, se nem a deixam falar?" (p.48).

Ainda nesse número é divulgado o 5º Congresso de Leitura do Brasil (5º COLE), a ser realizado na UNICAMP, de 31 de agosto a 3 de setembro 1985, com o objetivo de promover a reflexão sobre as condições:

"(...) de produção e promoção da leitura no Brasil, fundamentalmente nas escolas de 1º e 2º graus, privilegiando os seguintes temas:

- . o professor e as suas condições de leitura;
- . o professor e o ensino da leitura;
- . a pesquisa em leitura: quem faz, como faz e quem usa" (p.62).

A programação apresenta nomes como Regina Zilberman, Edison Gabriel Garcia, Ligia Cademartori, Glória Pondé, João Wanderley Geraldi, Hakira Osakabe, Marisa Lajolo, Ruth Rocha, Lilian Lopes da Silva, Luis Carlos Cagliari, Olga Molina, entre outros.

Em julho de 1985 é realizado o Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil, da FNLIJ, nas dependências da Universidade Federal Fluminense, com apoio da Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social - MUDES. A FNLIJ, dando continuidade ao seu propósito de difusão da leitura, decide substituir o Encontro de Professores Universitários de Literatura Infanto-Juvenil, ocorrido em 1980, por um evento mais abrangente, como é o caso de um congresso. O Encontro, no entanto, continuou dentro das programações do próprio Congresso.

As comunicações apresentadas no Congresso foram feitas por professores e especialistas das mais diferentes regiões do Brasil, confirmando o objetivo da FNLIJ de descentralizar o "poder do saber" e ao mesmo tempo integrar a discussão.

O contexto temático do Congresso teve como título A Importância e os Paradoxos da Leitura na Sociedade Brasileira, dando ênfase aos temas: A Nova Visão do Literário no Texto para Crianças e Jovens; A Criança e a Leitura: O infantil; O Livro para o Jovem - o juvenil; O Nacional e o Popular como um dos aspectos da Identidade Cultural: o brasileiro.

A primeira palestra do Congresso* "A Importância da Leitura na Sociedade Brasileira", proferida por Olga MOLINA, conceitua o que é a leitura: "É a capacidade que o ser humano desenvolve de, ao tomar contato com uma dada realidade (o que me interessa, particularmente, é a realidade do texto escrito), dela se apropriar, transcendendo-a de uma forma crítica, crescendo através dela e ampliando o seu entendimento das coisas".¹⁹ E considera que são inúmeros os entraves no Brasil para se formar um "bom leitor" - crítico na seleção do que vai ler e do que lê. A função da escola, para Olga MOLINA, adquire relevância, pois a ela cabe primordialmente formar leitores: "quando isso não ocorre, a Escola fracassou". E recomenda que se comece a formação competente pelo próprio professor, cabendo às instituições em geral a responsabilidade pela formação de leitores.

Maria da Glória BORDINI em "A crítica da literatura infantil: uma questão problemática" reafirma que os anos 70 foram importantes para que esta literatura atingisse sua maioria e houvesse um aumento dos estudos a ela referentes, dizendo:

*Em sequência, seguem-se as palestras: "O livro para crianças: da produção à circulação", de Paulo Condini; "A teoria da literatura infantil e juvenil", de Manuel Antonio de Castro; "A biblioteca e o contexto social", de Kátia Carvalho.

¹⁹MOLINA, Olga. A importância da leitura na sociedade brasileira. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. I. Rio de Janeiro, 1985. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UFF-RJ, 1985. p.3.

"(...) Nunca houve tamanha especulação, investigação e reflexão quanto nestas últimas décadas em que ascenderam aos foros de intelligentzia brasileira, muito graças à sua atuação junto à literatura infantil, nomes como os de: Marisa Lajolo, Sonia Salomão Khéde, o pioneiro Leonardo Arroyo, Nelly Novaes Coelho, Maria Antonieta Antunes Cunha, Laura Sandroni, Eliana Yunes, Ligia Cademartori e Regina Zilberman".²⁰

BORDINI distingue a crítica acadêmica da crítica de ampla divulgação (jornais e revistas): "Deste crítico não se exige mais que a resenha, informar a existência da obra, exaltar o autor e a apresentação gráfica, dar uma idéia da temática, verificar se o discurso ficcional é acessível e atestar as qualidades educacionais ou lúdicas do texto" (p.47). Já dos especialistas da área acadêmica se requer um conhecimento teórico aprofundado, mas: "A posição da crítica universitária é bem mais cômoda, dirige-se a um público mais cativo - o dos alunos e colegas - e não depende da mídia de massa para fazer-se ouvir" (p.48). Para ela, é fundamental: "(...) conhecer as teorias da literatura, portanto, seria o passo inicial para a atividade crítica em qualquer nível, acadêmico ou de divulgação" (p.50). A formação teórica precária do crítico leva-o, muitas vezes, a uma crítica laudatória baseada no "achismo", na exaltação do autor, da obra, sem preocupação analítica na comprovação das idéias. E de forma contundente finaliza: "Se esses são os pecados capitais da crítica jornalística, em maior escala, e da crítica acadêmica, em menor escala, cumpre não tentar esconder o sol com a peneira. Numa ou noutra, todos os que atuam na imprensa ou na escola já os cometeram: por pressa, por conveniência, por desinformação, por negligência" (p. 51).

No 2º Encontro de especialistas, que estava sendo realizado paralelamente ao Congresso, foram apresentadas três palestras. A primeira delas, "Nova Visão do Literário nos Textos para Crianças e Jovens", de Sonia Salomão KHEDE, começa

²⁰BORDINI, Maria da Glória. A crítica da literatura infantil: uma questão problemática. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL. I, Rio de Janeiro, 1985. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UFPR-RJ, 1985. p.46.

por distinguir produção de texto para crianças e jovens e alerta que a literatura infanto-juvenil emergente vinha exigindo uma avaliação que rompesse com os sistemas teóricos normativos tradicionais, considerando:

"As questões interdisciplinares provocaram debates em torno de inúmeros pontos, dentre os quais sobressaem: a) o gênero e a sua historicidade; b) fantasia e realismo; c) a relação texto, ilustração e aspectos gráficos; d) critérios para utilização de livros em sala de aula; e) faixas de interesses; f) o papel do leitor no processo de criação e recepção dos textos; g) a denúncia dos estereótipos culturais presentes nos textos".²¹

Em síntese, a autora assinala para a existência de muitas e abertas possibilidades para a construção e avaliação da produção artística.

"A Criança e a Escrita: o Infantil", de Eliana YUNES, trata do grau de interferência do conceito de criança na produção literária e infantil, apoiando-se em outras disciplinas - como Sociologia, História, Psicanálise e Pedagogia. A criança pode ser vista sob dois ângulos: "(....) a visão por fora, que além de ser genérica e globalizada, não consulta o ser criança, antes o pressupõe: a visão por dentro que perscruta este ser, avança e recua, interroga e procura ler a coerência do que parece sem nexos externamente".²² Nesse sentido, a literatura contribui para a manifestação das sensações e emoções do mundo infantil. Da visão tradicional e conservadora que vê a criança como ser incompleto, à visão moderna que percebe a criança como "um ser humano completo em cada fase da existência", (p.63) foi dado um grande avanço;

²¹KHEDE, Sonia Salomão. Nova visão do literário no textos para crianças e jovens. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. I. Rio de Janeiro, 1985. Anais. Rio de Janeiro. FNLIJ/UFF-RJ, 1985. p.54.

²²YUNES, Eliana. A criança e a escrita : o infantil. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. I. Rio de Janeiro, 1985. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UFF-RJ, 1985. p.56.

fica evidenciado na forma com que é concebido o personagem criança, no texto ficcional infantil ou não.

"Pedro que só quero pedros, pedra!" ou "O Livro para o Jovem: o Juvenil", de Francisca NOBREGA e Lucy RUAS, está estruturado, de maneira lúdica, numa seqüência concatenada de idéias que, redimensionadas, remetem a outras, transitando segundo sua terminologia entre o objetivo e o subjetivo, entre o científico e o poético. Inicia esclarecendo o que é o literário: "implica aprofundar, refletir, procurar, quvir por dentro, para além das técnicas de confecção (embora passando por elas)".²³ Expõe, a seguir, o papel do professor dizendo: "se há luz no texto e luz nos olhos, contento-me em ensinar a começar ver" (p.67). Passa à conceituação da criança, para diferenciá-la do jovem - assunto central da palestra - e a quem descreve, através do conceito de cultura e seu poder: "o poder da cultura (hoje?) se coloca como uma série infindável de coisas a consumir, promove a automação e desprome a humanização. Fala-se de progresso e esquece-se ou cala-se o futuro histórico" (p.71). Jovem (...) é um elã de transcender da angústia. Não quer ceder (às vezes, concede), quer liberar seus próprios sinais (...) "Somos jovens quando somos, mais livremente o que fomos, por estarmos abertos ao que seremos" (p.70). E, assim, constrói o que seria ler: "(...) é percorrer vestígios, ou seja, investigar o que se oculta, mas quer-se revelar" (p.74). Vista dessa forma, a literatura propiciaria o retorno à "nova ordem".

Eliana YUNES, como redatora do Congresso, faz algumas recomendações para o desenvolvimento da área, tais como: maior apoio das instituições e integração; divulgação nos grandes meios de comunicação da promoção da leitura; necessidade de aprofundamento teórico dos professores e bibliotecários.

²³NOBREGA, Francisca e RUAS, Lucy. Pedro que só quero pedros ou o livro para o jovem : o juvenil. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. I, Rio de Janeiro, 1985. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UFF-RJ, 1985. p.65.

No mesmo ano de 85 é editada a Revista nº 6. O editorial, "Leitura, intensificam-se as discussões", reforça a idéia da importância das discussões em congressos e encontros, com ou sem o apoio do Estado, que acaba por gerar uma política menos romântica e mais realista para a democratização da leitura no Brasil. O resultado do 5º COLE, com 550 participantes, vem comprovar a mobilização de professores e bibliotecários na busca do aperfeiçoamento de suas práticas, contribuindo para a descentralização das discussões, tônica tão apregoada pela Revista.

Eliana YUNES, no artigo "A leitura e o despertar do prazer de ler", propõe novas alternativas para o encaminhamento do prazer da leitura literária pelos professores e bibliotecários. Segundo ela, o despertar do gosto pela literatura requer diferentes caminhos a partir de diferentes ângulos. A base estaria na opção político-pedagógica e no fato de o professor e o bibliotecário gostarem de ler. Com isto:

"(...) são dois os fios que se puxam: o do acesso ao livro e o do interesse pela leitura. Para que um e outro se cruzem é preciso dispor de uma situação em que se reconheça a leitura como condição indispensável ao desenvolvimento social e da realização individual. Pouco adiantará o esforço de multiplicar a produção de livros se o homem não estiver convencido das vantagens de ler" (p.11).

Sendo assim, a autora recomenda programas acessíveis de difusão da leitura para a comunidade, argumentando que é a própria leitura - sua forma de condução nas escolas, nas bibliotecas e nos livros didáticos - que afasta o homem da leitura, e não os meios de comunicação de massa.

Leitura: teoria & prática número 7, de junho de 1986, no seu editorial "Horizontes mais otimistas para o ensino da leitura" elogia a atuação do MEC pela criação da Comissão Nacional Para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Materna, mas adverte para o perigo do destino das recomendações elaboradas pela Comissão. Ressalta ainda que houve entre 1985 e 1986 um aumento expressivo de publicações sobre diferentes aspectos da leitura, graças ao fato de as editoras terem percebido que a qualidade do ensino depende

"(...) da formação dos professores e que essa formação, para se efetivar, precisa de referências teóricas, de reflexão crítica das práticas e/ou de experiências compartilhadas, consubstanciados em obras à disposição no mercado e em circulação nas escolas" (p.2).

E na seção Resenhas que se encontram os nomes relevantes para esta dissertação. "Uma leitura oportuna" é o título da resenha de Olga MOLINA sobre o livro de Magda Soares, *Linguagem e Escola - uma perspectiva social*. Este livro detém-se na compreensão das relações entre linguagem, escola e sociedade "para a fundamentação de uma prática da língua materna realmente competente e compromissada com a transformação social" (p.43). A resenhista sugere, para as próximas edições, a inclusão do incremento do ensino privado, cuja ocorrência foi quase concomitante à maior procura das "camadas populares" pela escola pública, pois:

"(...) para leitores desavisados (o que talvez seja o caso de alguns que procurem volumes de uma coleção de "fundamentos") poderia restar a impressão de que todas as crianças frequentariam escolas semelhantes, onde apenas justamente aquelas originadas das camadas populares iracassariam" (p.45).

A criança e o livro-guia prático de estímulo à literatura, organizado por Laura SANDRONI e Luis Raul MACHADO, é resenhado por Gláucia D'Olim Maroti FERRO. O livro relata experiências de estímulo à literatura infanto-juvenil realizadas de forma inovadora com o apoio da Fundação Roberto Marinho - Hoescht do Brasil a exemplo da "Ciranda de Livros", que consiste na doação de conjuntos de livros de autores nacionais a pequenas escolas rurais e da periferia urbana; um projeto cuja divulgação foi realizada pela primeira vez pela televisão. Algumas dessas experiências já tinham sido expostas no I Encontro de Professores de Literatura Infanto-Juvenil, em 1980.

Em dezembro de 1986 é editado o número 8 da Revista. O editorial "Transição Democrática: estamos democratizando a leitura?" traça um paralelo entre a democratização da leitura e a democratização da sociedade em geral na década de 80. E vê com certo receio o momento de euforia e de dinamização da leitura no sentido de que determinados mecanismos ideológicos, agindo sobre a vida das escolas e bibliotecas, não sejam percebidos, questionados e superados. Prosseguindo, faz um alerta para que professores e bibliotecários participem, através de seus representantes, das discussões da Assembléia Constituinte quanto ao direito à leitura.

"A Leitura como Fetiche", de Edmir PERROTTI, trata do significado social das iniciativas que visaram à incrementação da leitura infanto-juvenil no País. Para tanto, o autor realiza uma revisão histórica das campanhas de formação de hábitos e as múltiplas estratégias para seduzir o leitor, entendendo-as como meios falaciosos e sem nenhuma intenção de

verdadeiramente alterar as desigualdades sociais. Nesse processo, as bibliotecas são meros agentes "da tecnoburocracia da leitura", atendendo leitores despolitizados que têm o livro como fetiche. Na Nova República o processo cultural de promoção continua entregue a planejadores:

"(...) Com isso abre-se espaço para a substituição do cidadão pelo consumidor. O primeiro elege e cria objetos de satisfação do desejo, reconhecendo-os como objetos precários, sujeitos, portanto, à crítica. O consumidor, ao contrário, é conduzido a acreditar no último fetiche como solução. Os estimuladores dos 'hábitos planejados de leituras', ao despolitizarem o ato de ler, estimulam o fetiche" (p.13).

Na seção Pesquisas Concluídas, Maria da Glória BORDINI, coordenando uma equipe com supervisão de Regina Zilberman, apresenta "Literatura e Leitura na Escola de 1º e 2º Graus: um diagnóstico", pesquisa realizada em 1982 no Centro de Pesquisas Literárias da PUC-RS. O objetivo da pesquisa foi examinar o ensino de literatura no 1º e 2º graus, a partir do ângulo do professor e do aluno, como meio de situar e explicar a alegada crise de leitura literária entre as faixas etárias jovens em processo de escolarização.

Quanto aos alunos, a pesquisa constatou que estes não incluem a leitura em sua atividade cotidiana, mas quando têm oportunidade de escolher livros, procuram temas pertinentes aos problemas existenciais próprios de suas faixas etárias. Já quanto aos professores, verificou que, na maioria das vezes, o professor não utiliza o texto integral e, através de atividades dirigidas, inibe o potencial interpretativo dos alunos. Por conseguinte, este ensino ainda reveste-se do

caráter tradicional, não levando em conta as características e os desejos do jovem atual.

Na seção Resenhas, Marcelo STEIN em "Combatendo a política da alienação" trata do livro de Ezequiel Theodoro da Silva, *Leitura na escola e na biblioteca*. O livro está conformado por uma coletânea de palestras feitas a bibliotecários, psicólogos, filósofos e professores, cuja tônica está voltada ao dimensionamento das "tentativas de socialização da leitura, colocando em evidência sua contribuição na transformação de nossa sociedade" (p.59).

O número 9 de *Leitura teoria & prática* é de junho de 1987. "Leitura: agora vai ou racha!", título do editorial, traduz o ânimo de descrença com as instituições político-econômicas e reafirma a luta da Associação de Leitura do Brasil pela democratização da leitura, ressaltando, mais uma vez, o papel dos professores e bibliotecários na formação de leitores críticos.

E na seção Resenhas que aparecem obras de autores enfocados nesta dissertação: Olga Molina e Lilian Lopes Martin da Silva. "Professor pode tirar mais proveito do livro didático" intitula-se a resenha de Denise Bárbara CATANI sobre o livro *Quem engana, quem? professor x livro didático*, de Olga Molina. A resenhista chama a atenção para o fato de o livro privilegiar aspectos como: "seus atributos fundamentais, as razões que devem pesar na escolha do mesmo, porque utilizá-lo e como fazer essa utilização de modo a beneficiar alunos e professores" (p.49). Por outro lado, entende que o título do livro não expressa a profundidade com que o assunto é tratado; na verdade, ao apelar para o sensacionalismo, pode afugentar leitores mais exigentes, diz Denise CATANI.

"Leitura retrata vinte anos de Brasil", de Marcelo

STEIN, trata do livro *A escolarização do leitor, a didática da destruição da leitura*, de Lilian Lopes Martin da SILVA. Neste livro, a autora procura, através de uma pesquisa, responder às questões: será que a escola cumpriu seu papel no que diz respeito à literatura?, será que esta pretensa formação mínima alterou a situação da leitura em nosso País? Para Lilian Lopes Martin da Silva, os resultados não são outros que os já esperados: a escola fracassou, mas esse fracasso é compartilhado com toda a conjuntura sócio-econômica que atua no sentido de não alterar o "status quo".

O número 9 divulga também o 6º COLE a ser realizado de 10 a 13 de setembro de 1987. Seu temário é: "Leitura: a questão dos métodos e os métodos em questão", e seus objetivos:

- "1. Apresentar e discutir princípios que permitam uma reflexão sobre novas metodologias para o ensino da leitura nas escolas brasileiras;
2. Debater questões atinentes às condições de produção da leitura na rede pública de ensino em sua relação direta com as metodologias atualmente adotadas;
3. Recuperar e discutir práticas alternativas para o encaminhamento da leitura no 1º, 2º e 3º graus, aprofundando os seus pressupostos e configurações;
4. Proporcionar aos participantes, através de grupos de estudo (minicursos), conhecimentos que fundamentem novas práticas de leitura no âmbito da escola e da biblioteca" (p.64).

Nota-se na organização desse Congresso a solicitação de apoio a um maior número de entidades, tais como: Faculdade de Letras e Biblioteconomia PUC-CAMPI; FNLIJ; Associação Internacional de Leitura Brasil-Sul, FAPESP; INEP, CAPES e CNPq.

A abertura seria realizada pela educadora e deputada estadual (pelo Estado de São Paulo) Guiomar Namó de Mello. Dentre os inúmeros participantes, destacam-se: Moacir Gadotti (UNICAMP), Edmir Perrotti (USP), Regina Zilberman (PUC-RS), Magda Soares (UFMG), Marisa Lajolo (UNICAMP), Mary Kato (PUC-SP) Ligia Chiappini de Moraes (USP), Maria Helena Martins (USP), Maria da Glória Bordini (UFRS), João Wanderley Geraldi (UNICAMP), Vera Teixeira Aguiar (PUC-RS), Olga Molina (USP).

Em julho de 1987 ocorre o 2º Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil, realizado na Universidade Federal Fluminense e promovido pela FNLIJ, com patrocínio do CNPq e Secretária Geral do MEC e o apoio de inúmeras editoras e empresas como: Nestlé, Coca-Cola, Editora Melhoramentos, Nacional, Record. Deixa de ser promovido o Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil, um indício de que estava sendo modificado o caráter inicial da promoção e encaminhando para tornar-se antes um evento de grande porte, para consolidar, até mesmo financeiramente, a própria FNLIJ, mais do que um fórum de estudos de literatura infantil e juvenil entre professores, especialistas e críticos.

O 2º Congresso* teve como temas: A Literatura Infantil e Juvenil e os Meios de Comunicação de Massa e Contribuição da Literatura Infantil e Juvenil para o Ensino de Língua Materna. Foi presidido por Regina Yolanda, educadora e ilustradora, cujo trabalho com repercussão internacional projetou a própria

*Vale ressaltar que os ANAIS do II CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, julho 1987, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, não contém a totalidade das comunicações e palestras apresentadas, porque não foram enviadas em tempo hábil para a publicação.

FNLIJ. Presta homenagens a Cecília Meireles, a Laura Sandroni (ex-diretora executiva da FNLIJ) e a Ana Maria Machado.

O editorial dos Anais faz um balanço das atividades da FNLIJ, destacando os eventos, prêmios e intercâmbios culturais.

Eliana YUNES, secretária-geral e organizadora dos Anais, proferiu a palestra intitulada "O Espaço da Infância na Cultura". Começa por afirmar que a criança é tida apenas como consumidora de cultura e não como "sujeito do ato de criar", o que acaba por promover a reificação da infância. Esta atitude se insere na concepção de uma "sociedade adultocêntrica e produtiva que trata como equivalentes o deficiente, o velho e o artista, identificados como os que não produzem para o sistema e sua reprodução".²⁴ A passividade infantil e a conseqüente anulação da sua criatividade tem antes sua causa historicamente determinada, do que na propalada incapacidade, imaturidade, irresponsabilidade para participar. Mas a autora coloca que a criança consegue provar sua criatividade e romper com o estabelecido quando:

"(...) na rua, aprendendo a lidar com o sistema, em choques heterodoxos, ela inventa: na mentira, o calço para viabilizar o desejo; na esperteza, a possibilidade de escapar do mais forte; nas tampinhas, nas latas vazias, no lixo do consumismo descartável, o brinquedo, a materialização da fantasia" (p.8).

"Poesia e consciência Lingüística na Infância",* de Maria da Glória BORDINI aborda a literatura infantil em consonância com sua especificidade e esta, por sua vez, está

²⁴YUNES, Eliana. O espaço da infância na cultura. IN : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. II, Rio de Janeiro, 1987. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UFF-RJ, 1987. p.7.

*Comunicação publicada pelo Mercado Aberto, em 1989, com o título: Leitura e Desenvolvimento da Linguagem.

sujeita a "transitoriedade etária de seu leitor". assim como a poesia infantil devido também às limitações lingüísticas - cognitivas deste mesmo receptor. Desta maneira: "O poema pode perder a sua potência significativa à medida que o leitor avança no tempo, bem como pode não conseguir falar a leitores em fases etárias para as quais não foi intencionado".²⁵

A autora constrói o seu raciocínio exemplificando com poemas as várias fases do desenvolvimento da criança, para poder comprovar a sua competência lingüística e para compreender desde cedo o lúdico, o ritmo e a sonoridade da poesia. Desta forma: "A seleção e o trabalho com poesia junto à criança não podem ignorar, portanto, a função do poema infantil de mobilizar integralmente a criança leitora, graças a presentificação dos signos lingüísticos em termos lúdicos, independente dos temas que aborda" (p.11).

O trabalho ficcional com os signos lingüísticos que se apresentam no poema gera um distanciamento crítico no leitor em relação ao mundo das representações que o circunda. Mas:

"(...) Faz isso não renunciando ao prazer do imaginário, à exploração estética de possibilidades fora do alcance da experiência efetiva, porque a linguagem assim lhes faculta apropriando-se do mundo e deixando-o numa reserva de sinais, que podem reconstruí-lo e remodelá-lo para a consciência" (p.11).*

Maria da Glória BORDINI ainda alerta para a "tendência utilitarista da escola", que segue os ditames do estabelecido, e usa o poema em sala de aula, na maioria das vezes, para outros ensinamentos que não a descoberta do poético ficcional.

Em "Partilha e conflito de interpretações em leitura -

²⁵BORDINI, Maria da Glória. Poesia e consciência lingüística na infância. IN : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. II, Rio de Janeiro, 1987. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UFF-RJ, 1987. p.8.

*Esta comunicação foi publicada no livro *Leitura e desenvolvimento da linguagem*.

um caminho para o desenvolvimento da linguagem do leitor infantil".* Ezequiel Theodoro da SILVA coloca em debate uma questão fundamental e preocupante neste momento: "(....) as características do desenvolvimento social, intelectual, lingüístico e afetivo das crianças brasileiras em sua relação direta com as políticas de leitura no âmbito da escola".²⁶

O autor reafirma a necessidade de se conhecer o "ser criança", "o sujeito-criança", em suas fases evolutivas e em sua totalidade. Um dos caminhos para este conhecimento é proporcionado pela psicologia dialética através de alguns autores, como: PENDE, FREUD, KOHLBERG, ERIC ERIKSON, GIBSON e PIAGET.

Sendo assim, a construção da experiência da criança é realizada durante o seu processo de desenvolvimento e está sujeita a estímulos do seu contexto sócio-cultural.

Poucos estudiosos brasileiros têm se debruçado para estudar a natureza da literatura infantil e sua relação com o leitor, ou seja:

"(....) questões relacionadas com a estética da recepção, com a compreensão e fruição de textos diversos, com o consumo de informações passadas por diferentes veículos de comunicação, com a experiência literária construída pelas crianças ao longo de sua trajetória acadêmica (p.12).

Ezequiel, ao concluir, enumera algumas questões relacionadas à prática pedagógica:

*A comunicação foi publicada no livro *Leitura e desenvolvimento da linguagem*.

²⁶SILVA, Ezequiel Theodoro da. Partilha e conflito de interpretações em leitura. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. II. Rio de Janeiro, 1987. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UFF-RJ, 1987. p.11.

"(...) a escola através dos seus professores, oportuniza tempo e espaço para a expressão e partilha das interpretações, dentro de uma atmosfera democrática, livre, não-autoritária (...) a escola está interessada em cultivar a imaginação criadora e a sensibilidade das crianças, vistas aqui como capacidade de experimentação e organização da realidade (...) a escola está decididamente comprometida com o desenvolvimento da criança" (p.13-14).

A palestra de Nelly Novaes COELHO, "Leitura versus leituras", trata da problemática relação leitor e leitura e explicita que na base desta questão aparecem no mínimo duas causas que se imbricam: a primeira, a obrigatoriedade da leitura literária em sala de aula, através da Lei 5692; a segunda seria o avanço das experiências psicolinguísticas que constata que o desenvolvimento da linguagem infantil não é uma atividade interior isolada, mas sim resultado da "interação" compreensão/percepção" do meio circundante pela criança, ou seja: "(...) o alcance ou possibilidades de toda a leitura de texto depende essencialmente das prévias leituras - de mundo que o leitor (...) tenha feito e já incorporado como conhecimento".²⁷

Argumenta a autora que a questão da leitura literária e o ensino de comunicação e expressão são um problema sócio-político-cultural, advindo daí muitos conflitos e discussões a respeito de qual a melhor didática para ensinar leitura literária na escola, levando em conta "(...) as diferentes leituras que cada um já possui, interiorizadas, como bagagem cultural indispensável à decodificação verbal necessária" (p.20).

Em dezembro de 1987 é lançada a Revista número 10. "ALB - Conquistas e desafios", editorial que, como o próprio

²⁷COELHO, Nelly Novaes. Leitura versus leituras. IN : CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. II, Rio de Janeiro, 1987. Anais. Rio de Janeiro. FNLIJ/UFF-RJ, 1987. p.19.

título demonstra, se além ao balanço das atividades da Associação de Leitura do Brasil, principalmente do 6º COLE. A participação de aproximadamente mil pessoas revela a consolidação e o reconhecimento da importância dessa instituição em âmbito nacional. O êxito é resultado do expressivo número de pesquisadores associados e da ampla aceitação dos cadernos da ALB e da Revista *Leitura: teoria & prática*, tanto entre os acadêmicos como entre professores de 1º e 2º graus. Esse mesmo êxito é fato impulsionador para o enfrentamento dos inúmeros e renovados desafios.

Ezequiel Theodoro da SILVA, agora "presidente de honra da ALB", intitula seu ensaio de "O Bibliotecário e a formação do leitor".* Para o autor, a formação do leitor é responsabilidade do trabalho conjunto de órgãos culturais, somado ao dos bibliotecários, porque a "crise da leitura" vem permeando a história do País e:

"(...) conjuga-se, no fundo, com uma intenção diabólica, meticulosamente calculada de manter o povo na miséria, na ignorância e na alienação, ou seja, um povo desarmado em termos de conhecimento e de poder de crítica sobre a razão de ser dos fatos sociais" (p.7).

E inserida a escola nesse quadro, ela reproduz, segundo o autor, as condições para a manutenção de não-leitores. Ao professor hoje cabe o papel de "meros tarefeiros dos circuitos técnico-burocráticos, ou como marionetes do poder dominante". Acresce-se a essa situação, por exemplo, a pesquisa escolar que realizada geralmente em bibliotecas públicas, entra no jogo do faz-de-conta.

*Comunicação apresentada no I Seminário goiano de Biblioteconomia. Goiânia, 25 de maio de 1987.

Para a transformação dessa realidade, conclui Ezequiel da Silva, professores e bibliotecários deveriam ter claro os entraves políticos e sócio-culturais e a partir daí avaliar os diferentes rumos a serem tomados em suas práticas.

Nesse número nota-se uma variedade de assunto tais como: "O Leque do I Ching: considerações de dois leitores e lingüistas", "Discurso, estilo e subjetividade", "A natureza e os livros didáticos". E a maioria dos autores não são nomes recorrentes na publicação.*

Leitura: teoria & prática nº 11, de junho de 1988, coloca no editorial** que o "mundo dos livros" não pertence somente à escola, mas é dela que se exige a formação de leitores. Entretanto, na maioria das vezes a escola até mesmo contribui para a formação de não-leitores, porque a própria sociedade lhe retira as condições por não desejar leitores críticos, capazes de reverter a ordem do sistema.

Olga MOLINA resenha o livro de Ezequiel Theodoro da Silva, *Elementos de pedagogia da leitura*. Segundo ela, o autor privilegia a prática da leitura na escola, denunciando e sugerindo ações. Mas a resenhista pondera que Ezequiel apesar de apontar que a leitura deva ser atividade de todas as disciplinas, o faz "timidamente", porque a obra que se diz dirigida a todos os professores, restringe-se àqueles de Língua Portuguesa das 1^{as} séries, quando trata de leitura literária.

A Revista nº 12, de dezembro de 1988, traz em seu

*Aliás, a partir desse número os críticos enfocados nesta dissertação terão seus trabalhos, na maior parte das vezes, apenas na seção Resenhas.

**Vale lembrar que nem todos os editoriais aparecem com título.

editorial uma severa crítica a mais um mecanismo de elitização do ensino, ou seja, a introdução da redação como prova eliminatória no concurso do vestibular. Afirma que resolver problemas não é criar outros, mas tentar ver criticamente o ensino de 1º e 2º graus, principalmente da área de Comunicação e Expressão.

"Leitura da Literatura: A Hora da Superação" é o título da resenha de Ezequiel Theodoro da SILVA do livro de Regina Zilberman *A leitura e o ensino da Literatura*. Ezequiel apresenta a estrutura do livro chamando a atenção para a divisão das partes, "leitura e sociedade" e "leitura e ensino", e alertando que são trabalhos produzidos no período de 1981 a 1985, muitos deles elaborados para seminários e congressos no País. O livro aborda a produção literária para crianças, discute os processos de seleção e o mimetismo dos livros didáticos, além de discorrer sobre aspectos pertinentes ao vestibular e o currículo do curso de Letras. Dessa forma, diz Ezequiel, o livro torna-se uma importante leitura para aqueles que esperam por uma prática emancipadora nas escolas. Isto porque a obra de ficção possibilita, nas palavras da autora: "(...) estabelecer com o leitor, uma relação entre a fantasia presente encontrada no texto e o universo do seu imaginário. Este percurso, que talvez consista no significado do ato de ler, enquanto possibilidade intelectual de fazer interagir imaginação e raciocínio, fantasia e razão, emoção e inteligência (...)" p.53).

Paulo Freire e Donaldo Macedo têm seu livro *Literacy: reading the word and the world* resenhado pelo paranaense Francisco Gomes de MATOS. Este destaca inicialmente os prêmios da UNESCO recebidos por Paulo Freire por sua produção voltada à alfabetização e educação. Quanto ao livro estudado, o

resenhista ressalva que, em alguns capítulos, Freire reafirma suas posições já publicadas anteriormente, a exemplo da importância do ato de ler.

Outra resenha de Ezequiel Theodoro da SILVA. "Leitura - abaixo a petrificação do já institucionalizado": o livro é de Eny Orlandi, *Discurso e leitura*. Ezequiel entende que este livro abre "novas perspectivas para a construção de uma ciência da leitura", rompendo com explicações tradicionalmente dadas nas áreas da educação e lingüística, o que poderia contribuir para o aprofundamento do ensino e da pesquisa.

De junho de 1989 é a Revista nº 13. O editorial chama a atenção para o 7º COLE, que seria realizado em setembro desse mesmo ano, e cuja organização estaria centrada sobre a intenção de oportunizar um espaço para o tecer de uma: "trama puxando outros fios": "os inúmeros objetivos de leitura (a palavra, a imagem, a ilustração, (...)) têm, do outro lado do leitor, um produtor" (p.2). Nessa interligação/interação está o motivo do convite a todos os especialistas que estudam, todos os escritores que fazem, editores que produzem literatura infanto-juvenil.

"A criança e a Leitura: da obrigação ao lazer",* de Ezequiel Theodoro da SILVA, coloca em discussão a dualidade lazer-obrigação, no sentido de não se configurar: "(...) a ideologia do bem e do mal, ou seja, que o lazer é relaxante e faz bem; que a obrigação é estafante e faz mal" (p.11). Daí a possibilidade de o leitor, mesmo em leituras obrigatórias, informativas ou não, poder sentir prazer. Mas o autor ressalta que um professor para poder ensinar uma criança a ler deve antes ter lido muito e gostar de ler.

*Comunicação apresentada na 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, em São Paulo, 8 de junho de 1988.

Segundo o autor: "a literatura, por ser palavra em liberdade, não se bica com a pedagogia, por ser esta pragmática, modelar, estruturada e convencional" (p.12). Contudo, na escola, a literatura não deve ser posta num pedestal; ela não pode prescindir de uma orientação pedagógica e da intermediação dos professores.

O livro *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, aparece resenhado por Maria Alice de Oliveira FARIA. Segundo esta especialista, o livro é o mais acabado estudo a respeito do ensino da literatura no Brasil; aborda questões fundamentais da área e sugere metodologias para o ensino de literatura no 1º, 2º e 3º graus. As autoras partem do pressuposto da função social e transformadora da leitura e da literatura, concepção intimamente ligada às reais necessidades da sociedade brasileira:

"(...) Toda a atividade de literatura deve, em consequência dessas premissas, resultar num fazer transformador: numa leitura que o aluno descobre e reelabora aquilo que ele é e o que pode ser" (p.48).

A resenhista destaca, ainda, uma importante advertência enfatizada pelas autoras: as práticas pedagógicas são relegadas a um plano inferior, principalmente no curso de Letras, como se esses cursos não fossem basicamente os formadores de professores de 1º e 2º graus, mas somente espaços de discussões intelectuais literárias de alto nível.

Ezequiel Theodoró da SILVA em "Leitura: a vida orientando a palavra" trata do livro de Edson Gabriel Garcia, *A leitura na Escola de 1º Grau*. Por uma outra leitura da

leitura. Ezequiel confere importância ao livro por recuperar experiências da prática de ensino de literatura em sala de aula, demonstrando que, mesmo em situações tão adversas, é possível formar leitores, desde que o professor tenha visão crítica.

A seção Divulgação traz o programa do 7º COLE, a ser realizado em Campinas, de 8 a 10 de setembro de 1989. O temário seria composto por: "Nas malhas da Leitura: puxando outros fios", com o objetivo específico de ampliar:

"(...) a discussão para além do espaço escolar, a fim de possibilitar uma primeira aproximação à caracterização da leitura no interior da sociedade brasileira, pelas ações de diferentes instâncias culturais: TV, cinema, editoras, livrarias, bibliotecas, escolas, órgãos públicos, etc." (p. 55).

Um dado novo surge na promoção do evento: o Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, cujos pesquisadores praticamente assumem a orientação do Congresso, seja pelo elevado número de participantes, seja pelo número e tema de comunicações. Além disso, observa-se a recorrente solicitação de patrocínio a empresas privadas.

Esse Congresso, o último da década de 80, vem comprovar a constante participação dos especialistas enfocados nesta dissertação. Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Maria Helena Martins, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria Antonieta Antunes Cunha, Vera Teixeira Aguiar, Maria da Glória Bordini, Eliana Yunes.

No número 13 é também divulgado o 3º Congresso da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a ser realizado

de 24 a 28 de julho, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Esse Congresso da FNLIJ apresentou como temática: A crítica de livros de Literatura Infantil e Juvenil como e para quê: Ilustração de Livros-Funções e Leituras. Paralelo ao Congresso, teve lugar um Encontro Informal da FNLIJ com os ilustradores, cujo objetivo foi reforçar a Associação de Ilustradores do Rio de Janeiro como representante oficial da classe.

Durante o Congresso, verificou-se que a produção teórica sobre ilustração no Brasil é pequena, o que motivou a reflexão coletiva sobre um projeto para a publicação de um livro sobre o tema e a promoção no Exterior da ilustração brasileira.

Vera Teixeira AGUIAR (PUC-RS) intitulou sua conferência de: "Uma crítica da Literatura Infantil que Transita na Pré-escola", baseada numa pesquisa sobre a situação do livro infantil na pré-escola brasileira, na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Os resultados da pesquisa revelam que a quantidade de livro por criança é insuficiente, tanto em títulos à disposição quanto em número de livros que as crianças lêem anualmente. Esses livros, por outro lado, não são adequados à faixa etária. Os títulos estão restritos, em sua maioria, a coleções de contos de fadas clássicos, cujas versões chegam até mesmo a modificar e a empobrecer suas estruturas

primordiais. Em conseqüência, os conteúdos estão carregados de representação da criança como ser "imobilizado, incapaz de crescer".²⁸

Laura SANDRONI em "A crítica de ilustração" enaltece a atuação da FNLIJ, nesses 21 anos, no incentivo ao aprimoramento dos aspectos gráficos do livro infanto-juvenil no País, seja através de premiações, seja dando espaço nos congressos para nomes como Gian Calvi e Regina Yolanda, entre outros. A autora comenta que a ilustração deu um grande salto qualitativo e quantitativo, mesmo em nível internacional o que pode ser evidenciado pelo prêmio Noma recebido várias vezes por Gian Calvi, Rui de Oliveira e Angela Lago, as reedições de Ziraldo no Exterior e pelo sucesso de Rico em Nova York.

Por outro lado, reafirma SANDRONI:

"(...) há ilustradores que vêm desenvolvendo um pensamento sobre o que é ilustrar para crianças, na trilha aberta por Gian Calvi e Regina Yolanda. Temos Luis Camargo (...) Angela Lago, Fernando Alzugar Azevedo, Rui de Oliveira e tantos outros".²⁹

No Congresso, Sonia Salomão KHEDE ministra um curso sobre "Crítica e Leituras Críticas" no qual concebe as interligações entre a crítica como gênero, nas formas de: resenha, recensão jornalística, pesquisa historiográfica e ensaio e suas respectivas metodologias e também as suas possíveis leituras críticas. Estabeleceu ainda os conceitos de leitura, texto e representação, entre outros. Trabalhou inclusive na questão: "O que seria o texto crítico, a formação do leitor e a perspectiva

²⁸AGUIAR, Vera Teixeira. Uma crítica da literatura infantil que transita na pré-escola. In : CONGRESSO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. 3º, Rio de Janeiro, 1989. Anais. Rio de Janeiro. FBLIJ/UERJ, 1989. p.27.

²⁹SANDRONI, Laura. A crítica de ilustração. In : CONGRESSO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. 3º, Rio de Janeiro, 1981. Anais. Rio de Janeiro. FNLIJ/UERJ, 1989. p.53.

de sua leitura crítica".³⁰ A contribuição teórica foi dada pela Teoria da Informação, da Semiologia e da Estética da Recepção em função da exposição teórica e análise de textos.

Nelly Novaes COELHO faz o Relatório Final dos Cursos sobre Crítica, com o título "A Crítica da Literatura Infantil/Juvenil e suas Relações com a Escola e com a Cultura em Processo". Após a enumeração de vários tópicos de discussão, a autora conclui que a crise da crítica no Brasil, e mesmo em outros países, é decorrente do próprio processo de transformação vivido pela sociedade atual. Nelly Novaes considera que:

"(....) A crise da crítica (bem como a da leitura e a da escrita) é um fenômeno positivo e fecundo, na medida em que exige de todos nós muito trabalho, estudo, obstinação e crença no poder transformador da Educação e da Cultura, através do convívio dos indivíduos (da criança ao adulto) com a Palavra transfigurada pela Arte literária."³¹

No Congresso de 1989, a FNLIJ faz um balanço dos seus vinte e um anos de atividades. A Fundação propiciou a discussão e posterior implantação dos cursos de especialização em literatura infantil e juvenil; foi responsável por importantes projetos, de âmbito nacional, com apoio da iniciativa privada, tais como "Ciranda de Livros", "Livro Mindinho, Seu Vizinho", "Meu livro, Meu Companheiro", "Leia, Criança", "Leia, Recriança". Estiveram à frente dos trabalhos nome como: Laura Sandroni, Glória Pondé e Eliana Yunes.

³⁰KHEDE, Sonia Salomão. Crítica e leituras críticas. In : CONGRESSO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. 3º. Rio de Janeiro, 1989. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UERJ, 1989. p.66.

³¹COELHO, Nelly Novaes. A crítica da literatura infantil/juvenil em suas relações com a escola e com a cultura em processo. IN : CONGRESSO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. 3º. Rio de Janeiro, 1989. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ/UERJ, 1989. p.80.

Em dezembro de 1989 é publicada *Leitura: teoria & prática*, número 14. O editorial recolhe as ações e aspirações da ALB (Associação de Leitura do Brasil), bem como das ocorrências sócio-políticas e econômicas da década, configurando-a como uma década "marcada pela ousadia - ainda que aparentemente tímida". Considera que nos oito anos de atividades, a ALB tem cumprido seu objetivo fundamental, a democratização da leitura no Brasil, denominando-a de "uma tarefa histórica". E isso foi possível graças à realização de Seminários Regionais de leitura, intercâmbio entre seus associados, os COLEs, os cadernos de leitura e a própria Revista, veículo de divulgação das realizações. Mas:

(....) Tempos difíceis esses de reorganização e concretização dos sonhos. Quem elegeremos para presidente? Que políticas queremos para as misérias públicas, como a hiper-inflação, a pobreza, a fome, o analfabetismo, entre tantas outras? Como estamos lutando para colocar em prática as (poucas?) conquistas da Constituição Federal; para escrevermos as Constituições Estaduais; para fazer que a nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional signifique um avanço efetivo no direito de todos os brasileiros à Educação" (p.2).

Na seção Estudos, Maria Thereza Fraga ROCCO apresenta "Oral e Escrito: secções e intersecções". Este ensaio reflete sobre as duas formas de atualização do verbal: o oral e o escrito. Em princípio, dá-se maior ênfase à escrita: mesmo ao se estudar o oral, a referência é a escrita, embora o oral exista sem a escrita:

(....) à escrita, uma vez que passe a fazer parte do aparato verbal-cultural de um grupo, sua posse torna-se um imperativo categórico para todos os indivíduos integrantes de tal grupo. E a escrita vai interagir todo o tempo e o tempo todo com a oralidade, a partir da qual se originou"(p.27).

Tendo presente "as intersecções" e os seccionamentos que ocorrem entre o oral e o escrito, os professores deveriam se aprofundar nessas questões, para bem trabalhar a construção de textos.

"Leitura, literatura e Democracia: muitos problemas e algumas propostas"* é uma pesquisa de Marisa LAJOLO. Não existe discordância entre estudiosos das mais diferentes ideologias quanto à função da escola em ensinar a ler e a escrever. Então, a escola deveria perceber a importância da leitura literária, como uma prática social, e dela retirar competência para gerar uma teoria e uma história. Entretanto, essa prática social de leitura literária em comunidades populares está longe de efetivar-se, pois o sistema escolar ainda não tomou para si a tarefa de ser "um posto avançado, um laboratório, massa crítica (...)" (p.56). Segundo a autora, há que imprimir um esforço em projetos culturais para a democratização da leitura, já que a leitura é compromisso da escola.

A seguir, a autora discorre sobre os projetos: Memória da Leitura que (...) propõe o esforço comum de educadores dos três graus do ensino paulista para levantamento e preservação da memória da leitura"(p.57); o Leitor em Construção para capacitar docentes de 1º e 2º graus através de cursos especializados, e Leitores nas Entrelinhas voltado a detectar as leituras efetivadas por professores oriundos de diferentes instituições, o que permitiria conhecer os autores que atuarão: "no jogo de uma política cultural e educacional voltada para a democratização da leitura literária"(p.60).

A Revista número 15 é de junho de 1990. O editorial

*Texto originalmente apresentado no Instituto de Estudos Avancados - USP, em maio de 1989.

procura mostrar que o 7º COLE confirmou, através dos seus mais de mil participantes, a procura constante, desde o início da década, de conhecimento e aperfeiçoamento por parte dos profissionais da área de leitura. A Revista, diz seu editorial, a partir deste número anuncia sua proposta de estreitar o diálogo com os leitores na seção Cartas.

Nota-se que na seção Estudos é publicada a Comunicação de Maria Thereza de Queiroz G. STRONGALI, "Quem conta um conto, aumenta um ponto na motivação do aluno para a leitura", proferida no 3º Congresso da FNLIJ. No entanto, a Revista não traz esta referência.

Leitura e desenvolvimento da linguagem, de Ana Luiza Smolka, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman, é o livro focado por Daisy Blumenberg WOLKOFF. O livro se estrutura levando em conta a natureza dialógica da leitura, bem como uma pedagogia que priorize "uma relação de fruição entre leitor e texto" (p.41). Nesta trama, também o professor deverá assumir uma atitude dialógica.

Do ensaio de Regina Zilberman, a resenhista destaca a recuperação do ato de ler enquanto diálogo, fundamentado na estética da recepção, e aponta que a escola tradicional não privilegia o diálogo entre a obra e o leitor. Já o estudo de Smolka detém-se no ensino da leitura em seu caráter político-pedagógico: "A leitura como atividade humana, como forma de linguagem, que se origina na natureza dialógica das interações humanas. A leitura como mediação, memória e prática social" (p.42). Em relação ao trabalho de Ezequiel Theodoro, a resenhista afirma que o autor julga que o domínio lingüístico das crianças está intimamente ligado às experiências por elas vividas no texto literário; a escola, no entanto, não oportuniza este tipo de experiência. Finalmente, o ensaio da Maria da Glória Bordini

se atém à questão do mau uso da poesia pela escola, que a transforma em simples exercícios de leitura e gramática, quando, segundo a autora, a poesia, na sua finalidade estética, deveria ser tratada como "arte literária".

Fanny Abramovich tem seu livro *Literatura infantil: gostosuras e bobices* resenhado por Inês Aparecida Silva MOBRICE. Esta começa por descrever o acurado aspecto gráfico do livro; com inúmeras ilustrações e exemplificações literárias, o que o torna útil como referência para a seleção e utilização da literatura infantil. Trata, a seguir, da linguagem empregada pela autora: "(...) Os vários enfoques sobre a prática da leitura são abordados através de uma linguagem informal, muitas vezes chegando próxima da linguagem coloquial oral" (p.44). Sua conclusão assinala que a autora ao trabalhar as várias questões da prática da leitura na escola, transforma sua obra em leitura obrigatória aos profissionais da área.

"Estética da recepção e História da Literatura" de Regina Zilberman é analisado, "Nas trilhas da Katharsis", por Else B.M. VALIO. O livro se propõe a rerepresentar "o manifesto da estética da recepção" - de Jauss -, através de uma retrospectiva histórica, para mostrar de que maneira o fenômeno da recepção vem priorizando o leitor nas diversas correntes literárias. ZILBERMAN vê a arte com função transgressora e comunicativa, daí sua natureza liberadora, ordenando os três planos da experiência estética de Jauss:

"(...) o da poíesis, que possibilita ao leitor o prazer de participar da produção da obra; o da aisthesis, que se relaciona à experiência estética e, por último, o da katharsis, definido como 'a concretização de um processo de identificação que leva o espectador a assumir novas normas de comportamento social, numa retomada de ideais expostos anteriormente'" (p.50).

A partir daí Regina ZILBERMAN recupera o processo de leitura em três momentos sucessivos: "(....) leitura compreensiva, leitura interpretativa e leitura histórica" (p.50).

Leitura: teoria prática, por ter claramente definida sua linha ideológica e o objetivo de democratizar a leitura no Brasil, vai priorizar os autores preocupados em relacionar leitura/escola. Nasce sob a influência de um outro precursor: o educador Paulo Freire. Vale lembrar que, no final da década de 80 e início de 90, a Revista redireciona seu enfoque e assume a leitura sob o ponto de vista dos lingüistas.

Nas seções Resenhas, Lançamentos e Pesquisas dessa Revista, é notória a participação de nomes ligados à UNICAMP e ao Centro de Pesquisas Literárias do Rio Grande do Sul. Os mesmos nomes ora aparecem como resenhador, ora com livros resenhados, e isto se estende sistematicamente na divulgação das pesquisas - em todas as fases, a exemplo das de Lilian Lopes Martin da Silva - e dos livros.

Os encontros e congressos atuam para os especialistas como ponto de partida da discussão de um certo tema. Avaliadas sua importância e a corrente de pensamento onde se inserem, não é raro encontrar as comunicações conformando um livro, ainda a melhor forma de divulgação e sedimentação de obras e autores.

Mais ao final da década de 80, tanto os congressos da FNLIJ como os COLEs vão centrar-se em suas finalidades básicas: a FNLIJ vai redimensionar a discussão dos vários aspectos de um livro de leitura infanto-juvenil e os COLEs, para a leitura em seus diversos ângulos.

Da intensa atuação dos especialistas na década de 80,

podem ser agrupados quatro assuntos fundamentais, recorrentes e inter-ligados, que demarcam a posição desses críticos em relação àqueles voltados somente ao ensino da literatura infanto-juvenil.

O primeiro desses assuntos é a constatação de que se não houver mudança da conjuntura sócio-político-cultural no Brasil e, conseqüentemente, no sistema escolar, não haverá lugar para a literatura na escola e, por extensão, para um leitor crítico. Uma das soluções apregoadas - e aqui tem-se o segundo assunto - passa pela reavaliação da estrutura e do conteúdo do livro didático, o grande veiculador da ideologia dominante.

Os críticos argumentavam, então que para que esta transformação ocorresse seria necessário também o aperfeiçoamento teórico dos professores. E mais, o professor teria de gostar de ler, e ler muito, para formar leitores.

Essas posições vêm, portanto, se contrapor ao pensamento crítico vigente até os anos 70, que se nucleava no caráter funcional imposto à literatura infantil em sala de aula, considerada como um fim em si mesma, com o intuito de moldar o caráter do aluno e aprimorar o vocabulário e a escrita.

Para os críticos da década de 80, as explicações para crise da leitura deveriam extrapolar os limites da sala de aula. E nesse sentido, os próprios críticos deveriam rever seus posicionamentos e trazer para o bojo das discussões a realidade social, como também, tomar conhecimento e melhor interpretar a literatura infanto-juvenil emergente.

3 "MAIS DE TRINTA ANOS SE PASSARAM"

Também no conhecimento o "eterno retorno" pode se manifestar, tanto melhor se for impulsionador e gerador de novas idéias. No final da década de 40 e início de 50. Cecília Meireles participa do curso da Secretaria de Educação de Minas Gerais com três palestras, em seguida refundidas e editadas, nas quais aponta problemas e suscita reflexões sobre a literatura infanto-juvenil.

E não é gratuito que, passados trinta anos, o livro *Problemas da literatura infantil* daquela autora é reeditado. E não é gratuito também que Ruth ROCHA - igualmente educadora e escritora, surgida no "boom" ocorrido na literatura infanto-juvenil no País - é chamada a prefaciar a reedição deste livro, em que diz:

"Mais de 30 anos se passaram.

.....
No entanto, este livro continua tão atual e tão importante hoje como no dia de sua primeira publicação (....)

É a sensibilidade com que Cecília Meireles aborda os diversos problemas que propõe faz deste livro uma obra definitiva para todos aqueles que se interessam, não só por Literatura, mas principalmente por educação".¹ (sem grifo no original).

Problemas da literatura infantil viria constituir a obra-referência durante toda a década de 80. E, segundo a

¹MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

própria Cecília Meireles: "Os livros que têm resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade, capaz de satisfazer a inquietação humana por mais que os séculos passem".²

Nelly Novaes Coelho em *A literatura infantil*, no capítulo: "Panorama Histórico: Das Origens à Atualidade", ao discutir a permanência e o valor das histórias que as crianças lêem, inclui como epígrafe essa definição.

Coincidentemente, como já ocorrera com Cecília Meireles, a comunicação "A Literatura Infantil: Abertura para a Formação de uma Nova Mentalidade" de Nelly Novaes COELHO na Abertura do I Encontro da FNLIJ, em 1980, vem conformar a primeira parte* desse livro. A recorrência do processo não se encerra aí. Nelly Novaes passaria igualmente a ter essa obra referenciada pelos críticos da década de 80. Tanto é assim que *A literatura infantil* teve quatro edições nessa década.**

Laura SANDRONI em *De Lobato a Bojunga* toma os dados históricos para avaliar o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil no Brasil a partir dos autores "mais representativos, os chamados 'fundadores'". No capítulo que se refere ao pensamento de Lygia Bojunga Nunes, SANDRONI declara:

"Tendo em vista os novos valores detectados por Nelly Novaes Coelho na Literatura Infantil contemporânea e que serviram de fio condutor ao nosso trabalho, (...) ao que ela identificou como estímulo à capacidade mental de conhecer e compreender as

²MEIRELES, Cecília. p.116-117.

*Essa comunicação constitui o primeiro tópico da primeira parte denominada "Literatura Infantil: Problemas de Conceituação", do livro *A literatura infantil*. 2.ed. São Paulo: Quiron/Global. 1982.

**Na 3ª edição, as três partes dessa obra passam a constituir: livros separados: "Panorama histórico da literatura infantil/Juvenil" (1985) e "Literatura infantil: história - teoria - análise" (1987). Vale ressaltar que os anos das diferentes reedições não coincidem nos livros.

realidades 'redescoberta das origens' na literatura oral e popular, na intuição, na sabedoria comum. Dela deriva o estímulo à fantasia, imaginação e magia na Literatura Infantil".³

Com efeito, Laura Sandroni não hesita em recorrer à Comunicação de Nelly Novaes Coelho, apresentada no I Encontro, para argumentar sobre o caráter literário da obra de Lygia Bojunga dizendo:

Nelly Novaes Coelho:

"(...)em estudo instigante detecta os valores que alicerçam a sociedade tradicional de raiz romântica e ainda presentes na maioria dos livros destinados a criança e jovens; a eles contrapõe a Autora os valores novos contidos nas obras dos melhores escritores para o público infanto-juvenil".⁴

É importante esclarecer no entanto que a produção de Nelly Novaes em torno da literatura infantil tem início com o livro *O Ensino da literatura*⁵ de 1966, o que a torna um elo entre os aqui denominados precursores e os críticos da atualidade. É mais, Leonardo Arroyo, já em 1968, percebe o valor desse livro e compara a autora a Cecília Meireles:

"O livro de Nelly Novaes Coelho representa um grande esforço para a compreensão dos objetivos da literatura, que não são meramente gratuitos. O capítulo referente à literatura infantil deve, necessariamente, ser consultado por quem quer que se

³SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga; as reinacões renovadas*. Rio de Janeiro : Agir, 1987. p.129.

⁴SANDRONI, p.101.

⁵COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura (sugestões metodológicas para o curso secundário e normal)*. São Paulo, FTD, 1966. Vale ressaltar que os críticos da década de 80, como Glória Pondé, Regina Zilbermann, Marisa Lajolo, Lilian Lopes Martin da Silva, costumam referir-se antes ao "Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira, 1882/1982," de 1983 do que "A literatura infantil", de 1981. É por essa razão Nelly Novaes deixou de ser considerada como precursora nesta dissertação.

interesse por esse gênero literário injustamente considerado 'menor'. As páginas de Nelly Novaes Coelho, juntamente com o estudo de Cecília Meireles significam que se abrem perspectivas novas para compreensão e avaliação devidas da literatura infantil entre nós".⁶ (Sem grifo no original).

O trabalho por ela desenvolvido durante as décadas de 60 e 70 vai se consolidar no I Encontro.

E, na sucessão de encadeamentos, Edmir PERROTTI, ao analisar a crise do discurso utilitário para crianças e jovens no País, aponta a validade da obra de Leonardo Arroyo como fonte de pesquisa no aspecto histórico e a de Nelly Novaes quanto ao panorama da literatura infantil:

"(...) trabalhos de cunho histórico, como os de Leonardo Arroyo e de Nelly Novaes Coelho, fornecem-nos a dimensão temporal do fenômeno, isto é, sua extensão. Assim, tanto o precioso trabalho de Leonardo Arroyo, documento de apoio indispensável a quem quer que se inicie nas questões, como o de Nelly Novaes Coelho, que retoma o de Arroyo, estendendo as informações até os dias atuais, concluem sempre pela existência de um discurso voltado para o ensino, enquanto manifestação predominante em nossa literatura para crianças e jovens, desde a instauração do gênero entre nós até épocas mais recentes".⁷ (Sem grifo no original).

Fanny ABRAMOVICH, ao relacionar a bibliografia por ela utilizada em sua obra *Literatura Infantil; gostosuras e bobices*,⁸ procede a uma divisão por temas. Nelly Novaes Coelho é também por ela indicada no item sobre história da literatura infantil com os livros: *Dicionário crítico da literatura*

⁶ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1988. p.213.

⁷PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo : Icone, 1986 (Coleção Educação Crítica). p.17-18.

⁸ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil; gostosuras e bobices*. São Paulo : Scipione, 1989. (Série Pensamento e ação no magistério).

infantil e juvenil brasileira e A literatura infantil: história, teoria e análise.

Já Sonia Salomão KHEDE, diz sobre *A literatura infantil: história, teoria, análise* de Nelly Novaes:

"O livro é um compêndio informativo e bastante abrangente, como se pode observar a partir do título, e escrito por uma especialista do gênero no Brasil".⁹

Nelly Novaes Coelho para Maria Helena MARTINS pertence à corrente de estudiosos que concebe o leitor como "uma forma histórica criadora", com um papel ativo na recepção da obra. Já, Maria Helena Martins se insere entre especialistas que distinguem elementos constantes e variantes de leitura - no caso específico de análise dos poemas infantis *A arca de Noé*, de Vinícius de Moraes.¹⁰ Assim,

"(...) Já, entre as variantes, estão a ênfase na anticonvencionalidade e 'tematização do cotidiano' (M. Lajolo e R. Zilberman); 'ingenuidade lúdica' e apelo aos sentidos (N.N. Coelho); 'estrutura dialogal' (M.G. Bordini); 'interligação entre o livro e demais expressões artísticas' (Guia da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil-FNLIJ)".¹¹

A especialista Maria Helena MARTINS, professora de 1º, 2º e 3º graus, participou do I Encontro relatando suas experiências no ensino da literatura infanto-juvenil como

⁹KHEDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo : Atica, 1986. (Série Princípios). p.94.

¹⁰MORAES, Vinícius de. *A arca de Noé* (poemas infantis). Ilustr. de Marie Louise Nery. Rio de Janeiro : José Olympio, 1974.

¹¹MARTINS, Maria Helena. *Crônica de uma utopia: leitura e literatura infantil em trânsito*. São Paulo : Brasiliense, 1989. p.127-128.

responsável pela introdução dessa disciplina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O seu trabalho na organização e orientação da "Salinha de Leitura" foi avaliado por Laura SANDRONI e Luiz Raul MACHADO, na obra *A Criança e o Livro*:

"Na salinha, se estabelece um contato direto, livre e prolongado das crianças com os livros, sem as características usuais da escola ou mesmo de bibliotecas, sem qualquer pressão do adulto.

.....
A continuidade dessa experiência e suas implicações teórico-práticas estão sendo estudadas pela autora em sua tese de Doutorado na Universidade de São Paulo (....)".¹²

Posteriormente, essa tese foi editada com o título *Crônica de uma Utopia; leitura e literatura infantil em trânsito* e mereceu apresentação de Marisa LAJOLO que diz:

"(....) numa tradição tão pouco imagética como a dos estudos literários, o texto de Maria Helena não deixa de explodir como bomba, ao deixar no ar a hipótese de que, ao menos em literatura infantil, o literário; muitas vezes, se inscreve exatamente na zona instável de conjunção entre o verbal e o visual".¹³

Já Glória PONDE vai retomar o pensamento de Maria Helena Martins da sua obra *O que é leitura* (também citado por Laura SANDRONI, Regina ZILBERMAN e Maria da Glória BORDINI) no aspecto do papel da leitura no desenvolvimento da produção de livros. PONDE assinala a importância das questões político-sociais do ato de ler para Maria Helena Martins:

¹²SANDRONI, Laura e MACHADO, Luiz Raul (org.). *A criança e o livro; guia prático de estímulo à leitura*. São Paulo : Ática, 1986. p.65.

¹³MARTINS, Maria Helena. *Crônica... s.p.*

"(...) aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados".¹⁴

Aliás, a própria Maria Helena explicita a influência de Paulo Freire na sua concepção de leitura:

"(...) A Importância do Ato de Ler é fundamental: fininho, com três artigos, um dos quais foi a pedra de toque para a elaboração deste meu texto".¹⁵

No entanto, o tipo de experiência como a "Salinha de Leitura" de Maria Helena Martins tem a sua outra face desvendada por Edmir PERROTTI, quanto à promoção do hábito de leitura dirigida:

"Descartadas críticas ético-filosóficas a propostas como essa, vale a pena discutir suas implicações e seus limites no que diz respeito à funcionalidade, a pretensa eficácia, já que o tecnicismo tem aí um papel destacado, tentando fazer crer que, com competência, a crise da leitura será vencida em países como Brasil".¹⁶

Perrotti é um dos poucos especialistas que expõe com maior rigor sua crítica; ademais, parece não fazer parte explícita de nenhuma corrente analítica. Mas não deixa de citar nas referências bibliográficas de sua obra a tese de Maria Helena Martins *Crônica de uma utopia* e o livro *O que é leitura*.

Edmir PERROTTI é professor da ECA-USP e do Instituto

¹⁴PONDE, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro : Nórdica, 1985. p.54.

¹⁵MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 4.ed. São Paulo : Brasiliense, 1984. p.90.

¹⁶PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural: infância e leitura*. São Paulo : Summus, 1990. (Coleção Novas Buscas em Educação; v.38). p.80.

Metodista de Ensino: crítico de literatura infantil de "O Estado de São Paulo" e diretor de coleções de literatura infantil e juvenil. E é esta atividade que o torna referência para Nelly Novaes COELHO, em *A literatura infantil* na 4ª edição revisada. Quanto à sua visão de crítico literário, Maria Helena MARTINS, baseada em "O texto sedutor na literatura Infantil",¹⁷ assim se expressa:

"Edmir Perrotti denomina 'utilitarismo às avessas: assinalando mudanças de percurso, a tentativa de questionamento da tradição utilitária: aos aspectos temático-ideológicos que veiculam valores burgueses, eminentemente repressivos, contrapõem-se apelos à liberdade, todavia, mantendo padrões discursivos idênticos ao utilizado pela tradição".¹⁸

E não deixa de indicar a posição de Perrotti sobre o livro *A curiosidade premiada*, de Fernanda Lopes de ALMEIDA:

"(...) Obras como o livro em estudo resultam exemplares desse 'impasse', em que o discurso ainda é utilitário (quer ensinar, ser eficiente), apesar de apregoarem-se novos valores, outros procedimentos. Tanto Regina Zilbermann quanto Edmir Perrotti são vozes mais ou menos isoladas a assinalar aspectos discutíveis no texto de Fernanda Lopes de Almeida".¹⁹

Fúlvia ROSEMBERG em *Literatura infantil e ideologia*²⁰ relaciona Edmir Perrotti, com sua comunicação "... Mas as crianças gostam!" proferida no I Encontro, entre os

¹⁷PERROTTI, Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo : Icone, 1986. (Coleção Educação Crítica).

¹⁸MARTINS, Maria Helena. Crônica... p.22.

¹⁹MARTINS, Maria Helena. Crônica... p.94.

²⁰ROSEMBERG, Fúlvia. Literatura e ideologia. São Paulo : Global Editora, 1985. Coleção Teses). p.135.

especialistas cujos trabalhos estão compreendidos no período de 1976-1981.

Por outro lado, Edmir PERROTTI assim se refere ao livro *Literatura infantil e ideologia* de Fúlvia ROSEMBERG:

"(...) apresentando conclusões de uma pesquisa por ela coordenada e que constituiu na 'análise sistemática de quase 200 livros infanto-juvenis editados ou reeditados no período de 1955-1975', dá-nos de forma clara e concisa a caracterização (...) dos elementos básicos envolvidos no discurso utilitário (narrador-narrado-leitor)".²¹

Esta autora, doutora em Psicologia pela Universidade de Paris, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, teve também sua obra selecionada por Sonia Salomão KHEDE na bibliografia comentada:

"O livro é uma análise de modelos culturais na literatura infanto-juvenil e tem um capítulo dedicado ao personagem no texto e na ilustração".²²

E Maria Helena MARTINS realça a análise de Rosemberg quanto aos estereótipos de personagens na literatura para crianças e jovens:

"(...) pesquisando estereótipos, preconceitos e discriminações em ilustrações e textos dos livros brasileiros para criança, observa serem esses aspectos tão comuns que ficam despercebidos: 'na ilustração, a mulher negra não existe: quem aparece é a doméstica negra'".²³

²¹PERROTTI, O texto sedutor... p.16-17.

²²KHEDE, Personagem... p.59-96.

²³MARTINS, Maria Helena. Crônica... p.86.

Maria Helena Martins assevera ainda que para Fúlvia a literatura infantil brasileira ressent-se de uma coerência intrínseca: "um produto cuja feitura é guiada por objetivos que parecem ser exteriores à criança".²⁴

Marisa LAJOLO,²⁵ no capítulo "Quem tem medo do livro didático", da mesma forma que Edmir Perrotti, destaca a análise quantitativa elaborada por Rosemberg sobre os valores contidos nos textos e ilustrações de literatura infanto-juvenil.

Os valores comportamentais, pedagógicos e moralizantes veiculados pela literatura escolar antes da década de 70 e analisados por Rosemberg levaram Eliana YUNES e Glória PONDE²⁶ a sugerirem a consulta ao livro *Literatura infantil e Ideologia*.

A proximidade temática entre essas duas autoras torna-se evidente quando se consulta a bibliografia preparada por Fúlvia Rosemberg até 1981. Maria da Glória Pondé teve seis de seus trabalhos citados, entre eles a comunicação proferida no I Encontro "A violência na literatura infantil e juvenil".²⁷

PONDE foi responsável pela criação do primeiro curso de Especialização em Literatura Infantil do País, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e foi diretora executiva da

²⁴MARTINS, Crônica... p.50.

²⁵LAJOLO, Marisa. Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro : Editora Globo. 1982. p.176.

²⁶YUNES, Eliana & PONDE, Glória. Leitura e leituras da leitura infantil. Por onde começar? São Paulo : FTE. 1988. p.132.

²⁷PONDE, Glória Maria Fialho. A violência na literatura infantil e juvenil. In: ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, I. Rio de Janeiro, 1980. Anais. Rio de Janeiro, FNLIJ, 1980.

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Entre seus ensaios aparece "Poesia para crianças: a mágica da eterna infância". Sua obra *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes* é apresentada por Eliana Yunes que diz:

"Glória Pondé teoriza, analisa e critica as obras em seu contexto, reportando-se aos fundamentos literários em que se assentam a escrita da arte".²⁸

Laura SANDRONI atém-se à relação estabelecida por Pondé quanto ao crescimento da literatura infanto-juvenil nos períodos de redemocratização do País. E o faz no capítulo "Monteiro Lobato, o inovador",²⁹ quando analisa as "raízes lobatianas" na década de 70. Para tanto, toma como referência a dissertação de mestrado de Glória Pondé "Quem Tem Medo da Onça Pintada? Liberdade e Repressão na Literatura Infantil de Orígenes Lessa".

Pondé é também citada por Maria Helena MARTINS em *Crônica de uma Utopia* e por Maria Antonieta Antunes CUNHA em *Literatura Infantil: teoria & prática*. Já em *Poesia Infantil* de Maria da Glória BORDINI, Pondé tem seu artigo "Poesia e folclore para criança" integrando a bibliografia comentada. BORDINI entende que Glória Pondé:

"Assinala o parentesco da poesia infantil com a estética modernista, seu experimentalismo e sua reutilização do folclore. Seu fundamento teórico é o emocionalismo da

²⁸PONDE, Glória. *A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro : Editorial Nórdica, 1985. p.12.

²⁹SANDRONI, L. *De Lobato a Bojunga...* p.47-72.

estilística espanhola, o que leva a enfatizar a correspondência da poesia ao modo globalizante da apreensão emocional da criança. Após discriminar as formas folclóricas, analisa as líricas de Vinicius de Moraes e de Cecília Meireles".³⁰

Reportando-se ao mesmo tema, agora é Pondé quem cita Maria da Glória BORDINI, em "Poesias para crianças: a mágica da eterna infância".³¹

Escritora e pesquisadora, Bordini é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e é ligada ao Centro de Pesquisas Literárias da PUC do Rio Grande do Sul, onde produziu *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*³² e *Poesia infantil*.

O desenvolvimento de seu trabalho aponta para o estreitamento da relação entre os estudos literários e a lingüística. Tanto é assim que vem a publicar o artigo "Poesia e Consciência Lingüística na Infância" no livro *Leitura e desenvolvimento da linguagem*.³³ Nesta obra, é nítida a aproximação do Centro de Estudos Literários, da PUC-RS, e a UNICAMP.

Maria Helena MARTINS,³⁴ ao falar sobre o narrador-personagem, se remete a Gloria Bordini para afirmar que o

³⁰BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo : Atica, 1986. (Série Princípios, 97). p.72.

³¹PONDE, Glória Maria Fialho. *Poesias para crianças: a mágica da eterna infância*. In: *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2.ed. Org. por Sonia Salomão Khêde. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986. (Novas Perspectivas, 15).

³²Centro de Pesquisas Literárias - PUCRS. *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*/Centro de Pesquisas Literária, PUCRS. São Paulo. Cortez. [Brasília, DF] : INEP, MEC, Porto Alegre, CPL, PUCRS 1984. (Biblioteca da Educação Série 1 Escola, v.6).

³³SMOLKA, Ana Luiza B. et al. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1989. (Série Novas Perspectivas, 31).

³⁴MARTINS. *Crônica...* p.127 e 114.

"diálogo sem contestação verbal" é próprio da atividade lúdica infantil: em poesias infantis, esse recurso dinamiza o texto e é de agrado das crianças, complementa Bordini. A variante "estrutura dialogal" é apontada por Maria Helena Martins como uma relevante contribuição de Bordini para a compreensão do texto poético infantil.

Ainda segundo Maria Helena MARTINS, a crítica literária infanto-juvenil seria para Bordini "autoritária" por não possuir parâmetros para avaliar essa literatura, conforme o artigo "crítica e literatura infantil nos anos 70 e 80:

"(...) Maria da Glória Bordini, através de amostragem, apresenta uma visão geral da crítica, realizando um estudo sistemático que pode encaminhar uma pesquisa maior".³⁵

Dentre os estudos de Bordini, Fúlvia ROSEMBERG, em seu livro *Literatura infantil e ideologia*, cita "Corda bamba: caminho para o inconsciente de Maria", artigo publicado no jornal "Correio do Povo" e "Por um conceito de poesia infantil", em Letras de Hoje; já Edmir PERROTTI,³⁶ refere-se a *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*,³⁷ trabalho de BORDINI em co-autoria com Vera Teixeira AGUIAR.

A visão de Glória Bordini quanto à leitura e a literatura na escola, tema enfocado em *Literatura na escola de*

³⁵MARTINS, Maria Helena. *Crônica...* p.51, nota 24.

³⁶PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural: infância e leitura*. São Paulo : Summus, 1990. (Novas buscas em educação; v.38).

³⁷BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor : Alternativas metodológicas*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

1º e 2º graus: por um ensino não alienante,³⁸ é retomada e realçada por Vera Teixeira AGUIAR nas considerações finais de *Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões*:

"(...) apurar o censo crítico do jovem leitor em relação aos textos que consome, a fim de que estes lhe abram caminho para a avaliação da realidade e de si mesmo, e para a adoção de opções existenciais com base em seu julgamento".³⁹

O artigo "Corda bamba: caminho para o inconsciente de Maria", de Bordini sobre o livro de Lygia Bojunga Nunes é parafraseado por Regina ZILBERMAN e Ligia CADEMARTORI em *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*,⁴⁰ quando estas autoras também avaliam o livro de Bojunga.

Na ciranda que reafirma nomes e obras, encontra-se BORDINI referenciando o ensaio de Ligia CADEMARTORI "Jogo e iniciação literária" (do livro *Literatura infantil; autoritarismo e emancipação* de Zilberman e Cadermatori) em sua bibliografia comentada de *Poesia infantil*:

"Associando as características do jogo à arte literária, examina o uso da poesia, pela escola, como instrumento de conformação social e suas possibilidades emancipatórias. Critica Piaget e sua teoria cognitivista do desenvolvimento, em defesa de uma abordagem psicanalítica lacaniana das relações entre ludismo infantil e linguagem política".⁴¹

³⁸BORDINI, Maria da Glória. *Literatura na escola de 1º e 2º graus: por um ensino não alienante. A literatura infantil no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa.* Porto Alegre, Centro de Pesquisas Literárias. PUC/RS, 1980.

³⁹AGUIAR, Vera Teixeira. *Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões.* In: *Leitura em crise na escola, as alternativas do professor.* 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p.105.

⁴⁰MAGALHÃES, Ligia & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.* São Paulo: Atica, 1982.

⁴¹BORDINI. *Poesia infantil*, p.71.

Cademartori é mais uma vez referenciada por Bordini, em "Crítica e Literatura Infantil nos anos 70 e 80",⁴² para confirmar o crescimento da produção de literatura infantil e a expansão desse mercado nas duas últimas décadas, o que não ocorria desde Monteiro Lobato. O texto citado é "Literatura Infantil Brasileira em Formação".⁴³

Ligia Cademartori é professora da Universidade de Caxias do Sul, pesquisadora com atuação no Programa Nacional de Promoção da Leitura Infantil, em Brasília. No início da década de 80, publica o ensaio "Em Defesa dos Quadrinhos", no livro *A produção cultural para a criança*,⁴⁴ organizado por Regina ZILBERMAN.

Para Maria Helena MARTINS,⁴⁵ Cademartori figura entre os estudiosos da literatura infantil "necessariamente citados" nos trabalhos que intentam "uma reflexão teórico-crítica" dessa literatura. Afirma ainda que Ligia Cademartori: "é um dos raros estudiosos a se manifestar" sobre "livros sem texto", pois, segundo Maria Helena Martins, a grande maioria dos críticos tende a desconsiderar obras dessa natureza.

O que é literatura infantil de CADEMARTORI é citado por Fanny ABRAMOVICH em *Literatura Infantil; gostosuras e bobices*; já *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação* aparece

⁴²BORDINI, Maria da Glória. Crítica e literatura infantil nos anos 70 e 80. In: *Literatura infanto-juvenil um gênero polêmico*. 2.ed. Org. Sônia Salomão Khêde. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986 (Novas Perspectivas, 15). p.96.

⁴³MAGALHÃES, Ligia & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo : Atica, 1982. p.135-152.

⁴⁴MAGALHÃES, Ligia Cademartori. Em defesa dos quadrinhos. In: *A produção cultural para a criança*. 2.ed. Org. Regina Zilberman. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1984.

⁴⁵MARTINS. Crônica... p.21/80.

referenciado por Lillian Lopes Martin da SILVA, Sonia Salomão KHEDE, Gloria PONDE, Regina ZILBERMAN, Marisa LAJOLO e Laura SANDRONI.

Laura Constância Sandroni foi, durante 16 anos, diretora da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil e participou do projeto "Ciranda do Livro". É uma das pioneiras na crítica de livros infanto-juvenis em jornal. Atualmente é coordenadora de projetos da Fundação Roberto Marinho. Em *A literatura infanto-juvenil; um gênero polêmico* publicou "O nacionalismo na Literatura Infantil no início do século XX.

Um dos seus artigos em periódicos, "Retrospectiva da Literatura Infantil Brasileira", serve de base para Maria da Glória PONDE⁴⁶ quando esta descreve o surgimento do mercado editorial no Brasil. Além disso, Pondé se refere às seguintes obras de Sandroni *De Lobato a Bojunga; as reinações renovadas* e *A Criança e o livro*, em co-autoria com Luiz Raul Machado.

Maria Helena MARTINS toma como referência "A mensagem da cor e busca do seu lugar", um artigo de Sandroni publicado em "O Globo", para analisar o livro *Ida e volta*, de Juarez MACHADO; particularmente no tocante à "internacionalidade" de ambientação" do livro: "dirigido inicialmente ao público europeu" "(...) mas que nem por isso deixam de entristecer aqueles que gostariam de encontrar nos livros brasileiros imagens do nosso país".⁴⁷

Mas nem sempre os artigos de Sandroni são utilizados como reforço à argumentação. Maria da Glória BORDINI em "Crítica da Literatura Infantil nos Anos 70 e 80 estuda

⁴⁶PONDE. *A Arte de fazer arte*. p.94.

⁴⁷MARTINS. *Crônica...* p.61.

especificamente a crítica veiculada em jornal, e toma como um dos exemplos o artigo "Quando a ferrugem ataca as crianças" ("O Globo"), de Laura Sandroni, para evidenciar um texto laudatório, marcado por predileções pessoais e clara intenção de ajudar a vender a obra. E mais, reforça o caráter "utilitário" do livro, pois o mundo representado deve servir como lição de vida:

"Livros como Raul da Ferrugem Azul são importantes, não só pelo prazer da leitura, por toda sua carga lúdica, que desperta o interesse da criança, mas também pode levá-la a pensar e a refletir, sobre sua posição no mundo (...) uma adequada visão humanista da vida, e do momento em que vivemos, transmitida alegremente como as crianças gostam".⁴⁸

Sandroni é ainda referenciada por seu texto "Retrospectiva da literatura infantil brasileira"⁴⁹ por Regina ZILBERMAN e Marisa LAJOLO,⁵⁰ e Regina ZILBERMAN e Maria da Glória BORDINI;⁵¹ *A criança e o livro* faz parte das referências de Edmir PERROTTI e Fanny ABRAMOVICH.

Neste ponto, o próprio Edmir Perrotti pode começar a delinear a produção de Fanny ABRAMOVICH. Perrotti se refere à autora quando avalia o fator "utilitário" na literatura destinada às crianças. Um texto de Fanny *O estranho mundo que se mostra às crianças*, serve-lhe de reforço para argumentar

⁴⁸BORDINI, In: *Literatura infanto-juvenil: Gênero polêmico...* p.102.

⁴⁹SANDRONI, Laura Constância. *Retrospectiva da literatura infantil brasileira*. Cadernos da PUCRJ, Rio de Janeiro, 33, 1980.

⁵⁰ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo : Global, 1986. 364p.

⁵¹CENTRO DE PESQUISAS LITERARIAS/PUCRS. *Guia de leitura para alunos de 1o e 2o graus*. São Paulo. Cortez, [Brasília, DF] : INEP, MEC, Port Alegre CPL, PUCRS, 1984. (Biblioteca da educação Série 1. Escola, v.6).

que "ensinar foi quase sempre a tônica de toda a manifestação artística" infanto-juvenil.⁵² Em *Confinamento cultural*, PERROTTI indica *Literatura infantil: gostosuras e bobices*.

Fanny Abramovich é professora de 1º, 2º e 3º graus, coordena e assessora editoras em publicações infanto-juvenis. Atua como crítica nos principais veículos de comunicação do País.

Esta especialista consta das referências de Fúlvia ROSEMBERG, *Literatura infantil e ideologia*; de Nelly Novaes COELHO, *A literatura infantil* 2ª edição e 4ª edição, e Maria Antonieta Antunes CUNHA, *Literatura Infantil: teoria & prática*.

Maria Helena MARTINS, ao discutir a melhoria dos aspectos gráficos dos livros na década de 70, em *Crônica de uma utopia*, exemplifica tal evidência com a fala de Fanny Abramovich:

"(...) merece registro especial a corajosa iniciativa da Editora Ática (...) lançando no mercado 27 livros infantis simultaneamente num primoroso trabalho editorial (...) numa busca de valorização dos autores e do desenhista brasileiro".⁵³

Já para Maria da Glória BORDINI, Fanny Abramovich inclui-se entre os críticos que adotam uma atitude "honestas com o consumidor", colocando "a nu as representações ideologizadas":

"(...) é muitíssimo melhor do que o escritor de histórias

⁵²PERROTTI, O texto sedutor, p.19.

⁵³MARTINS, Crônica... p.85-86.

infantis Fernando Lobo, que não domina a linguagem, que é preconceituoso, que mostra um universo de resignação e não de conquistas", que desmerece o ferroviário e enaltece o engenheiro, que passa valores discutíveis, que não consegue estabelecer uma relação afetiva entre pai e filho, que desmerece a mãe e o amigo e que soterra uma criança nas ambições confusas do pai sem discutir ou questionar".⁵⁴

Mas quando Bordini confronta a crítica veiculada em periódicos com aquela feita por teóricos das universidades e formalizada em livros, ela tende a conferir mais credibilidade a esta última, em função do rigor teórico que apresenta. Para exemplificar, confronta um texto de ABRAMOVICH (...) que livro mais bonito, mais poético, mais onírico, mais mágico, mais envolvente, mais surpreendente, mais tudo que se possa pensar em dizer", com outro de Regina ZILBERMAN (...) o desdobramento do relato [o Mágico de Oz, de L. Frank Baum] está fundamentado no deslocamento no espaço; contudo, o problema dos heróis está dentro deles".⁵⁵

A pesquisadora Regina Zilberman, pela sua produção intelectual e penetração nos mais variados centros de irradiação cultural do País, cataliza em torno de si a própria dinâmica da crítica da literatura infanto-juvenil no Brasil. Doutora em Letras pela Universidade de Londres, é professora da PUC-RS e coordenadora do Centro de Pesquisas Literárias dessa universidade. A concepção teórica de Zilberman tem sido fonte de argumentação e geração de novas idéias para os críticos da década de 80.

Ezequiel Theodoro da SILVA, no artigo "Partilha e Conflito de Interpretações" - Comunicação apresentada em 1987

⁵⁴BORDINI, Gênero polêmico 101. O trecho citado por Bordini foi retirado de uma história retrógrada, contada à moda antiga. *Jornal da Tarde*. 14 mar. 1981.

⁵⁵BORDINI, In: *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*, p.98.

no Congresso da FNLIJ -, ao tratar da imposição sem critérios da leitura literária na escola, baseada constantemente nos mesmos livros e autores, desconsiderando o interesse do leitor e desconhecendo a relação dinâmica entre linguagem e realidade, apoia-se em Zilberman para lembrar que é através do texto literário que o "sujeito-leitor" encontra condições de avaliar o mundo e suas próprias vivências:

"(...) Quando se compromete com o interesse da criança, a literatura infantil transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias e a expansão do seu domínio lingüístico".⁵⁶

Ainda quanto à leitura literária na escola, Vera Teixeira AGUIAR,⁵⁷ para problematizar a qualidade e a adequação dos textos literários ao leitor, recorre ao pensamento de Zilberman. Mas é Maria Helena MARTINS quem vai melhor esclarecer a relação de assimetria entre o adulto e a criança, definida por Zilberman na expressão "adultocêntrica" (originalmente de Maria Lypp):

"(...) embora seja consumida por crianças, a reflexão sobre o produto oferecido a elas provem do adulto, que a analisa, em primeiro lugar, de acordo com os seus interesses e que, além disso, a descreve em comparação com o tipo de arte posta à disposição dele qual seja, a literatura propriamente dita, sem adjetivos".⁵⁸

⁵⁶SILVA, Ezequiel Theodoro da. Partilha e conflito de interpretações: um caminho para o desenvolvimento da linguagem do leitor infantil. In: Leitura e desenvolvimento da linguagem / Ana Luíz B. Smolka et al. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989. p.50

⁵⁷AGUIAR, Vera Teixeira. A leitura em crise. p.87.

⁵⁸MARTINS, Maria Helena. Crônica... p.20-21.

Ao assinalar a improvisação na seleção, seqüenciación e integração das leituras literárias no 1º e 2º graus, Ezequiel Theodoro da Silva,⁵⁹ em "Biblioteca escolar: da gênese à gestão", sugere ao leitor o aprofundamento do tema no trabalho de Zilberman, *Literatura infantil na escola*.⁶⁰

Esse mesmo livro é referenciado por Maria Helena Martins, para reforçar seu argumento sobre o realismo na literatura infantil atual. Diz MARTINS:

"Regina Zilberman assinala o 'propósito verista' da Coleção da qual ressalta o 'programa': a constatação de que a criança não é mais como antigamente, o que leva o autor a abordar temas realistas (...). A autora aponta, entre os 'percalços dessa literatura, dificuldades dos escritores em 'nomear as causas profundas da situação que vive' (...) e a falta de vivência e conhecimento da criança para compreendê-las".⁶¹

Segundo Eliana YUNES e Glória PONDE,⁶² superada a fase do realismo na literatura infantil, vai conformar-se na década de 80 uma literatura de denúncia, crítica e paródia, com "aprofundamento dessa postura" e "diversificação das temáticas". O livro *Literatura infantil: histórias & histórias*, de ZILBERMAN e LAJOLO, é a referência daquelas autoras.

Já Maria da Glória BORDINI toma este mesmo livro para analisar a poesia infantil atual, como diz Zilberman, marcada:

⁵⁹SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca ... In: *Leitura em crise*, p.135.

⁶⁰ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 3.ed. São Paulo : Global Editora. 1983. (Coleção Teses. 1) 104p. Este livro é composto por uma coletânea de artigos escritos entre 1979 e 1980.

⁶¹MARTINS. Crônica... p.154.

⁶²PONDE e YUNES. *Leitura e leituras da literatura infantil*. p.81-82.

(....) pela tematização do cotidiano infantil, ou pela adoção, por parte do autor, de um ponto de vista que compartilha com seus pequenos leitores a anticonvencionalidade, quer da linguagem, quer da realidade (....)".⁶³

Observa-se que Regina Zilberman enfoca a literatura infanto-juvenil em todos os seus aspectos.* Tanto é assim que os críticos da década de 80, para analisar os mais diversos temas, fundamentam-se nesta autora. Fúlvia ROSEMBERG, por exemplo, em *Literatura infantil e ideologia*, ao traçar um panorama histórico dessa literatura, recorre a Zilberman:

"(....) No século XIX, havendo preocupação em dotar os jovens com textos considerados adequados à sua educação, deu-se a reelaboração do acervo popular europeu, destacando-se especialmente os irmãos Grimm dentro deste processo".⁶⁴

Lígia CADEMARTORI, em *O que é literatura infantil*,⁶⁵ indica o livro de Zilberman *A literatura infantil na escola* por entendê-lo leitura importante para a compreensão da relação: problemática do "gênero" com a teoria da literatura, com a estética e com a ideologia burguesa. Esse mesmo livro de Zilberman foi consultado por diversos autores para demonstrar a idéia do surgimento da infância como consolidação da classe burguesa e da economia capitalista.

Nelly Novaes COELHO, ao se reportar à infância e o

⁶³BORDINI. *Poesia infantil*. p.57.

*Haja vista uma das suas mais recentes obras: *A estética da recepção e história da literatura*.

⁶⁴ROSEMBERG. *Literatura infantil e ideologia*, p.32.

⁶⁵CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos nº 163).

século XVIII, se apóia nas palavras de Zilberman, que completara o pensamento de Diter Richter:

"É a ascensão da ideologia burguesa a partir do século XVIII que modifica esta situação (....). Promovendo a necessidade da formação pessoal de tipo profissionalizante, cognitivo e ético, a pedagogia encontra um lugar destacado no contexto da configuração e transmissão da ideologia burguesa. É dentro deste panorama que emerge a literatura infantil: contribui para a preparação da elite cultural, através da reutilização do material literário oriundo de duas fontes distintas e contrapostas: adaptação dos clássicos e dos contos de fadas de proveniência folclórica".⁶⁶

Transportando tal processo à literatura infantil brasileira, em *Crônica de uma utopia*, Maria Helena MARTINS fundamenta-se em Regina Zilberman que entende essa literatura como surgindo "no âmbito de ascensão de um pensamento burguês e familista"⁶⁷ e para a qual propõe "modelos" para avaliar a forma de apresentação da família burguesa: "Modelo Eufórico", "Modelo Crítico" e "Modelo Emancipatório".

Em *A arte de fazer artes*, Glória PONDE reitera que a literatura infantil e a leitura enquanto fenômenos sociais, no Brasil somente iriam reproduzir o que ocorrera na Europa no século XVIII, no final do século XIX e início do século XX, porém sem o sabor de uma conquista popular. Suas fontes não são outras que Zilberman.

E essa literatura surge para reproduzir a ideologia dominante. A idéia desenvolvida tanto por Laura SANDRONI, em *De Lobato a Bojunga*, como por Maria Antonieta Antunes CUNHA,

⁶⁶COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. 2.ed. p.271-272.

⁶⁷MARTINS, Maria Helena. *Crônica...* p.93.

em *Literatura infantil: teoria & prática* está respaldada* em Zilberman:

"(...) os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão".⁶⁸

Maria Antonieta Antunes Cunha é professora da Universidade Federal de Minas Gerais, dirige a livraria Miguilim, especializada em literatura infanto-juvenil. Já no início da década de 70 desenvolvia pesquisas na área, como relata Maria Helena MARTINS, ao explicar procedimentos que utilizou em um capítulo de *Crônica de uma utopia*:

"Cabe aqui referência a uma pesquisa realizada por Maria Antonieta Antunes Cunha, cuja metodologia e motivações me inspiraram. Havia preocupações comuns, como o fato de dispormos de pouca, para não dizer quase nenhuma bibliografia em português sobre o assunto, de estarmos ocupadas com a questão leitura/não-leitura nas escolas, com as carências na formação e quase total desinformação dos professores a respeito da literatura infantil e interesses de leitura entre crianças no início dos anos setenta".⁶⁹

Laura SANDRONI vale-se da reflexão de Maria Antonieta Antunes Cunha para questionar, em *De Lobato a Bojunga*, a adequação da linguagem ao mundo infantil, e as relações da literatura infantil com a escola:

*Ambas utilizaram o mesmo trecho como citação porém Laura Sandroni o faz omitindo palavras, sem se referir à omissão: "os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura Infantil e escola são convocadas para cumprir esta missão" (p.167).

⁶⁸CUNHA, Maria Antonieta Anunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo : Editora Atica S.A. 1983. p.19.

⁶⁹MARTINS. *Crônica...* p.172, nota 1.

"É por demais sabido que, entre os muitos comportamentos que a escola - como agente de educação sistemática - pretende 'ensinar' aos seus alunos, um dos mais importantes e enfatizados é o comportamento lingüístico. Não se ignora também o fato de que, para desenvolver tal comportamento, a escola apóia-se sempre em modelos reconhecidos pela elite cultural: a norma culta, sobretudo em sua forma culta, é o ideal o que se deve chegar no uso da língua".⁷⁰

No entanto, para Edmir PERROTTI a compreensão da literatura para criança como manifestação estética ainda estaria causando "embaraco" entre especialistas. E cita o livro *Literatura infantil: teoria & prática*, de Maria Antonieta Antunes Cunha, como exemplo da permanência desta indefinição, principalmente no que tange "às condições de recepção dos destinatários".⁷¹

Antonieta Cunha publicou outros trabalhos que deixaram de ser citados pelos especialistas aqui alinhados, (entre eles: "A Inovação Lingüística em Lygia Bojunga Nunes", artigo publicado em *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*; "O acesso (e os bloqueios) ao Livro".⁷² Já *Literatura infantil: teoria & prática*, encontra-se nas referências de Nelly Novaes COELHO, Glória Maria PONDE, Fanny ABRAMOVICH, Regina ZILBERMAN e Marisa LAJOLO - que também fazem menção a *Poesia na escola*⁷³ - e Vera Teixeira AGUIAR.

Esta última especialista é professora da PUC-RS e integra o Centro de Pesquisas Literárias da mesma instituição.

⁷⁰SANDRONI, De Lobaró a Bojunga... p.89.

⁷¹PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor*. p.71.

⁷²YUNES, Eliana (coordenação). *A Leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro : Edições Antares. 1984.

⁷³CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Poesia na escola*. São Paulo : Discubra, 1976.

Desde a publicação de *Que livro indicar?*; interesses do jovem leitor.⁷⁴ publicada em 1979. observa-se a ênfase de Vera Teixeira Aguiar nos problemas da leitura literária no currículo escolar.

E nesse sentido que Ezequiel Theodoro da SILVA, encontra na pesquisa - "A Leitura nos Currículos Oficiais" - de Vera Teixeira Aguiar mais um elemento de reforço na averiguação da problemática das diretrizes para a leitura nas escolas de 1º e 2º graus:

"(...) há falta de articulação entre os objetivos educacionais definidos e as práticas sugeridas (...) raríssimas são as sugestões de leitura, evidência da ênfase atribuída aos processos vazios, fechados do conteúdo que lhes deveria servir de suporte, formado por um repertório de obras adequadas à realidade social do estudante e a seus interesses".⁷⁵

Em decorrência disso, a seleção de textos para o livro didático prioriza aqueles que possibilitam contribuir para a formação do "bom cidadão". E o que expõe Lilian Lopes Martin da SILVA, apoiando-se no trabalho de Vera Teixeira AGUIAR e Maria Izabel CATTANI, "Leitura no 1º grau: a proposta nos currículos", de onde extrai um trecho para ratificar:

"A leitura utilizada como instrumento formativo... 'gosto de ler porque é instrutivo'... afasta o homem dos vícios, da hipocrisia e da banalidade ... 'se a gente perde tanto tempo esperando ônibus, vendo novelinhas, por que não fazer algo mais instrutivo... da vulgaridade e, sobretudo, do tédio e da

⁷⁴AGUIAR, Vera Teixeira de. *Que livro indicar: interesses do jovem leitor*. Porto Alegre : Mercado Aberto/INL, 1979.

⁷⁵SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura e realidade brasileira*. 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1985. (Série Novas Perspectivas). p.100.

angústia... "ajudam a passar o tempo e são divertidos" ou "é bom para acalmar os nervos, é muito relaxante". De uma boa leitura o homem ressurgue consolado... 'me acalma e me deixa em paz com as pessoas'... otimista e disposto a continuar a luta que empreendeu até o momento... 'acho educativo e ensina a gente a viver'".⁷⁶

Além disso, a metodologia empregada para o ensino está baseada, no dizer de ZILBERMAN, na "(...) transmissão de regras morfosintáticas, a ênfase no domínio do registro escrito e a tendência dos procedimentos apoiados nas noções de certo e errado".⁷⁷ conforme assinala a pesquisa "Propostas Metodológicas para o ensino de língua e literatura" de Maria da Glória BORDINI e Vera Teixeira AGUIAR.

Por isso mesmo, melhorar o suporte teórico do professor pode significar um avanço na difícil relação leitura literária/escola. Fanny ABRAMOVICH, em *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*, exemplifica pela atualidade dos contos de fadas e refere-se ao posfácio escrito por Vera Teixeira Aguiar para a Coleção *Era uma vez* (contos de Grimm), com bibliografia de apoio para professores:

"Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (...) que desequilibra a tranqüilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. (...) a restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real (...)"⁷⁸

Dentre as pesquisas de Vera Teixeira Aguiar, "Leitura

⁷⁶SILVA, Lilian Lopes Martin da. A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986. (Séries Novas Perspectivas). p.45.

⁷⁷ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo : Contexto, 1988. (Coleção contexto jovem). p.67.

⁷⁸ABRAMOVICH, *Literatura infantil: gostosuras e bobices*, p.120.

no 1º grau: a proposta dos currículos" serve de referência para Nelly Novaes COELHO e Glória PONDE; já *Que livro indicar? interesses do jovem leitor* por Edmir PERROTTI. Maria Helena MARTINS. Regina ZILBERMAN. Maria da Glória BORDINI. Laura Constância SANDRONI e Maria Antonieta Antunes CUNHA. A respeito deste livro, vale ressaltar que, para Sonia Salomão KHEDE, esta pesquisa poderia ser também de interesse da indústria cultural, pois, ciente do gosto infantil, não lhe custaria direcionar sua produção, "objetivando uma criança imaginária, paradigma dos textos a serem elaborados".⁷⁹

Sonia Salomão Khéde é professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira nas Universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro; colaboradora de diversos jornais e revistas e membro da assessoria do Departamento Geral de Cultura do Rio de Janeiro.

Esta especialista organizou o livro *Literatura infantil e juvenil; um gênero polêmico*, coletânea de artigos - alguns dos quais foram apresentados no I Encontro em 1980 - de quase todos os críticos enfocados nesta dissertação. A obra faz parte da referência bibliográfica de *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*,⁸⁰ de ZILBERMAN e LAJOLO; *A Criança e o livro*, de Laura SANDRONI e Luiz Raul MACHADO, *A Arte de fazer artes*, de Glória PONDE; *Crônica de uma utopia*; de Maria Helena

⁷⁹KHEDE, Sonia Salomão. As polêmicas sobre o gênero. In: *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*, p.11.

⁸⁰ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo : Global. 1986.

MARTINS. *Literatura infantil brasileira; história e histórias*.⁸¹ de LAJOLO e ZILBERMAN.

Sonia KHEDE escreveu para a Série Princípios da editora Brasiliense *Personagens da literatura infanto-juvenil*, um componente básico da estrutura ficcional, através do qual se efetiva a relação/interação deste receptor com a obra. Na construção do diálogo aqui delineado, verificou-se que os críticos que dele fazem parte não se referem a esta obra.

Mas Ezequiel Theodoro da SILVA ao falar sobre "Por mais leitura: o desmantelamento da censura nas escolas", cita o trabalho de Sonia Salomão Khéde, "Censores de pincenê e gravata":⁸²

"(....) a censura funciona como aparelho repressivo de Estado quando se apresenta sob a força repressiva: quando a polícia apreende, quando a administração veta, quando o Conselho Superior de Censura estabelece leis e normas a seguir, fazendo com que os livros, filmes, peças teatrais desapareçam de circulação. A censura funciona como aparelho ideológico do Estado quando age pela ideologia de modo prevalente (....). É quando a família reprime o uso de 'palavrões', quando o professor ensina a verdade, a cultura de massa (televisão, rádio, revistas) indica padrões 'verdadeiros' a seguir (e falsos) a condenar. De acordo com o consenso emergente da ideologia dominante.⁸³ (Sem grifo no original).

A exemplo de Khéde, Lilian Lopes Martin da Silva, professora da Faculdade de Educação da UNICAMP, tem poucas obras publicadas. Seu livro *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura* trata da relação

⁸¹LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira, história & histórias. São Paulo : Ed. Ática, 1985.

⁸²KHEDE, Sônia Salomão. Censores de Pincenê e Gravata. Rio de Janeiro : Codecri, 1981.

⁸³SILVA, Ezequiel Theodoro. Elementos de pedagogia da leitura. São Paulo : Livraria Martins Fontes Editora, 1988. p.27.

contraditória e polêmica entre leitura-leitor-escola, pois um leitor pressupõe um alfabetizado que "recupera a situação do escolarizado". Esta obra está referenciada por Edmir PERROTTI em *Confinamento cultural; infância e leitura*. Serve igualmente de fundamento a Ezequiel Theodoro da SILVA quando discute a presença e o lugar da leitura na escola:

"(...) o processo de formação do leitor na escola está articulado a um cotidiano onde o que existe é um intrincado conjunto de mecanismos que acaba por 'NEUTRALIZAR' a prática da leitura como uma experiência de reflexão, domínio de linguagem e organização do real (...)"⁸⁴

E quando Ezequiel discute a leitura no ensino da Língua Portuguesa, caracterizando-a como uma prática estafante e sem criatividade, apóia-se novamente em Lilian Lopes Martin da Silva:

"(...) tecida sob a autoridade do que tem a chave da interpretação; tecida na coletividade que na escola quer dizer anulação; tecida na produtividade dos textos fragmentados - cadeia de alienação"⁸⁵

Em *Leitura na escola e na biblioteca*,⁸⁶ Ezequiel Theodoro da SILVA, no capítulo "Leitura: liberdade e transformação", constata a pobreza quantitativa e qualitativa dos acervos literários e a pouca dedicação dos próprios professores à leitura, valendo-se de pesquisa realizada por Lilian Lopes Martin da Silva em escolas de Campinas (SP), que

⁸⁴SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de pedagogia da leitura*. p.4.

⁸⁵SILVA, *Elementos...* p.59-60.

⁸⁶SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas : SP. Papirus. 1986.

conclui pela aniquilação do potencial de leitura dos alunos, em função das práticas pedagógicas.

Ezequiel Theodoro da Silva é professor do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da UNICAMP e presidente da Associação de Leitura do Brasil e um dos fundadores da Revista *Leitura: teoria & prática*. É um claro seguidor e divulgador do pensamento de Paulo Freire.

Seu *Ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*⁸⁷ faz parte das leituras indicadas por Maria Helena MARTINS em *O que é leitura*, por constituir:

"(...) um estudo que sistematiza aspectos básicos da leitura, relacionando-os com seus fundamentos psicológicos e filosóficos, oferecendo subsídios especialmente para professores e bibliotecários".⁸⁸

Já Regina ZILBERMAN vale-se do conceito de ato de ler elaborado por Ezequiel - "se configura como uma relação privilegiada com o real, já que engloba tanto um convívio com a linguagem, como o exercício hermenêutico de interpretação dos significados ocultos que o texto enigmático suscita" - para afirmar que a obra literária seria o "modelo por excelência da leitura".⁸⁹

Esse mesmo livro de Ezequiel é também referenciado por Lilian Lopes Martin da SILVA, Glória PONDE, Edmir FERROTTI, Laura SANDRONI e Luiz Raul MACHADO e Regina ZILBERMAN, em seu artigo "Literatura infantil: livro, leitura, leitor".

O livro *Leitura & realidade brasileira* está citado por

⁸⁷SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da Leitura*. 3.ed. São Paulo : Cortez Editora. 1985.

⁸⁸MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. p.92.

⁸⁹ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola*. p.19

Eliana YUNES e Glória PONDE em a "A Importância Social da Literatura", quando evidenciam que os acessos aos bens culturais são dificultados às classes populares. Nesse sentido, as autoras retomam as colocações de Ezequiel Theodoro da Silva:

"(...) um dos instrumentos fundamentais nessa briga pela democracia é exatamente a leitura, vista aqui como uma habilidade humana que permite o acesso do povo aos bens culturais já produzidos e registrados pela escrita e, portanto, como um meio de conhecimento e crítica dos fatos históricos, científicos etc. É como um dos meios mais práticos ao lado da palavra oral de que o povo pode lançar mão a fim de comunicar e fazer valer as suas idéias, interesses e aspirações".⁹⁰

Vale esclarecer que Glória PONDE, em *A arte de fazer artes*, publicado em 1985 - no bloco "O papel da leitura no desenvolvimento da produção de livros" -, já havia desenvolvido o mesmo tema e da mesma forma; em *Leitura e leituras da literatura infantil*, de 1987, encontram-se alguns parágrafos idênticos, inclusive essa mesma citação, sem qualquer alerta das autoras sobre a publicação anterior.

Leitura e realidade brasileira, de Ezequiel, traz a apresentação de Regina ZILBERMAN intitulada "Leitura - um problema e tanto em nossa sociedade", ressaltando a posição deste crítico: a leitura deve tornar-se uma opção política do Estado e de seus cidadãos e não se resolve apenas com o ato individual da alfabetização. Esta obra é citada também por: Lilian Lopes Martin da SILVA, Maria Helena MARTINS, Laura SANDRONI e Luiz Raul MACHADO e Edmir PERROTTI.

⁹⁰PONDE, Glória e YUNES, Eliana. *Leitura e leituras*. p.33.

Em "Biblioteca Escolar da Gênese à Gestão",⁹¹ texto que conforma o livro *Leitura em crise na escola*, Ezequiel Theodoro aponta os grandes entraves tanto na formação dos bibliotecários, deficiente no conhecimento do usuário-leitor, quanto no funcionamento e inadequação espacial das bibliotecas. Este é o aspecto retomado por Lilian Lopes da SILVA em "A escolarização do Leitor".⁹² A este referem-se também Bordini e Zilberman e Laura Sandroni e Luiz Raul Machado.

Dois outros livros de Ezequiel Theodoro da Silva, *Leitura na escola e na biblioteca* e *Elementos de pedagogia da leitura*, compõem as referências de *Confinamento cultural* de Edmir PERROTTI.

Além da sua marcante produção teórica, Ezequiel da Silva teve um atuante papel na formação e divulgação da Associação Brasileira de Leitura, promotora dos Congressos de Leitura do Brasil. Já no início da década de 80, o III Congresso possibilita a organização do livro *A leitura e a formação do leitor; questões culturais e pedagógicas*,⁹³ cuja coordenação coube a Eliana Yunes.

A especialista Eliana Yunes é professora da PUC-RJ e da UFRJ e Secretária Geral da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil.

⁹¹SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar da gênese à gestão. In: *Leitura em crise na escola...* p.132-145.

⁹²SILVA, Lilian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor*. p.20.

⁹³YUNES, Eliana (coordenação). *A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro : Edições Antares. 1984.

Sobre seu trabalho *Presença de Monteiro Lobato*⁹⁴ diz
Sonia Salomão KHEDE:

"O pequeno volume de ensaios trata dos múltiplos aspectos dos livros de Lobato, tanto no nível da linguagem, como no de seu aspecto cultural".⁹⁵

E é no tocante à análise da linguagem que Laura SANDRONI, em *De Lobato a Bojunga*, busca argumentos em Eliana Yunes:

"A obra de Monteiro Lobato oferece justamente uma interessante dualidade de produção, uma vez que dirigida intencionalmente a crianças considera as características desta faixa etária quanto a temas, interesses e linguagem, sem contudo, se descuidar do índice ficcional, articulado sobretudo através de situações originais não-conformistas e da criatividade lingüística (...). A ludicidade não se ausenta em nenhum momento dos trabalhos do autor, capaz de surpreender por sua linguagem, ainda hoje. Tampouco a relação catártica desaparece e, sendo compromisso com a história, reflete a sociedade ora de modo crítico ora de forma a endossar alguns valores".⁹⁶

SANDRONI demonstra que o livro *Presença de Monteiro Lobato* é uma importante fonte de estudos sobre este pioneiro autor da literatura infanto-juvenil brasileira. Tanto é assim que busca mais uma vez apoio em Eliana Yunes, agora para marcar a possível relação ensinamento e criatividade:

"Então, o que se verifica é que, por um lado, pelas situações criadas, há uma dominância do aspecto pedagógico em Lobato, dado que o real próximo se apresenta às personagens e estas devem compreender o momento histórico, a situação política, o crescimento econômico. Por outro lado, se reafirma o discurso

⁹⁴YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro, Divulgação e Pesquisa, 1982.

⁹⁵KHEDE, Personagens... p.96.

⁹⁶SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga*. p.50.

literário onde a mimeses não se deixa confundir com a mera reprodução do real, mas aponta para seu questionamento e a consideração crítica das situações, à altura da inteligência e sensibilidade infantis".⁹⁷ (sem grifo no original).

Presença de Monteiro Lobato constitui também referência para: *A arte de fazer artes*, de Glória PONDE; *A Criança e o Livro*, de Laura SANDRONI e Luiz Raul MACHADO; *Literatura infantil brasileira: história & histórias* e *Um Brasil para crianças*, de Regina ZILBERMAN e Marisa LAJOLO.

No artigo "O lugar da fantasia na literatura infantil", Glória PONDE encontra a precisão dos conceitos de paródias e paráfrase, que a auxilia na elaboração do item "A Relação entre Literatura e Realidade":

"A paródia se apresenta como o discurso da inversão que perverte o sentido do verbo (a versão), alterando substancialmente a voz e a ótica do emissor inicial. Estabelece, pois, o jogo do duplo, da intertextualidade onde a contradição se instala. Por isto, pela ruptura, que provoca com a tradição, a paródia instala a descontinuidade e se estrutura pelas diferenças (...) enquanto a paráfrase exercita a garantia do sistema pelo conservadorismo e a identificação".⁹⁸

A Comunicação "Os caminhos da literatura infanto-juvenil brasileira", proferida por Eliana Yunes no I Encontro, e o artigo "A maioria da Literatura Infantil Brasileira"⁹⁹ são referenciados por Regina ZILBERMAN e Marisa LAJOLO em: *Literatura infantil brasileira: história & histórias* e *Um Brasil para crianças*.

⁹⁷SANDRONI, De Lobato a Bojunga... p.55.

⁹⁸PONDE, Glória. *A arte de fazer artes*. p.148.

⁹⁹YUNES, Eliana. *A maioria da literatura infantil brasileira*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, (63):out-dez. 1980.

Laura SANDRONI, em *De Lobato a Bojunga*, reporta-se ainda ao artigo "Os valores estéticos na obra para crianças" e ao livro *Realidade para crianças e jovens*.¹⁰⁰ de YUNES e Glória PONDE. "Questões Fundamentais de Literatura Infantil" é lembrado por Glória PONDE.

Por sua vez Eliana YUNES e Glória PONDE, para responder à pergunta "como distinguir o caráter literário de uma obra?" buscam argumentos na definição de literatura esboçada por Marisa Lajolo em "O que é literatura"¹⁰¹

"A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana".¹⁰²

Essa mesma citação é recuperada por Glória PONDE, em *A arte de fazer artes*, à página 78. Este livro de Lajolo é ainda referência em *Crônica de uma utopia*, de Maria Helena MARTINS.

Marisa Lajolo, doutora em Teoria Literária, é professora do Instituto dos Estudos da Linguagem da UNICAMP. Sua obra *Usos e abusos da literatura na escola - Bilac e a literatura escolar na República Velha*¹⁰³ - foi prefaciado por Antonio CANDIDO, que ressalta o fato de Marisa Lajolo mostrar que a obra escolar de Bilac está impregnada de um otimismo

¹⁰⁰YUNES, Eliana & PONDE, Glória. *Realidade para crianças e jovens*. Belo Horizonte : Comunicação, 1982.

¹⁰¹LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 2.ed. São Paulo : Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos n. 53).

¹⁰²YUNES, Eliana e PONDE, Glória. *Leitura e leituras...* p.39.

¹⁰³LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro : Editora Globo, 1982.

forjado, de exaltação nacionalista, atuando como redentores dos problemas da sociedade. Para os críticos do ensino da literatura na escola, este livro é imprescindível fonte de pesquisa.

Tanto é assim que Edmir PERROTTI, ao tratar da concepção utilitária, diz:

"O que foi a 'literatura escolar', o trabalho de Marisa Lajolo, 'Usos e Abusos da Literatura na Escola, demonstra-o bem. Estudando a produção de Bilac para a escola (...) a autora faz um levantamento pertinente do modo como se estruturavam as obras em questão. 'O espírito predominante nos livros de antanho', diz Lajolo 'a pensar no 'dulce' e 'utile' de Horácio, é de privilegiar o 'utile'. O 'dulce' fica para os saraus acadêmicos e sessões de declamação. A literatura apresentada pela escola é sempre categórica: o imperativo de 'ama com fé e orgulho a terra em que nasceste' repete-se sempre, num longo rosário de ordens, comandos e proibições".¹⁰⁴

Ainda nesse sentido, Lillian Lopes Martin da SILVA, em *A escolarização do leitor, a didática da destruição da leitura*, referindo-se aos critérios para a seleção dos textos literários no livro didático, destaca "os clássicos textos pátrios, familiares e escolares" que compõem, como diz Marisa Lajolo, "uma certa literatura de celebração".¹⁰⁵

Usos e abusos da literatura na escola revela um Olavo Bilac que Laura SANDRONI, em *De Lobato a Bojunga*, prefere descrever também com as próprias palavras de Lajolo:

"(...) assumindo sua nova personalidade de guardião das virtudes cívicas, renegou grande parte de sua obra - exatamente aquela que nos apresentaria um intelectual galhofeiro, irônico, chegado à poesia obscena e circunstancial (...). Anula-se o

¹⁰⁴PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor*. p.59.

¹⁰⁵SILVA, Lillian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor*. p.44.

boêmio irreverente e crítico, para permanecer o liberal, ora lírico, ora pensamentoso mas sempre orgânico".¹⁰⁶

Já o ensaio de Glória PONDE "Poesia para crianças: a mágica da eterna infância" (publicado em *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*), retoma um aspecto específico de *Usos e abusos da literatura na escola: a poesia como elemento de doutrinação das crianças*, através de valores que demonstram o domínio do adulto sobre a criança, a exemplo do que ocorre com as poesias de Olavo Bilac.

Outros críticos que remetem a *Usos e abusos da literatura na escola*: Nelly Novaes COELHO (*Literatura infantil*), Edmir PERROTTI (*Confinamento cultural, infância e leitura*), Maria Helena MARTINS (*Crônica de uma utopia*), Fúlvia ROSEMBERG (*Literatura infantil e ideologia*) e Lígia CADEMARTORI, que em *O que é literatura infantil* indica para leitura:

"Estudo sobre a relação entre a literatura e a escola na nossa tradição escolar, constitui-se numa revisão de Olavo Bilac como ideólogo e como poeta".¹⁰⁷

E para Lajolo:

"O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto só existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos o que escreve e o que lê, escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato da escritura".¹⁰⁸

¹⁰⁶SANDRONI, Laura. *De Lobato a Boiunga...* p.43.

¹⁰⁷CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil...* p.89.

¹⁰⁸LAJOLO, In: *Leitura em crise na escola...* p.54.

Lilian Lopes Martin da Silva atribuiu tal importância ao trecho citado que o tornou epígrafe do capítulo "Pra que a gente lê?", de seu livro *A escolarização do leitor; a didática da destruição da leitura*.

Com efeito, "O Texto não é Pretexto" (ensaio publicado em "Leitura em crise na escola") tornou-se básico para os críticos que discutem a presença do texto literário em sala de aula. E o caso de Ezequiel Theodoro da Silva em *Elementos de pedagogia da leitura*, que se reporta a Lajolo em dois momentos: quando discute a condição de produção da leitura dos próprios professores e quando fala sobre o ensino da leitura nas escolas brasileiras. Da mesma forma, Ezequiel em *Leitura e realidade brasileira* apóia-se no pensamento de Lajolo para discorrer sobre a relação "melhores condições de salários dos professores" e "ensino/recuperação do real significado da leitura escolar". Aliás, em ambos os livros de Ezequiel aparece uma mesma citação de Lajolo:

"(...) se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas".

em "Elementos de pedagogia da leitura" a citação encontra-se como nota de rodapé à página 18; em *Leitura e realidade brasileira*, de onde se extraiu a citação, à página 103. Neste livro, ainda, Ezequiel encontra a definição de leitor crítico, segundo a ótica de Marisa Lajolo:

"Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida".¹⁰⁹

"O Texto não é Pretexto" serve também de suporte teórico para *Leitura na escola e na biblioteca*, de Ezequiel Theodoro da SILVA:

"Marisa Lajolo, em excelente análise das finalidades da leitura no âmbito das escolas, mostrou que, ao invés 'de estimular a reflexão e a busca de conhecimentos, de promover o prazer e desenvolver a criticidade' o ensino da leitura é regido por pretextos altamente questionáveis".¹¹⁰

Também neste livro de Ezequiel está citado um outro trabalho de Marisa Lajolo: "Tecendo a leitura", artigo publicado na Revista *Leitura: teoria & prática*.

Marisa Lajolo é também bastante citada por *Literatura infantil brasileira; história e histórias*, escrito em co-autoria com Regina ZILBERMAN. Segundo Sonia Salomão KHEDE, em "Personagens da literatura infanto-juvenil":

"O livro apresenta o percurso da literatura infantil brasileira, relacionando-a com a história da cultura e da literatura brasileira da qual a infantil é parte".¹¹¹

Ao livro de Marisa Lajolo e Regina Zilberman referem-se Fanny ABROMAVICH, Glória PONDE, Maria da Glória BORDINI e Regina

¹⁰⁹SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade...* p.99.

¹¹⁰SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola...* p.104.

¹¹¹KHEDE, Sônia Salomão. *Personagens...* p.95.

ZILBERMAN, Lígia CADEMARTORI, Maria Helena MARTINS, Edmir PERROTTI e Laura SANDRONI.

Maria da Glória BORDINI, no ensaio "Crítica e Literatura Infantil nos anos 70 e 80", ao avaliar os textos críticos publicados em jornais, diz

"Outra forma de argumentação bastante empregada nessas décadas é aquela que se vale de uma teoria exposta previamente à emissão do juízo, para alicerçar o valor encontrado. Observa-se principalmente em críticos proveniente do meio acadêmico e que exercem suas atividades na área da Universidade e na da Imprensa (....)".¹¹²

O exemplo que destaca é o artigo "Sem Defeitos: uma poesia ágil e musical" de Marisa Lajolo, publicado em "O Estado de São Paulo":

"Um elemento qualquer poetiza-se no momento em que o poeta o recria em instantes únicos, criados através de uma linguagem igualmente única, especial, sutilíssima. Essa linguagem também não é poética em si, como de novo podem crer os desavisados em relação a palavras bonitas do tipo amor ou flor. Nada disso. Assuntos e linguagens só são (ou deixam de ser) poéticos num texto concreto. Perdão, leitores, por todo esse blá-blá-blá. Mas ele é importante para estabelecer um território menos móvel que me permite dizer porque o texto de Elias José merece mafuás, novenas e cavalhadas".¹¹³

O aspecto marcante da crítica literária infanto-juvenil na década de 80 é, sem dúvida, o crescimento da produção e o aprofundamento das temáticas, desenhando diversas vertentes, consideradas a partir da ligação dos críticos com suas

¹¹²BORDINI, In: Literatura infanto-juvenil; um gênero polêmico... p.104-5.

¹¹³BORDINI, In: Literatura... p.105.

respectivas instituições e, principalmente, a partir do direcionamento de sua produção.

Dessa forma, os críticos, segundo o núcleo de interesse e a instituição a que eles pertencem, podem compor alguns grupos. Mas aqui há que se colocar que esse agrupamento nem sempre é homogêneo no pensar e no atuar, já que os críticos individualmente vão consolidar sua produção, a despeito de grupos, instituições e regiões.

1º grupo - Nelly Novaes Coelho, Olga Molina e Edmir Perrotti - Universidade de São Paulo. As duas especialistas estão voltadas, principalmente, para a conceituação da própria literatura infanto-juvenil, bem como para a consolidação desta disciplina no 3º grau. Especificamente, Nelly Novaes destaca-se por sua preocupação didática em oferecer uma visão panorâmica sobre o tema, sistematizando, por exemplo, autores e obras. Olga Molina marca sua atuação em congressos e na Revista *Leitura: teoria & prática*, mas, quando do rastreamento bibliográfico da crítica de 80, não se encontra nenhuma referência a algum tipo de livro da especialista. Já Edmir Perrotti vai pautar sua produção por polemizar com a própria crítica - o que o desvincula de qualquer grupo - particularmente no tocante à tendência utilitarista da literatura infantil e à visão assistencialista dos programas de promoção da leitura. Perrotti não raras vezes consegue apontar para concepções inovadoras no tocante ao trato do livro como fetiche e da imposição cultural à criança. Suas idéias alcançam maior repercussão por serem propagadas em jornal.

2º grupo - Sonia Salomão Khéde, Laura Constância Sandroni, Glória Pondé e Eliana Yunes - Universidades Federal

e Estadual do Rio de Janeiro, sendo as três últimas ligadas à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e aos programas de promoção da leitura. Estas especialistas enfocam a leitura enquanto prazer, jogo e arte. Eliana Yunes e Glória Pondé são co-autoras em alguns momentos. Khéde e Sandroni dedicam-se à promoção e crítica de obras e autores, em jornal.

3º grupo - Fúlvia Rosemberg, Fundação Carlos Chagas e Fanny Abramovich, coordenadora de coleções de histórias infanto-juvenis - Rosemberg, em suas análises, prioriza os estereótipos de personagens na literatura infanto-juvenil, enquanto Abramovich detém-se nos aspectos literários do texto. Ambas são articulistas de periódicos e não estão ligadas à instituição universitária.

4º grupo - Maria Antonieta Antunes Cunha - Universidade Federal de Minas Gerais - Uma das pioneiras da promoção da literatura infanto-juvenil em jornais. Dedicou-se principalmente ao ensino dessa literatura. Como Nelly Novaes Coelho, esta especialista tem livros editados antes da década de 80, assumindo inclusive semelhante preocupação pedagógica.

5º grupo - Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini, Vera Teixeira Aguiar, Maria Helena Martins e Ligia Cademartori - Centro de Pesquisas Literárias do Rio Grande do Sul - O traco de união neste grupo é a preocupação com a relação literatura/leitor e escola. Refletem sobre o texto literário em suas qualidades intrínsecas e atuam na realidade das escolas de 1º grau do Rio Grande do Sul, bem como no 3º grau com a formação do professor de literatura infantil na graduação e pós-graduação. Formaram um centro de excelência de

pesquisa da literatura infanto-juvenil, que acabou por tornar-se um lugar de destaque no País, como uma considerável produção.

Bordini atém-se a analisar a poesia infanto-juvenil, além de refletir sobre a atuação da própria crítica. Martins desenvolveu trabalho pioneiro através da "Salinha de Leitura", tendo aliado teoria e prática. Regina Zilberman é o expoente deste grupo; tem estudos sobre a recepção do texto pelo leitor fundamentado na estética da recepção.

6º grupo - Ezequiel Theodoro da Silva, Lilian Lopes Martin da Silva, Maria Luiza Smolka e Marisa Lajolo - Instituto de Estudos da Linguagem - IEL-UNICAMP - Tratam do aspecto específico do texto e do referencial sócio-político do leitor, bem como da complexa relação leitura literária e escola. Ezequiel da Silva centraliza sua produção na reflexão sobre a democratização da leitura em consonância com a democratização da sociedade. Smolka discorre sobre a leitura enquanto linguagem que se realiza de forma dialógica entre os sujeitos. Lajolo é especialista na avaliação do texto literário em sala de aula. No início da década de 80, sua produção estava orientada para a teoria, história e evolução da literatura infanto-juvenil - o que pode ser evidenciado por sua co-autoria com Regina Zilberman -, entretanto, ao findar da década, seus estudos passam a sofrer influência da Lingüística, traço aparente pela sua atuação no IEL e publicações na Revista *Leitura: teoria & prática*. O IEL caracteriza-se por reunir estudiosos oriundos de diversas

áreas do conhecimento, a exemplo de Ezequiel Theodoro da Silva, da área de Educação e Marisa Lajolo, de Letras.

Esses dois últimos grupos tiveram facilitada a publicação de seus trabalhos - realizados em co-autoria intra e inter-grupos - não só pela incontestada qualidade dos estudos mas também pela oportunidade que representa a Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre e em ponto menor a editora Atica que vai editar a série Princípios e teses de mestrado e doutorado sobre o assunto.

Durante trinta anos a crítica esteve em gestação. No decorrer da década de 80, ela constrói seu próprio caminho e encontra espaço para crescer e se consolidar.

CONCLUSOES

Os anos 80 são palco de uma indiscutível e irreversível articulação da crítica no campo da literatura infanto-juvenil na escola brasileira.

Esta articulação se deu no espaço dos Encontros, dos Congressos e das publicações mais persistentes.

Assim o I Encontro de Professores de Literatura Infanto-Juvenil, em 1980, foi marcante por ter aglutinado os especialistas, ter estabelecido um fórum em âmbito nacional e por ter começado a delinear o perfil do pensamento crítico sobre o tema. Os demais Encontros e Congressos não foram menos importantes, pois constituíram oportunos momentos para que os críticos demonstrassem o avanço e a trajetória de suas idéias, durante a década de 80.

Nos Congressos da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil e nos Congressos Brasileiros de Leitura da Associação Brasileira de Leitura, nota-se um contínuo e expressivo aumento dos participantes, oriundos das diferentes regiões do País. Mas os centros irradiadores desse discurso sobre literatura continuam restritos à UNICAMP, USP, às Universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro e ao Centro de Pesquisas Literárias da PUC-RS, reforçando a voz de determinados críticos.

Nesse processo de construção da análise da literatura

infanto-juvenil no País, observa-se a configuração de um circuito mais ou menos fechado de autores, com tendência a absorver novos estudiosos, dentro de critérios de pretendida competência, filiação institucional e compromisso ideológico.

A Revista *Leitura: teoria & prática*, por exemplo, se mostra um eficiente canal de manutenção do discurso voltado para a democratização da leitura, bem como dos mentores e produtores dessa linha de pensamento: Paulo Freire, Ezequiel Theodoro da Silva, Marisa Lajolo, Regina Zilberman. E surpreendente, no entanto, o fato de Nelly Novaes Coelho ser mencionada somente quando de sua participação no 4º COLE, já que esta especialista da USP, além da reedição do seu livro *A Literatura Infantil*, produziu entre outros trabalhos o *Dicionário crítico da Literatura Infantil/Juvenil brasileira 1882/1982* - nem sequer resenhado na Revista - e permaneceu atuante nos Congressos da FNLIJ. Já Lilian Lopes Martin da Silva teve divulgada todas as fases de sua pesquisa *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*.

Vale ressaltar também a atuação expressiva de Olga Molina nos Encontros, Congressos e na Revista. Porém, constatou-se que ela não é referenciada nos livros dos críticos da década de 80, razão da sua exclusão no terceiro capítulo. Por outro lado, Ana Luíza B. Smolka - um nome não selecionado para esta dissertação - vai se destacando nos COLEs e na revista e edita um ensaio com Ezequiel Theodoro da Silva, Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman. Por conseguinte, ela passa a tomar parte do diálogo, ao

representar a concepção voltada à ciência da linguagem novo rumo tomado pela revista no final da década.

Os Congressos da FNLIJ iniciam com a busca do discurso competente instalado em algumas instituições de ensino superior do País, preocupando-se com a configuração do discurso teórico capaz de explicar o fenômeno literário emergente e sua relação com a escola. Posteriormente, as discussões se encaminharam para o enfoque multidisciplinar e terminam por privilegiar todos os aspectos da produção de livros de literatura infantil. Assim mesmo, constata-se uma diversificação de objetos na construção da crítica no campo da literatura infantil e a projeção da trama desejada pela política dos Congressos, em particular explicitada nos preparativos do 7º COLE.

Os temas levantados nas comunicações, desenvolvidos na Revista e formalizados em livros, em função dos direcionamentos que os críticos lhes emprestam, vão conformando as diversas concepções sobre literatura infanto-juvenil na escola na década de 80.

Do diálogo, pôde-se depreender o entrelacar de críticos e de seus assuntos: ato de ler, leitura, texto, leitor, infantil e juvenil, literatura, prazer estético, criatividade, ilustração, o lúdico, educação, ensino, aprendizado, professor, escola, cultura, livros, democratização, mercado.

O encadear das idéias é elaborado de tal forma que uma delas pode se transformar concomitantemente em início e passagem para outra idéia, por isso mesmo permite que elas

sejam encontradas neste "jogo" de palavras: escola, literatura, texto... reveladas na interação destes conceitos:

- . Apreensão, apropriação e transformação que leva a novas possibilidades de existência, o texto é a síntese do real, mimetiza os contatos palpáveis e concretos do ser humano. Ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê.
- . Leitura não é decifração de um enigma, mas possibilidade de fazer relações e buscar significados sucessivos. Modelo de desvelamento do mundo, mediadora entre cada ser humano e seu presente: experiência que resulta do trajeto da consciência do sujeito ao desvelar o texto.

Por fim, na reflexão dos críticos da literatura infanto-juvenil na escola certos conflitos dão textura a um processo de auto-conhecimento do fazer pedagógico, pelo desenvolvimento de um pensamento de grande impacto questionador.

Assim a compreensão do diálogo da crítica exposto até este momento propicia a reflexão sobre:

- . A literatura por ser palavra em liberdade não se coaduna com a pedagogia, por ser esta pragmática modelar, estruturada e convencional. Mas na escola ela não pode prescindir de uma orientação pedagógica e da intermediação dos professores.
- . A crise da leitura é também a crise da escola. A escola deve ensinar a ler de forma integral.

. O texto não é pretexto para aprendizagens normativas. O sistema escolar não tomou para si a tarefa de ser posto avançado, um laboratório, massa crítica, na questão da leitura literária como prática social.

Este trabalho se posiciona como mediador do diálogo entre os críticos e entende que essas reflexões geradas e transformadas na realidade permearam o discurso da década de 80. Discurso nem sempre preciso, até mesmo na definição do seu objeto: há críticos que consideram literatura infanto-juvenil um gênero, quando gênero não se define pelo destinatário, mas sim por sua estrutura interna, como foi já definido na introdução deste estudo. Discurso que, a princípio, por ter tanto a dizer, algumas vezes, no entanto, chegou a se repetir e outras a interpretar superficialmente a prática. Um discurso de tanto nomes, tantas obras, em que ninguém fica com a última palavra acenando sim para a indicação de três interligadas vertentes: Ezequiel Theodoro da Silva/leitura e escola. Regina Zilberman/literatura e leitor e Marisa Lajolo/texto.

Ezequiel Theodoro da Silva centra sua reflexão sobre a escola, a formação do leitor crítico e do professor, as condições de funcionamento das bibliotecas e a injunção dos aspectos políticos, sociais e culturais sobre a Educação. Para ele, a superação dos problemas na área está condicionada à transformação da realidade.

Regina Zilberman construiu sua formação no interior da própria literatura, sob o rigor conceitual das escolas alemã e inglesa, o que lhe possibilita um entendimento diferenciado e

abrangente sobre as questões históricas, sociais, culturais para a interpretação da literatura infantil e sua recepção pelo leitor. Propugna o aperfeiçoamento teórico aliado a uma prática consistente do professor - prática essa construída na interação com o aluno-leitor.

Marisa Lajolo trabalha em profundidade o texto literário em sala de aula, levantando todas as impropriedades de seu uso. Entende o discurso literário como um universo a ser infinitamente explorado nas suas ilimitadas possibilidades.

Os três especialistas têm em mente a democratização da leitura no Brasil e parecem acreditar na interdisciplinaridade* como uma possibilidade para a crítica na década de 90. começam a atrair outros discursos; já estão a esboçar um novo diálogo...

"(....) Por isso, vale a pena perguntar: quais devem ser as políticas de leitura para o Brasil que se almeja nos anos 90? Cabe repetir as mesmas fórmulas, esperando que, agora, elas dêem certo? Ou de inventar o novo, especialmente nesse momento, quando se pode definir em que consiste esse novo?¹

*Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva são organizadores do livro *Leitura: perspectivas interdisciplinares*, que traz ensaios de Eni Oriandi, Mary A. Kato, José Marques de Melo além do de Marisa Lajolo. LEITURA: perspectivas interdisciplinares. São Paulo : Atica, 1988. org. ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da.

¹ZILBERMAN, Regina. *De leitor para leitores: políticas públicas e programas de incentivo à leitura*. mimeo.

ANEXOS

ANEXO 1

SUMARIO DOS ANAIS DO I ENCONTRO DE
PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL DA FNLIJ

SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO	v
- Literatura Infantil, abertura para a formação de uma nova mentalidade - Nelly Novaes Coelho	1
- Literatura e ensino - Regina Zilberman	13
- A situação da literatura infantil e juvenil no Rio Grande do Sul - Vera Teixeira de Aguiar	60
- Metodologia de ensino da literatura infantil e juvenil - Ana Mariza Ribeiro Filipouski	71
- Literatura infantil e juvenil: uma experiência no ensino de Letras - Maria Helena Martins	83
- Biblioteca e ensino de literatura infantil e juvenil - Maria Antonieta Antunes Cunha	91
- O ensino da literatura infantil em Biblioteconomia - Lícia Carvalho Medeiros	112
- Nossa experiência em literatura infantil no Rio Grande do Sul - Maria Dinorah Luz Belvedere	114
- Teoria da leitura na formação básica do professor de literatura infantil e juvenil - Ezequiel Theodoro da Silva	128
- Devagar com o andar - Ivan Cavalcanti Proença	141
- Os caminhos da literatura infanto-juvenil brasileira - Eliana Yunes	146
- Poesia e literatura infantil: reflexões de um Passarinho Carrancudo - Horácio Dídimo	169
- Literatura infantil e juvenil: ideologia e consciência - Sônia Salomao Khêde	180
- A violência na literatura infantil e juvenil - Glória Maria Fialho Pondê	196
- A literatura e a criança - Bárbara Vasconcellos de Carvalho	205

- Metodologia de ensino da literatura infantil e juvenil - Francisca Nóbrega	218
- Iniciação ao estudo da literatura infantil e juvenil - Vânia Maria Resende	246
- Minha experiência em literatura infantil - Teresinha Leite Prado	265
- O livro para crianças: fator de transformação - Eglê Malheiros Miguel	270
- O problema da ilustração no livro infantil - Regina Yolanda Werneck	277
- Mesa redonda de críticos de literatura infantil e juvenil - Antônio Hohlfeldt, Eliane Ganem, Edmir Perrotti, Laura Constância Sandroni, Maria Antonieta Antunes Cunha	287
- Bibliografia geral apresentada pelos participantes do I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil.....	314
- Documento do I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil	335
- Lista de participantes e observadores	338

ANEXO 2

SUMARIO DOS ANAIS DO CONGRESSO DE
LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DA FNLIJ

PALESTRAS

A importância da leitura na sociedade brasileira.	
- Olga Molina	003
O livro para crianças: da produção à circulação.	
- Paulo Condini	014
A teoria da literatura infantil e juvenil.	
- Manuel Antonio de Castro	016
A biblioteca e o contexto social.	
- Kátia Carvalho	033
A crítica da literatura infantil: uma questão problemática.	
- Maria da Glória Bordini	044

II ENCONTRO DE ESPECIALISTAS

PALESTRAS

Nova visão do literário nos textos para crianças e jovens.	
- Sonia Salomão Khêde	053
A criança e a escrita: o infantil.	
- Eliana Yunes	056
Pedro que só quero pedros, pedra! ou O livro para o jovem: o juvenil.	
- Francisca Nóbrega e Lucy Ruas	064

COMUNICAÇÕES

O trabalho de ilustração do livro.	
- Ivan e Marcelo	079
O testemunho do jovem leitor.	
- Maria Thereza Strôngoli	079
Reflexões sobre literatura infanto-juvenil e ideologia.	
- Alaíde Lisboa de Oliveira	097
A Ciranda de Livros na escola.	
- Luiz Raul Machado	103
Escrever para crianças: uma experiência gratificante.	
- Cecy Ramos Costa Bahia	104
Alguns problemas metodológicos do estudo da literatura infanto-juvenil pela psicologia.	
- Gustavo A. Ramos Mello Neto	108

O humor e a literatura infantil.	
- Ana Maria Bulhões de Carvalho Edelweiss	115
O livro didático de Comunicação e Expressão.	
- Lúcia Teixeira de Siqueira e Oliveira	117
Bibliotecas Municipais de Curitiba.	
- Aline Medeiros D'Oliveira	119
Pesquisa: Interesse e hábito de leitura - FNLIJ/FINEP.	
- Maria Luiza Barbosa de Oliveira, Elizabeth Paz de Almeida e Maria Alice Bogossian	125
O adolescente e a leitura.	
- Maria Helena Hansen, Dalva Verani	127
A ilustração brasileira de hoje.	
- Regina Yolanda, Rui de Oliveira	136
Tentativa de morte no castelo: suspeita-se de Édipo. Um estudo do fantástico sob o enfoque psicanalítico.	
- Maria Thereza Q. Guimarães Strôngoli	145
O mito na sala de jantar.	
- Rosa Maria Bueno Fischer	170
O papel do professor no desenvolvimento do hábito de leitura.	
- Francisco Aurélio Ribeiro	178
O mundo maravilhoso de Lobato.	
- Hygia Therezinha Calmon Ferreira	183
Crianças fazem livros.	
- Márcia Flávia Porto	188
A literatura infantil e juvenil no ensino do 1º Grau, na Bahia.	
- Maria Antonia Ramos Coutinho	189
Literatura na escola: sinal verde para a vida.	
- Ivone Machado de Almeida e Ivone Marçal Marangon	197
Ilustração: uma proposta de leitura.	
- Denise Fraifeld e Fernando Alzuguir Azevedo	199
As relações de poder nas obras de Ruth Rocha.	
- Rosa Maria Cuba Riche	205
A escola e o gosto pela leitura.	
- Wanda Rollin Pinheiro Lopes	211
Biblioteca infantil comunitária.	
- Marina Quintanilha Martinez	226

Orientação sobre a literatura na escola de 1º e 2º Graus.	
- Vânia Maria Rezende e Maria Auxiliadora G. Lopes.....	234
Experiência criativa em escola de periferia de Curitiba.	
- Vera La Pastina e Maria Helena Saporoli	241
Uma linguagem infantil.	
- Elizabeth Hazin	246
Estudo da narrativa na literatura infanto-juvenil.	
- Marly Messeder Kobliz	255
A vocação e o profissional.	
- Angélica Mergulhão	265
Projeto de literatura infanto-juvenil.	
- Paulo Bragatto Filho	271
Relato de experiências sobre leitura de texto.	
- Cleone A. de Abreu Ribeiro	277
Ao aluno com carinho.	
- Flávia Savary	282
A criança, a gramática e a literatura.	
- Izabel Cristina Augusto de Souza Faria	290
O livro na sala de aula.	
- Maria Dinorah Luz do Prado	291

TRIBUNA LIVRE

Literatura Infantil e Juvenil de Língua Portuguesa.	
- Maria Antonia dos Santos Botelho	301

OFICINAS

A interpretação do texto através do teatro.	
- Isa Aderne Vieira	321
A interpretação do texto através das artes plásticas.	
- Elizabeth Pereira de Carvalho	321
A arte de contar histórias.	
- Maria Betty Coelho Silva.....	331
CONCLUSÃO	334

ANEXO 3
INDICE E RESUMO DOS ANAIS DO 2º CONGRESSO
BRASILEIRO DE LITERATURA INFANTIL E
JUVENIL DA FNLIJ

Anais do 2º Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil – resumo

Apresentação

Esta publicação reúne alguns textos, artigos e entrevistas representativos do 2º Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil realizado de 20 a 24 de julho de 1987 na Universidade Federal Fluminense (Niterói - RJ), cujos temas foram a LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

O material de que dispúnhamos foi reunido com o objetivo de documentar o congresso de efetiva importância para a área da literatura infantil. Dado que os textos não nos chegaram em sua totalidade, fizemos uma seleção capaz de indicar o nível dos debates.

Realização

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Organização do Congresso

Denise Vilardo Nunes Guimarães

Inez Rocha

Luiz Raul Machado

Violeta de San Tiago Dantas Quental

Eliete Soares de Castro Rosa

Patrocínio

Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

Secretaria Geral do MEC

Apoio

Alba Química; Ao Livro Técnico; Atual; Cedi-bra; Cia. Editora Nacional; Cia. Melhoramentos de São Paulo; Coca-Cola; Compactor, Editora do Brasil; FTD; Inacem; Memórias Futuras; Moderna; Nestlé; Nova Fronteira; Paulinas; Pinto e Bastos Copiadora; Record; Universidade Federal Fluminense; Vigilância

Agradecimentos

Agir; Antares; Arco-Iris; Ática; Bertrand Brasil;

Bloch; Brasiliense; Casa da Filosofia; CEP/RJ; Codecri; Comunicação; Conquista; Diálogo; Ensino Moderno; Formato; Global; Gutenberg; Irradiação Cultural; José Olympio; LPM; Mercado Aberto; Miguilim; Nórdica; Pasárgada; Plaza Shopping; Portinari; Primor; Orientação Cultural; Rocco; Salamandra; Sindicato dos Professores/RJ; Summus.

Agradecimento Especial

Editora Brasil-América (EBAL)

Montagem e Organização do Resumo dos Anais

Anna Claudia Ramos

Clarissa Rollin P. Bastos

Eliana Yunes

Maria Alice Martins

Ninfa Parreiras

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Rua da Imprensa, 16 - 10º andar - Tel.: 262-9130

- CEP 20030 - Rio de Janeiro-RJ - Brasil

Conselho Administrativo

Afonso Romano de Sant'Anna

Alfredo Machado

Alfredo Weiszflog

Arnaldo Niskier - Presidente

Celina Dutra da Fonseca Rondon

Ferdinando Bastos de Souza

Helena de Miranda Rosa e Souza

Henrique Sérgio Gregori

Horário Macedo

José Mindlin

Maria Alice Giudice Barroso Soares

Mário Brockmann Machado

Manoel Marcos Maciel Formiga

Mônica Paula Rector

Werner Klatt

Wladimir Murtinho

Dil Márcio G. Souza

Conselho Diretor

Ana Maria Filgueiras

Nelson Fernandes Guimarães

Conselho Curador

Henrique Luz

Paulo Adolfo Aizen

Terezinha Saraiva

Secretaria

Secretária Geral - Eliana Yunes

Secretária de Administração - Elizabeth D'Angelo Serra

Secretária de Planejamento - Sonia Salomão Khéde

Secretária de Planejamento - Sonia Salomão Khéde

Representantes da FNLIJ

Acre - Maria José F. Mansour

Amazonas - Ana Lúcia N. da Silva Abraham

Bahia - Elizabeth de Andrade Lima Hazin

Ceará - Horácio Dídimo P. B. Vieira

Espírito Santo - Francisco Aurélio Ribeiro

Goiás - Maria Zaira Turchi

Maranhão - Rosa Maria Ferreira Lima

Mato Grosso - Laura Battista Nardes

Mato Grosso e BSB - Maurício Corrêa Leite

Mato Grosso do Sul - Ceila Maria Pua Ferreira

Minas Gerais - Vânia Maria Resende

Paraíba - Ana Albertina Graça Branco

Paraná - Glória Kirinus

Pernambuco - Maria Lúcia Peixoto da Silva

Piauí - Maria do Socorro R. Magalhães

Rio Grande do Norte - Iaconara Miranda de Albuquerque

Rio Grande do Sul - Terezinha Juraci Machado da Silva

Rondônia - Glória Vailadares Granjeiro

Santa Catarina - Nelita Bortolotto

São Paulo - Maria Tereza Palumbo da Silva ●

Índice

1. Editorial - Eliana Yunes	1
2. Discurso de Abertura do 2º Congresso Bras. de Lit. Inf. e Juvenil	2
3. Entrevistas	2 e 4
3.1 Programação Infantil na T.V. - Rosa Fisher	2
3.2 Ziraldando histórias - Ziraldo	4
4. Literatura Infanto-Juvenil Bras. e os meios de comunicação de massa - Arnaldo Niskier	5
5. O espaço da infância na cultura - Eliana Yunes	7
6. Poesia e consciência lingüística na infância - Maria da Glória Bordini	8
7. Partilha e conflito de interpretações em leitura - Ezequiel Theodoro da Silva (conferência e debate)	11
8. É com imagem que conto histórias - Angela Lago	15
9. Quadrinhos & quadrinhos para crianças - Moacy Cirne	15
10. De boas intenções... - Gustavo Bernardo	16
11. Ensino da Língua Materna e Literatura Infantil - Neuza Salim	17
12. Leitura versus Leituras - Nelly Novaes Coelho	19
13. Leitura em sala de aula: filosofia de educação e de vida - Werner Zotz	21

ANEXO 4
PROGRAMA GERAL DO 3º CONGRESSO DA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E
JUVENIL

PROGRAMA GERAL DO III CONGRESSO

Horário	2ª FEIRA, 24/7	3ª FEIRA, 25/7	4ª FEIRA' 26/7	5ª FEIRA, 27/7	6ª FEIRA, 28/7
8h 30min	Solenidade de Abertura do Congresso				
9 horas às 12 horas	Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes 10horas - Teatrinho Conferência <i>Questões em torno da crítica para o jornal</i> Maria Antonieta Cunha 11h30min -	Conferência Uma crítica da Literatura infantil que transita na pré-escola Vera Aguiar	Conferência: "A crítica da Literatura Infantil: problemas e propostas, diferenças e ligações com a crítica literária geral. Joel Franz Rosell	Mesa-Redonda <i>O Papel da Crítica na Seleção do Livro Infantil</i> ○ Eliana Yunes (Coordenadora) ○ Marisa Lajolo ○ Sonia Salomão	Avaliação do Congresso (Participação Livre)
		Conferência <i>Crítica da Ilustração para Criança</i> Luís Camargo	Conferência <i>A Imagem Narrativa</i> Rui de Oliveira	Mesa-Redonda <i>A Crítica da Ilustração no Brasil</i> ○ Regina Yolanda (Coordenadora) ○ Ziraldo ○ Laura Sandroni ○ Jô de Oliveira	Encerramento do Congresso
12h 15min			Compacto do Vídeo <i>O Autor e sua Obra</i>		
	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	
14h 15min 30min	Apresentação dos Projetos da FNLIJ (Relato de Experiências)	Cursos (Crítica e Ilustração) Comunicações (Selecionadas) 14h às 15h30min Comunicações (Livre) 15h30m às 17h30min	Cursos (Crítica e Ilustração) Comunicações (Selecionadas) 14h às 15h30min Comunicações (Livre) 15h30 min às 17 h	Cursos (Crítica e Ilustração) Comunicações (Selecionadas) 14h às 15h30min Comunicações (Livre) 15h 30 min às 17 h	
16 às 17h 30min		Oficinas (Críticas e Ilustração)	Oficinas (Críticas e Ilustração)	Oficinas (Crítica e Ilustração)	
18 horas	Abertura das Exposições. Local: Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro ○ De Lobato a Bojunga ○ Mostra da Feira de Bolonha ○ Mostra de Livros Científicos para Juventude através do mundo.	Teatro Infantil <i>Ponto de Tecer Poesia</i> Sylvia Orthof	Teatro Infantil <i>Em Busca do Coração Secreto</i> Tonio Carvalho		

TABELA DE OFICINAS E CURSOS

CURSOS			
NOMES	PROFESSOR	Código	SALA
CURSOS CRÍTICA:			
○ "As narrativas de Suspense"	Vera Tietzmam Silva	A	7010
○ "Crítica e Leituras Críticas"	Sonia Salomão Khêde	B	7050
○ "Percurso do leitor crítico"	Eliana Yunes	C	7058
○ "Professor, o crítico que toca no arco-iris"	Nílma Gonçalves Lacerda	D	7053
○ "A crítica da Literatura Infantil/Juvenil e suas relações com a Escola e com a Cultura em processo!"	Nelly Novaes Coelho	E	7088
CURSOS IMAGEM:			
○ "A Leitura de Imagem e a Expressão Criadora"	Regina Yolanda	F	RAV 72
○ "Concepção do Livro de Imagem"	Angela Lago	G	RAV 64
○ "Projeto Gráfico e Ilustração para Criança"	Luis Camargo	H	7093
○ "Técnicas de Criação e Identidade na Ilustração do Livro Infantil"	Gian Calvi	I	7096
○ "Texto e Imagens Infantis"	Humberto Guimarães	J	6104
○ "A Imagem na Literatura Infantil"	Gerson Conforto	L	7015

OFICINAS			
NOMES	PROFESSOR	Código	SALA
OFICINAS CRÍTICA:			
○ "Literatura Juvenil: discutindo a recepção" (Texto Juvenil: narrar uma história para o leitor ou produzir um sentido de totalidade com o leitor)	Yone Meloni Nassar	01	7032
○ "Escola: a necessidade de ler na/a sociedade atual"	Vera Varela	02	7053
○ "Biblioteca Infantil – Projetos de estímulo à Leitura"	Marina Martinez	03	7050
○ "Seguindo o riso – um caminho crítico para a Leitura Infantil"	Maria Zaíra Turchi	04	7096
○ "Lavra-palavra"	Glória Kirinus	05	7088
OFICINAS IMAGEM:			
○ "A Comunicação da imagem em sua relação com o texto"	Eva Furnari	06	RAV 62
○ "Quadro, quadrinho e quadrados"	Francisco Nóbrega	07	7058
○ "Imagem Teatral do Livro"	Sylvia Orthof	08	7031
○ "Análise de relação texto/imagem com experiências ligadas à imagem" (público: estudantes e profissionais de arte, desenho, fotografia ou publicidade)	Ana Raquel	09	6104
○ "Elaboração de uma brevehistória sem palavras"	Ivar Da Coll – Ilustrador e autor de livros infantis na Colômbia	10	7093
○ "O processo criativo e técnico no desenvolvimento de um livro infantil"	Ricardo Leite	11	7015

ANEXO 5

DIVULGAÇÃO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL - FNLIJ

DIVULGAÇÃO

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL - FNLIJ

LAURA CONSTÂNCIA AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE SANDRONI
Membro do Conselho Diretor da FNLIJ

Criada em 23 de maio de 1968, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil propôs-se desde seu início a congregar todos aqueles que nos diversos campos de trabalho se interessavam por livros para crianças e jovens. Autores, ilustradores, editores, diagramadores, professores e pais foram chamados a unir-se em torno do objetivo maior que era, e continua sendo, a melhoria da produção para essa faixa de idade que, grosso modo, corresponde ao primeiro grau de ensino nele incluído a pré-escola.

Nestes quase quinze anos desenvolvemos nosso trabalho em quatro linhas que se complementam: 1º) as publicações; 2º) os cursos e seminários; 3º) as pesquisas, e 4º) que é na realidade o objetivo último de todas, a formação do hábito da leitura.

1º) Editamos três tipos de publicações:

a) *O Boletim Informativo* (trimestral) que se encontra hoje no seu número 58 e

preocupa-se em divulgar artigos sobre aspectos teóricos da Lit. Inf. Juvenil além de documentos e resenha de livros sobre o mesmo tema;

b) *Seleção de Livros para a Infância e a Juventude* (bimestral) onde são comentados dois títulos escolhidos por sua qualidade para cada faixa de idade;

c) *Notícias* (mensal) que veicula informações de todo tipo (concursos, prêmios, cursos) nacionais e estrangeiros.

2º) Desde o início de suas atividades a FNLIJ vem organizando ou promovendo cursos, mesas-redondas, seminários dos mais diversos tipos. Desde pequenas discussões em colégios e bibliotecas até grandes reuniões, como o XIV Congresso da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil em 1974 ou os grandes seminários realizados durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo em 72, 78, 80 e 82.

grafia Analítica da Literatura Infantil e Juvenil publicada no Brasil (1965-1974) estudo crítico dos livros destinados a crianças e jovens editados no período. Na mesma ocasião levou a efeito pesquisa sobre hábitos de leitura na população escolar do Rio de Janeiro.

Para publicação próxima preparou o segundo volume da "Bibliografia" abrangendo o período 1975 a 1978 e o Dicionário bio-bibliográfico dos autores brasileiros de Lit. Inf. e Juv.

Tem ainda um projeto de pesquisa de hábitos e interesses de leitura de âmbito nacional aguardando verbas para execução.

4º) Para incentivar o hábito de leitura a FNLIJ tem procurado aprimorar a qualidade dos livros produzidos através da criação de prêmios como "O melhor para a criança" (1974), "O melhor para o jovem" (1978) e "O melhor livro sem texto" (1981), todos para livros publicados e o Prêmio Alfredo Machado Quintella para texto inédito destinado ao público juvenil.

Outro aspecto do problema onde a FNLIJ tem aplicado o melhor de seus esforços é na criação e dinamização das bibliotecas públicas infantis e bibliotecas escolares. Além de desenvolver uma metodologia específica de estímulo à leitura transmitida através de incontáveis cursos tem atuado diretamente na criação de bibliotecas em áreas carentes como Brasília Teimosa em Recife, Pernambuco e no Morro dos Cabritos, Favela Euclides da Rocha, Rio de Janeiro.

O Projeto "Ciranda de Livros", que agora iniciamos com a Fundação Roberto Marinho e o apoio da Hoescht do Brasil, é certamente o mais amplo que tentamos nessa área. Consiste na seleção pela FNLIJ de 15 títulos de variados gêneros e graus de dificuldade de leitura a serem distribuídos a 30000 escolas de áreas carentes de todo o Brasil. O projeto, que terá ampla divulgação através

Outra luta da FNLIJ, na mesma linha de ação, é aquela que visa a criação da cadeira de literatura infantil e juvenil nas universidades brasileiras, especialmente nos cursos de Letras, Educação e Biblioteconomia. Com esse objetivo trouxemos ao Brasil em 1976 o professor alemão Dr. Klaus Doderer para um curso intensivo da PUC/RJ. Daí em diante começou a surgir em algumas faculdades a cadeira de Lit. Inf. em graduação e pós-graduação.

A inserção da disciplina no profissionalizante pedagógico tem sido também objetivo de preocupação constante.

Em 1980, a FNLIJ reuniu no Rio de Janeiro os professores desta cadeira de todo o Brasil para conhecer a metodologia e a bibliografia utilizadas por eles e discutir os diversos problemas que enfrentam.

3º) Na área da pesquisa a FNLIJ tem atuado desde 1977, quando lançou a *Biblio-*

Globo, terá a duração de 4 anos, sendo que a cada ano se repetirá a quantidade, variando-se títulos e autores.

O projeto será avaliado em todo o seu processo e dará oportunidade para verificar-se a adequação dos livros relacionados em todos os seus aspectos bem como sentir as preferências de leitura das crianças de todas as áreas envolvidas.

A FNLIJ, que tem também um centro de informação e documentação em Literatura Infanto-Juvenil, é uma entidade de direito privado que trabalha em estreita vinculação com o Ministério da Educação e Cultura através de convênios para atividades específicas. Tem também sócios, pessoas físicas que recebem pelo correio todo o material publicado, bastando para isso pagar uma taxa anual que, em 1982, está fixada em Cr\$ 2.000,00.

Se você estiver interessado escreva para a FNLIJ - Rua da Imprensa, 16 - 5º andar - salas 508-510 - CEP 20030 - Rio de Janeiro. ■

DIVULGAÇÃO

ANEXO 6
ESTATUTO DA REVISTA LEITURA: TEORIA &
PRÁTICA



O Comitê Provisório da ALB, indicado na Assembléia do dia 14 de novembro de 1981, ficou encarregado de, a partir das sugestões dos associados, estabelecer os Estatutos da Associação.

No processo de elaboração dos Estatutos, foram consultadas e analisadas as diretrizes de outras Associações congêneres, consideradas "democráticas" pelo Comitê, a fim de orientar os trabalhos e evitar muitos conflitos com a legislação existente. Importante ressaltar que os Estatutos deram entrada no Cartório por três vezes, principalmente porque feriam a legislação . . .

Os Estatutos da ALB têm um caráter provisório, devendo ser criticamente estudados pelos associados. Esta parece ser, no momento, a única forma de verificar se aquilo que foi estabelecido está de acordo com o pensamento e interesses dos associados. Insistimos e repetimos: os associados devem analisar com cuidado e minúcia item por item dos Estatutos de modo que os objetivos, atribuições, atividades, obrigações, eleições, etc . . . não se transformem numa "camisa-de-força" ao longo da consolidação e desenvolvimento da ALB.

A discussão e a aprovação dos itens dos Estatutos serão efetuadas no 4º COLE, previsto para ser realizado em Campinas, no 2º semestre de 1983. Nada impede, porém, que os associados, depois de lerem a proposta global, nos enviem sugestões de reformulação ao longo desse tempo.

ESTATUTOS DA ALB – ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

Art. 1º – A ALB – Associação de Leitura do Brasil –, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e com duração indeterminada, instituída pelas Assembléias dos Associados inscritos no 3º Congresso de Leitura do Brasil (3º COLE), realizadas nos dias 13 e 14 de novembro de 1981, no Salão Nobre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tem sede e foro nesta cidade e comarca de Campinas e rege-se-á pelos presentes Estatutos.

§ Único – É vedado aos associados bem como aos membros da Administração a utilização do nome da A.L.B. para atividades comerciais, religiosas, político-partidárias e quaisquer outras estranhas aos seus objetivos sociais.

Capítulo I

DA ASSOCIAÇÃO E SUAS FINALIDADES

Art. 2º – A ALB tem como objetivo básico lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro, mediante:

- o desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre os diversos aspectos da leitura;
- o estímulo à organização e implantação de grupos regionais de pesquisa e estudo, coordenando e apoiando seus trabalhos;
- a veiculação, por diferentes meios e procedimentos de comunicação, das atividades executadas pelos grupos regionais e/ou pessoas interessadas.

§ Único – As finalidades da ALB, como expostas neste artigo, poderão sofrer alterações a partir de novas necessidades oriundas do contexto social brasileiro, sendo sempre decididas na Assembléia Bianaual dos Associados.

Seção I

PROMOÇÕES DA ASSOCIAÇÃO

Art. 3º – A ALB efetuará as seguintes atividades:

- um Congresso Bianaual de Leitura (COLE), com local, temário e forma de organização definidos pela Diretoria, levando em consideração as sugestões do Colegiado e Representantes, dos Grupos Regionais de pesquisa e estudo e/ou dos Associados em particular;
- um Seminário Anual de Leitura, de caráter "Regional", com local, temário e forma de organização definidos pelos Grupos Regionais de pesquisa e estudo, contando com o apoio e supervisão da Diretoria;
- a publicação de uma Revista semestral de leitura, organizada a partir da constituição da Equipe Editorial da ALB, decidida pela Diretoria.

§ Único – A ALB poderá ainda promover outros eventos, como conferências, cursos, seminários, simpósios, etc . . . ou organizar outros cadernos de publicação, dependendo das necessidades dos associados ou entidades interessadas.

Capítulo II

DOS ASSOCIADOS

Art. 4º – São Associados da ALB todas as pessoas interessadas no desenvolvimento da leitura e manifestarem esse interesse, por escrito, à Diretoria.

§ Único – O número de sócios da ALB é ilimitado.

Art. 5º – São direitos dos Associados:

(c) participar de todos os benefícios que forem proporcionados pela Associação;

(b) participar das Assembléias, votar e ser votado nas eleições para os cargos administrativos da Associação;

(c) recorrer das decisões da Diretoria ou do Colegiado de Representantes à primeira Assembléia Geral, subsequente a essas decisões;

(d) convocar Assembléias da Associação nos termos previstos nestes Estatutos;

(e) apresentar à Diretoria ou ao Colegiado de Representantes propostas, sugestões ou representações de qualquer natureza que demandem providências desses dois órgãos;

(f) organizar grupos regionais de pesquisa e estudo, vinculados aos objetivos e atividades da ALB;

Art. 6º – São deveres dos Associados:

(a) contribuir para com a divulgação e expansão da ALB;

(b) pagar pontualmente a anuidade e outras taxas, fixadas pelos órgãos da Administração;

(c) observar e cumprir os termos destes Estatutos;

(d) comparecer às Assembléias Gerais.

Art. 7º – São passíveis de exclusão aplicada pela Diretoria, por decisão do Colegiado de Representantes, os Associados que desrespeitarem os preceitos destes Estatutos.

§ Único – Os Associados atingidos pelo definido neste artigo poderão recorrer à Assembléia Geral subsequente, conforme Alínea "c" do artigo 5º.

Art. 8º – Serão excluídos do quadro social da ALB:

(a) os Associados quites com as anuidades, que solicitarem por escrito a sua exclusão;

(b) os Associados que atrasarem com duas anuidades consecutivas;

(c) os Associados atingidos pelo Art. 7º.

Capítulo III DAS ASSEMBLÉIAS

Art. 9º – A Assembléia Geral representa a instância maior de discussão e debate sobre os rumos a serem seguidos pela ALB.

§ 1º – As sugestões e recomendações da Assembléia Geral serão estudadas e, na medida do possível, executadas pela Diretoria, depois de ouvidos os membros do Colegiado de Representantes;

§ 2º – A Assembléia Geral terá poder de decisão nos casos de alteração dos Estatutos e de dissolução e liquidação da Associação bem como nos casos de alienação e oneração dos bens patrimoniais, para o que se exigirá aprovação por 2/3 (dois terços) dos Associados presentes à Assembléia Geral.

Art. 10 – A Assembléia Geral se reúne ordinária e extraordinariamente.

§ 1º – A Assembléia Geral se reúne ordinariamente uma vez a cada dois anos, por ocasião da realização do Congresso Bienal de Leitura (COLE), de preferência no mês de setembro ou outubro.

§ 2º – A Assembléia Geral se reúne extraordinariamente a qualquer tempo, sempre que os interesses sociais da ALB assim o exigirem.

Art. 11 – As Assembléias Gerais extraordinárias serão realizadas, quando convocadas:

(a) pelo Presidente, por iniciativa própria;

(b) pelo Colegiado de Representantes, com um número mínimo de 30% (trinta por cento) dos membros que compõem o quadro total;

(c) por um mínimo de 50 (cinquenta) ou mais associados, no gozo dos direitos previstos nestes Estatutos, com a declaração escrita dos motivos da sua convocação e fornecimento da pauta das discussões.

§ Único – A convocação que trata as alíneas "b" e "c" deste artigo será

feita pelo Presidente da ALB no prazo de 15 (quinze) dias a partir do recebimento do requerimento, solicitando a convocação.

Art. 12 – A Assembléia Geral, ordinária ou extraordinária se instala, em primeira convocação, com a presença mínima de 50% (cinquenta por cento) do quadro de associados, e, em segunda convocação, com qualquer número.

§ Único – A primeira convocação será efetuada por carta com uma antecedência mínima de 15 (quinze) dias e, não se instalando a Assembléia por falta do número de Associados previsto neste artigo, a segunda será instalada após decorridos 30 minutos do início previsto para a primeira.

Art. 13 – A Assembléia Geral será dirigida pelo Presidente da ALB, o qual nomeará o Secretário e quando necessário, outras pessoas para comporem a mesa e da Assembléia participarão todos os associados em pleno gozo dos seus direitos.

Art. 14 – Serão lavradas atas dos trabalhos da Assembléia Geral em livro apropriado, o qual será assinado pelos componentes da mesa que presidir à reunião.

Capítulo IV

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 15 – A Administração da ALB é exercida pelos seguintes órgãos:

(a) Diretoria

(b) Colegiado de Representantes

(c) Conselho Consultivo

§ Único – Além dos órgãos a que se refere este artigo, a ALB poderá ter na sua estrutura administrativa, outros órgãos, permanentes ou temporários, determinados por necessidades específicas e relacionadas com a realização de seus objetivos, atividades e promoções.

Seção I

DA DIRETORIA

Art. 16 – A Diretoria, com 06 (seis) membros e mandato de 02 (dois) anos, é o órgão coordenador e executivo das atividades da ALB.

§ 1º – A Diretoria é constituída por um Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro.

§ 2º – A Diretoria será eleita por voto direto dos associados, através de eleições via mala postal.

Art. 17 – À Diretoria, coletivamente, compete:

(a) cumprir e fazer cumprir estes Estatutos assim como as decisões, sugestões e recomendações das Assembléias Gerais e do Colegiado de Representantes;

(b) organizar e fazer executar os serviços administrativos da ALB;

(c) apresentar aos Associados, por carta, até o dia 31 do mês de janeiro de cada ano, a prestação de contas da ALB, relativas ao exercício anterior;

(d) elaborar e apresentar ao Colegiado de Representantes até o dia 31 do mês de janeiro de cada ano, o programa de atividades para o ano em curso; inclusive a previsão de receitas e a estimativa de despesas, enviando cópias a todos os Associados;

(e) decidir sobre a admissão, re-admissão e desligamento de Associados;

(f) coordenar e apoiar as atividades dos grupos regionais de pesquisa e estudo, que venham a ser formados;

(g) designar nomes para compor órgãos de assessoria e/ou apoio, conforme o disposto no § Único do Art. 15, bem como os nomes dos componentes do Conselho Consultivo da ALB;

(h) organizar e convocar eleições para os cargos de Diretoria;

(i) dar posse à Diretoria eleita para o mandato seguinte;

- (j) dar posse aos Associados indicados para compor o Colegiado de Representantes;
- (l) fixar o valor das anuidades e outras taxas, ouvido o Colegiado de Representantes;
- (m) organizar o Congresso Bienal de Leitura (COLF), e o Seminário Anual de Leitura, conforme o Art. 3º;
- (n) resolver os casos omissos nestes Estatutos.
- Art. 18 – A Diretoria reúne-se uma vez por mês, ou a qualquer tempo se necessário, com a participação de, pelo menos, 04 (quatro) de seus membros e as suas decisões serão tomadas por maioria de votos, computando-se o do Presidente, o qual, em caso de empate, terá, ainda, o voto de qualidade.
- § Único – As reuniões da Diretoria serão sempre lavradas em atas, aprovadas e assinadas pelos membros presentes.
- Art. 19 – A Diretoria reúne-se pelo menos uma vez por ano com o Colegiado de Representantes.
- § Único – As reuniões a que se refere este artigo serão sempre registradas em atas, aprovadas e assinadas pelos membros presentes.
- Art. 20 – Ao Presidente compete:
- (a) representar oficialmente a ALB, em juízo ou fora dele, ativa e passivamente;
- (b) convocar e presidir as Assembléias Gerais, as reuniões da Diretoria e do Colegiado de Representantes;
- (c) movimentar, em conjunto com a tesouraria em exercício, as contas da ALB;
- (d) nomear, demitir ou transferir funcionários, ouvida a Diretoria;
- (e) efetuar despesas e contrair obrigações autorizadas pela Assembléia Geral, Colegiado de Representantes ou Diretoria;
- (f) contratar serviços de terceiros, ouvida a Diretoria.
- Art. 21 – Ao Vice-Presidente compete auxiliar o Presidente e substituí-lo nos casos de vaga, impedimentos e ausências.
- Art. 22 – Ao 1º Secretário compete:
- (a) secretariar todas as Assembléias e reuniões da ALB;
- (b) encarregar-se do expediente e da correspondência da ALB;
- (c) organizar os cadastros e arquivos gerais, tendo-os sob sua guarda e responsabilidade;
- (d) preparar todos os relatórios e documentos da ALB.
- Art. 23 – Ao 2º Secretário compete auxiliar o 1º Secretário e substituí-lo nos casos de vaga, impedimentos e ausências.
- Art. 24 – Ao 1º Tesoureiro compete:
- (a) supervisionar a parte econômico-financeira da ALB;
- (b) efetuar pagamentos e recebimentos, registrando-os em livro especial;
- (c) organizar e manter em dia os registros dos bens patrimoniais;
- (d) abrir, movimentar e encerrar contas correntes em estabelecimentos oficiais de crédito, conjuntamente com o Presidente;
- (e) estudar e preparar a programação econômico-financeira de cada exercício, a ser apresentada pela Diretoria;
- (f) apresentar o balanço contábil anual, que será anexado ao relatório da Diretoria.
- Art. 25 – Ao 2º Tesoureiro compete auxiliar o 1º Tesoureiro e substituí-lo nos casos de vaga, impedimentos e ausências.
- Art. 26 – Em caso de vagas nos cargos de Diretoria, o Colegiado de Representantes elegerá os substitutos para completarem o período restante do mandato do membro substituído.

Seção II

DO COLEGIADO DE REPRESENTANTES

- Art. 27 – O Colegiado de Representantes da ALB, é formado por representantes dos grupos regionais de pesquisa e estudo, que venham a ser constituídos, na proporção de 01 (hum) representante para cada grupo.
- § 1º – O Representante de cada grupo regional de pesquisa e estudo será indicado pelos membros componentes desse grupo, na forma que melhor lhes convier.
- § 2º – O Grupo de Pesquisa e Estudo decidirá o tempo de mandato do seu representante no Colegiado da ALB.
- Art. 28 – O Colegiado de Representantes se reúne ordinariamente uma vez por ano, em sessão conjunta com a Diretoria e extraordinariamente quando for convocado pelo Presidente ou por requerimento de 1/3 (um terço) ou mais de seus membros.
- § 1º – As reuniões conjuntas a que se refere este artigo serão presididas pelo Presidente, o qual, nas votações, somente dará o voto de qualidade;
- § 2º – Os demais membros da Diretoria terão direito a voz, mas não terão direito a voto nas reuniões referidas por este artigo.
- Art. 29 – A reunião do Colegiado de Representantes instala-se com a presença mínima de 1/3 (um terço) de seus membros e as suas decisões serão tomadas por maioria simples de votos.
- § 1º – No Colegiado de Representantes o voto será pessoal, inadmissível a representação;
- § 2º – O Representante que não puder comparecer às reuniões do Colegiado deverá justificar a sua ausência e poderá enviar sugestões e propostas, por escrito, para serem apreciadas durante a sessão.
- Art. 30 – Ao Colegiado de Representantes compete:
- (a) julgar os programas de atividades, relatórios e balancetes apresentados pela Diretoria e apresentar os resultados de seus julgamentos na Assembléia Geral ordinária;
- (b) opinar sobre contratos e negócios a serem realizados pela ALB através da Diretoria;
- (c) propor à Diretoria medidas de caráter financeiro-administrativo e/ou sugestões de atividades que julgar convenientes;
- (d) eleger os membros substitutos da Diretoria, nos termos do Art. 26.

Seção III

DO CONSELHO CONSULTIVO

- Art. 31 – O Conselho Consultivo da ALB será composto de 20 (vinte) membros efetivos, selecionados pela Diretoria, ouvido o Colegiado de Representantes e sua vigência será de 02 (dois) anos.
- Art. 32 – Compete ao Conselho Consultivo atender as diferentes consultas da Diretoria e divulgar os trabalhos da ALB e seus membros são escolhidos dentre representantes destas categorias:
- (a) professor e estudante universitário – 04 (quatro) membros efetivos: 02 (dois) professores e 02 (dois) estudantes;
- (b) professor e estudante de 2º grau – 04 (quatro) membros efetivos: 02 (dois) professores e 02 (dois) estudantes;
- (c) professor de 1º grau – 5ª à 8ª série – 02 (dois) membros efetivos;
- (d) professor de 1º grau – 1ª à 4ª série – 02 (dois) membros efetivos;
- (e) professor de pré-escola – 02 (dois) membros efetivos;
- (f) editor de livros – 02 (dois) membros efetivos;
- (g) bibliotecário – 02 (dois) membros efetivos;
- (h) livreiros – 02 (dois) membros efetivos;

Art. 33 – O Conselho Consultivo reúne-se quando solicitado parecer da Diretoria e, para cada consulta, será designado um Relator.

Capítulo V DAS ELEIÇÕES

Art. 34 – Bianualmente, no ano em que ocorrer o término dos mandatos, são realizadas eleições para provimento dos cargos da Diretoria, previstos nestes Estatutos.

Art. 35 – Até o dia 30 (trinta) de junho do ano eleitoral devem estar registradas, na Secretaria da ALB, as chapas que concorrerão às eleições as quais serão realizadas nos meses de julho e agosto do mesmo ano, através de mala postal.

§ 1º – O número de chapas a concorrer na eleição é ilimitado.

§ 2º – O pedido de registro de chapas deve ser acompanhado dos currículos resumidos dos membros e das propostas de trabalho.

Art. 36 – Realizadas as eleições e computados os resultados da votação, a Diretoria proclama os eleitos aos quais será posse na Assembléia Geral Ordinária, subsequente ao processo de eleição.

Art. 37 – Não sendo convocadas as eleições até o dia 30 (trinta) de abril do ano eleitoral, cabe ao Colegiado de Representantes, reunido de acordo com o disposto no Art. 28, convocá-las.

Capítulo VI DO PATRIMÔNIO E DAS RENDAS DA ALB

Art. 38 – Constituem patrimônio da ALB:

- (a) as doações, legados, subvenções ou auxílios que venham a ser feitos ou concedidos por pessoas físicas, entidades públicas ou particulares nacionais, internacionais ou estrangeiras;
- (b) os bens imóveis e móveis, doados ou adquiridos, necessários a instalação e funcionamento da ALB;
- (c) a renda de seus bens e serviços bem como a receita advinda das atividades da ALB e do recebimento de anuidades ou outras taxas;

Art. 39 – O patrimônio e as rendas da ALB são exclusivamente destinados ao atendimento de suas finalidades e atividades, dependendo a alienação da aprovação, por maioria de votos na Assembléia Geral, conforme o § 2º do Art. 9º.

Capítulo VII DO EXERCÍCIO SOCIAL

Art. 40 – O exercício social da ALB coincidirá com o ano civil.

Art. 41 – Ao final de cada exercício social, a Diretoria apresenta ao Colegiado de Representantes, para julgamento, a demonstração da receita e despesa relativas ao exercício anterior.

Art. 42 – Bianualmente, 01 (hum) mês antes da realização do Congresso Biannual de Leitura (COLE), a Diretoria submete à aprovação do Colegiado de Representantes, o relatório das atividades da ALB no decorrer de sua gestão.

Capítulo VIII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 43 – O patrimônio da ALB não se confunde com o de seus Associados, nem estes respondem pelas obrigações da ALB, nem esta responde pelas obrigações de seus Associados;

Art. 44 – Este Estatuto só poderá ser emendado ou reformado pela Assembléia Geral, expressamente convocada para esse fim, e por resolução de dois terços (2/3) dos sócios presentes à Assembléia.

Art. 45 – Em caso de dissolução da ALB, a Assembléia Geral que a decidir, elegerá a Associação congênera a quem será destinado o patrimônio remanescente.

Art. 46 – Enquanto não se realizar a 1ª (Primeira) eleição para o preenchimento dos cargos da Diretoria da ALB, caberá ao Comitê Provisório, constituído na Assembléia Geral realizada no dia 14 (quatorze) de novembro de 1981, no Salão Nobre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, executar as seguintes tarefas:

- (a) indicar dentre os seus membros os nomes daqueles indivíduos que exercerão as funções da Diretoria provisória;
- (b) indicar 06 (seis) nomes, dentre o quadro de Associados, para a composição do Colegiado Provisório de Representantes;
- (c) submeter à apreciação dos Associados os Estatutos da ALB;
- (d) registrar os Estatutos em Cartório de Campinas;
- (e) organizar e fazer executar a eleição da 1ª Diretoria da ALB e dar-lhe posse na Assembléia Geral Ordinária, a ser realizada no 4º Congresso de Leitura do Brasil (4º COLE), em 1983;
- (f) organizar e realizar o 4º Congresso de Leitura do Brasil (4º COLE), com o apoio de instituições e/ou pessoas interessadas;
- (g) delinear o projeto da Revista da ALB e editá-la;
- (h) organizar o cadastro dos Associados e dos grupos regionais de pesquisa e estudo.

ANEXO 7
PROGRAMA DO 4º CONGRESSO DE LEITURA DO
BRASIL

Os professores reunidos neste seminário aceitam a necessidade de reavaliar seus currículos, procurando corrigir desvios, preencher lacunas, adaptar e/ou atualizar conteúdos, visando à adequação aos objetivos a que um Curso de Letras se propõe e à realidade em que tais cursos se inscrevem. Para tanto impõe-se que os professores dos Institutos de Letras estejam diretamente envolvidos, contribuindo com sua experiência e conhecimento para que um novo currículo realmente eficaz seja elaborado bem como sejam ouvidos alunos egressos destes cursos e que possam testemunhar sobre a eficiência da formação na prática de sua profissão.

4º congresso de leitura do Brasil

4º COLE

OBJETIVO

Estabelecer diretrizes para uma política de desenvolvimento da leitura em diferentes segmentos da sociedade brasileira, mediante:

- o debate amplo das orientações que vêm sendo imprimidas aos trabalhos na área da leitura;
- a divulgação de experiências que vêm sendo realizadas com o intuito de democratizar a leitura;
- o fortalecimento e/ou criação de grupos envolvidos neste trabalho.

TEMÁRIO

"Leitura na Sociedade Democrática:
do discurso à ação"

LOCAL

Colégio Culto à Ciência
Rua Culto à Ciência, nº 422
Campinas, Estado de São Paulo
(entrada pela Rua Delfino Cintra, 615)

PERÍODO

12 a 15 de novembro de 1983.

PROMOÇÃO

Associação de Leitura do Brasil (ALB)
Centro de Leitura - UNICAMP
Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo de Campinas

APOIO

Banco Noroeste S/A
Conselho Nacional de Desenv. Científico e Tecnológico - CNPq
Faculdade de Biblioteconomia - PUC
Associação Campineira dos Bibliotecários
Nestlé
TELESP

Programa

Dia 12 de Novembro (Sábado)

- 08:00 h - Entrega do Material aos Congressistas
Inscrições de última hora
Orientação aos Grupos de Trabalho
- 09:00 h - Editorial de Abertura do 4º COLE
Prof. Ezequiel Theodoro da Silva
Faculdade de Educação - UNICAMP
Presidente da Diretoria Provisória da ALB
- 10:00 h - Mesa Redonda: "Comunicação e Expressão: O ensino da leitura"
Coordenadora: Magda Becker Soares
Faculdade de Educação - UFMG
- Convidadas:
- Lígia Chiappini M. Leite
USP - Fac. de Letras
 - Eni Orlandi
IEL - UNICAMP
 - Miriam Lemle
UFRJ
- 14:00 h - Apresentação de Trabalhos Inscritos
- 16:00 h - Grupos de Trabalho com a participação dos Congressistas

Dia 13 de Novembro (Domingo)

- 10:00 h - Assembléia Geral dos Associados da ALB para apreciação dos Estatutos e posse da Diretoria eleita.
- 13:30 h - Mesa Redonda "Subsídios para um política da Leitura"
Coordenadora: Maria Alice Barroso
Biblioteca Nacional
- Convidados:
- Antonio Olinto
Escritor
 - Lygia Fagundes Telles
Escritora
 - Nelly Novaes Coelho
USP - Fac. de Fil., Ciência e Letras

- Zila Mamede
Bibl. Pública Luis Câmara Cascudo, RN

16:30 h – Grupos de Trabalho
Noite – Convite aos Congressistas para visitarem a Feira das Feiras, no Centro de Convivência Cultural de Campinas.

Dia 14 de Novembro (Segunda-feira)

09:00 h – Palestra: "Tecendo a Leitura"
Profa. Marisa Lajolo
IEL - UNICAMP

10:00 h – Mesa Redonda: "Leitura Popular"
Coordenadora: Maria das Graças Rodrigues Paulino
UFMG

Convidados:

- José Louzeiro
Escritor
- Maria Antonieta Antunes Cunha
UFMG e FUNARTE
- Regina Zilberman
PUC/RS

14:00 h – Apresentação de trabalhos inscritos
16:30 h – Grupos de Trabalho
20:30 h – Apresentação de Peça Teatral "A Bela Borboleta",
de Ziraldo
Grupo Siasanta, Campinas.
(seguida de debate)

Dia 15 de Novembro (Terça-feira)

08:30 h – Debate entre representantes de entidades e associações ligadas à questão do ensino e da leitura
Coordenadora: Olga Molina
ALB

Convidados:

- Vera Teixeira Aguiar
CPL - PUC/RS
- Maria da Glória Bordini
APLL/RS
- Glória Maria Filho Pondé
FNLII
- (a ser indicado)
APEOSP
- Maria Helena Martins
APLL/SP
- Regis de Moraes
Academia Campineira de Letras

14:00 h – Assembléia final do 4º COLE
Apresentação dos relatórios dos Grupos de Trabalho
Discussão e aprovação de moções
Entrega dos certificados de participação

INSCRIÇÕES

Locais – pessoalmente, na Secretaria do 4º COLE Departamento de Metodologia de Ensino Faculdade de Educação – Sala 08 UNICAMP

– pelo correio, mediante a devolução da ficha de inscrição preenchida e acompanhada de cheque nominal (não aceitamos vale postal), no valor correspondente à taxa de inscrição, a favor da Associação de Leitura do Brasil.

Taxas – de 1º de setembro a 10 de outubro de 1983 – associados da ALB em dia com a anuidade de 1983CR\$ 4.000,00
demais interessadosCR\$ 6.000,00

– após 10 de outubro de 1983
associados da ALBCR\$ 5.000,00
demais interessadosCR\$ 8.000,00

MODOS DE PARTICIPAÇÃO

– Como participante "Ouvinte"

– Como Expositor, em sessão de Comunicação oral nos dias 12 a 14, período da tarde

– os expositores deverão remeter até o dia 20 de outubro, para a Secretaria do 4º COLE, a ficha de inscrição acompanhada do formulário específico para apresentação do trabalho (instruções para preenchimento no verso do formulário)

– os expositores não estão isentos do pagamento de taxa de inscrição; receberão certificado como "participante ativo" com os dados da comunicação apresentada.

ENDEREÇO (Inscrição, Remessa de Trabalhos e Informações)

4º Congresso de leitura do Brasil (4º COLE)
A/C Departamento de Metodologia de Ensino
Faculdade de Educação - UNICAMP
Cidade Universitária "Dr. Zeferino Vaz"
13.100 Campinas, SP.
Fone: (0192) 391301 - Ramal 253

ANEXO 8
PROGRAMA DO 5º CONGRESSO DE LEITURA DO
BRASIL

5º congresso de leitura do Brasil

5º COLE

Campinas, 31 de agosto a 03 de setembro de 1985

BREVE HISTÓRICO

Os CONGRESSOS DE LEITURA DO BRASIL – COLEs como vieram a ser nacionalmente conhecidos – tiveram o seu início em 1978, com a preocupação de debater questões básicas sobre a democratização da leitura em nosso país e de buscar soluções para a melhoria do ensino em diferentes contextos. Até 1981 os COLEs foram realizados anualmente, passando então a ter uma periodicidade bianual. O evento vem reunindo os principais estudiosos do mundo da leitura no sentido de discutir propostas, relatar experiências e propor novos rumos para a fruição da palavra escrita.

OBJETIVO

O 5º COLE pretende promover uma reflexão sobre as condições de produção e promoção da leitura no Brasil, fundamentalmente nas escolas de 1º e 2º graus, privilegiando os seguintes temas:

- o professor e as suas condições de leitura
- o professor e o ensino da leitura
- a pesquisa em leitura: quem faz, como faz e quem usa

LOCAL

Campinas, Estado de São Paulo.

PERÍODO

31 de agosto a 03 de setembro de 1985

DIA 02 DE SETEMBRO

(segunda-feira)

09:00 hs – MESA REDONDA

“A Escolarização do Texto”

Coordenadora: Marisa Lajolo

Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP

Convidados: Ruth Rocha

Escritora

João Antonio

Escritor

14:00 hs – GRUPOS DE ESTUDO

16:00 hs – INTERVALO

16:30 hs – SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL (TRABALHOS INSCRITOS)

DIA 03 DE SETEMBRO

(terça-feira)

09:00 hs – MESA REDONDA

“A Pesquisa na Área da Leitura”

Coordenadora: Sarita Affonso

Moisés

Faculdade de Educação –

UNICAMP

Convidados: Lilian Lopes da

Silva

FE – UNICAMP

Ana Lucia V. de Menezes

Professora – Sergipe

Milton José de Almeida

Fac. de Educação – UNICAMP

14:00 hs – SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL (TRABALHOS INSCRITOS)

15:30 hs – ASSEMBLÉIA FINAL DO 5º COLE

Discussões de moções

Avaliação do Congresso

PROMOÇÃO

– Associação de Leitura do Brasil – ALB

– Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Departamento de Metodologia de

Ensino

PROGRAMA

DIA 31 DE AGOSTO (sábado)

08:00 hs – Entrega do material aos congressistas

Inscrições de última hora

Orientação aos GRUPOS DE

ESTUDO

Orientação sobre os locais de

trabalho

09:30 hs – MESA REDONDA

“A Política Cultural no Brasil: o acesso ao livro e à leitura”.

Coordenadora: Regina Zilberman

man

Centro de Pesquisas Literárias –

PUC-RS

Convidados: Fábio Lucas

Instituto Nacional do Livro

Ligia Cademartori

Fundação de Assistência ao Estudante – MEC

Edson Gabriel Garcia

Departamento de Planejamento

– Prefeitura Municipal S. Paulo

Glória Fialho Pondé

Fund. Nac. do Livro Infantil e

Juvenil

14:00 hs – GRUPOS DE ESTUDO

GRUPOS DE ESTUDO

1. “Aspectos Fonéticos e Fonológicos da Alfabetização” Coord.: Bernadete Gnerre e Luis Carlos Gagliari (IEL – UNICAMP)

2. “O Contexto Social da Alfabetização” Coord.: Helena Lopes de Freitas

3. “Alfabetização de Adultos” Coord.: Equipe do IDAC (Santo André)

4. “Leitura na Pré-Escola” Coord.: Ana Luíza Smolka (FE-UNICAMP)

5. “Uma Experiência de Ensino Integrado da Leitura, Língua e Literatura” Coord.: João Wanderley Geraldi (IEL – UNICAMP)

6. “A Imprensa Escolar: uma experiência” Coord.: (a estabelecer)

7. “Dinamização da Biblioteca Escolar” Coord.: Maria Isabel Santoro

8. “Leitura e Dramatização: uma experiência em teatro jornal” Coord.: Hélio I. Medrado (Curso de Pedagogia/UNICAMP)

9. “Ler e Estudar” Coord.: Olga Molina (FE – USP)

10. “O Universitário como Leitor” Coord.: Roxane Rojo (PUC – SP)

11. “A Literatura Brasileira Contemporânea” Coord.: Jesus Durigan (IEL – UNICAMP)

16:00 hs – INTERVALO

16:30 hs – SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL (TRABALHOS INSCRITOS)

DIA 1º DE SETEMBRO (domingo)

09:00 hs – MESA REDONDA

“O Professor como Leitor e como Incentivador de Leitura”.

Coordenador: João Wanderley

Geraldi

Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP

Convidados: Magda Becker Soares

Faculdade de Educação/UFMG

Haqira Osakabe

Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP

Eulina Pacheco Lufti

EEPSG “Architilino Reis” – SP.

14:00 hs – GRUPOS DE ESTUDO

16:00 hs – INTERVALO

16:30 hs – ASSEMBLÉIA BIANUAL. ORDINÁRIA

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL – ALB

• Sessão de posse da nova diretoria eleita

• Discussão de propostas de trabalho

• Quadro de representantes regionais

• Informes gerais

MODOS DE PARTICIPAÇÃO

- Como participante OUVINTE
- Como EXPOSITOR, em sessão de comunicação oral

– os expositores deverão remeter até o dia 15 de agosto, para a Secretaria do 5º COLE, a ficha de inscrição acompanhada do formulário para a apresentação do trabalho (as instruções para o preenchimento seguem no verso do formulário).

– os expositores *não* estão isentos do pagamento da taxa de inscrição; receberão certificado na qualidade de “participantes ativos”, com os dados da comunicação apresentada.

TAXAS

- de 15 de julho a 15 de agosto de 1985
 - sócios da ALB (em dia com anuidade) ... Cr\$ 30.000
 - demais interessados Cr\$ 50.000
- após 05 de agosto de 1985
 - sócios da ALB (em dia com anuidade) ... Cr\$ 40.000
 - demais interessados Cr\$ 65.000

COMO FAZER A INSCRIÇÃO

- pessoalmente, em horário comercial, na Secretaria do 5º COLE
 - pelo correio, mediante a devolução da ficha de inscrição preenchida e acompanhada de cheque nominal à ALB no valor correspondente à taxa estipulada.
- NÃO ACEITAMOS VALE POSTA!



ANEXO 9
PROGRAMA DO 6º CONGRESSO DE LEITURA DO
BRASIL

6º COLE

6º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL

PLANO GERAL DO EVENTO

TEMÁRIO

"Leitura: a questão dos métodos e os métodos em questão"

Associação Internacional de Leitura Brasil-Sul - ALBS
FAPESP
INEP
CAPES
CNPq

PROGRAMA

DIA 10 DE SETEMBRO (quinta-feira)

MANHÃ (Teatro Interno do Centro de Convivência)

08:00 às 09:00h - RECEPÇÃO

Entrega de Pastas

Inscrições de Última Hora

Orientações aos Congressistas

09:00 às 10:00h - ABERTURA OFICIAL DO 6º COLE

Autoridades

Representantes das Entidades Promotoras

10:00 às 12:00h - CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO 6º COLE

Convidada - Guiomar Namó de Mello

Deputada Estadual, SP

12:00 às 14:00h - INTERVALO PARA ALMOÇO

TARDE (Teatro Interno do Centro de Convivência)

14:00 às 17:00h - MESA-REDONDA

"Natureza Social da leitura e as suas implicações na metodologia de ensino"

Coordenador - Moacir Gadotti - UNICAMP

Convidados - Antonio Joaquim Severino - PUCSP

- Antonio Muniz de Rezende - UNICAMP

- Edmir Perrotti - USP

17:00 às 17:15h - INTERVALO

17:15 às 18:15h - ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA BIANUAL DA ALB

Relatório de Atividades

Posse da Nova Diretoria - biênio 87-89

Diretrizes e Decisões

NOITE - ATIVIDADES DE LAZER

Visita à V FEIRA DO LIVRO DE CAMPINAS

Programação Cultural (Cinema, Teatro, Música)

Roteiro Cultural Noturno

OBJETIVOS

1. Apresentar e discutir princípios que permitam uma reflexão sobre novas metodologias para o ensino da leitura nas escolas brasileiras;
2. Debater questões atinentes às condições de produção da leitura na rede pública de ensino em sua relação direta com as metodologias atualmente adotadas;
3. Recuperar e discutir práticas alternativas para o encaminhamento da leitura no 1º, 2º e 3º grau, aprofundando os seus pressupostos e configurações;
4. Proporcionar aos participantes, através de grupos de estudo (minicursos), conhecimentos que fundamentem novas práticas de leitura no âmbito da escola e da biblioteca.

PERÍODO

10 a 13 de setembro de 1987

LOCAIS

- Palestras e Mesas-Redondas

Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural

Praça Imprensa Fluminense, s/n - Campinas - SP

- Grupos de Estudos e Comunicações Inscritas

EEPGS "Carlos Gomes"

Largo das Andorinhas - Campinas - SP

PROMOÇÃO

Associação de Leitura do Brasil (ALB)

Faculdade de Educação/DEME - UNICAMP

Secret. Munic. de Cultura, Esportes e Turismo

APOIO SOLICITADO

Faculdade de Letras e de Biblioteconomia - PUCAMP

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLJ

DIA 11 DE SETEMBRO (sexta-feira)

MANHÃ (Teatro Interno de Convivência)

09:00 às 12:00h - MESA-REDONDA

"Natureza Interdisciplinar da Leitura e suas implicações na metodologia de ensino"

Coordenadora - Regina Zilberman/PUC-RS

Convidados - Mário Perini (UFMG)

- Magda Soares/UFMG

- Marisa Lajolo/UNICAMP

- Mary Kato/PUC-SP

12:00 às 14:00h - INTERVALO PARA ALMOÇO

TARDE (EEPSG "Carlos Gomes", Largo das Andorinhas)

14:00 às 16:00h - SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

Trabalhos inscritos

16:00 às 16:15h - INTERVALO

16:15 às 18:15 - GRUPOS DE ESTUDO

Mini Cursos

NOITE

20:30h - JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Tênis Clube de Campinas

Av. Coronel Quirino, 1346 - Cambuf - Campinas

Adesões com antecedência na Coordenação do 6º COLE

Apresentação de CONJUNTO REGIONAL

DIA 12 DE SETEMBRO (sábado)

MANHÃ (Teatro Interno do Centro de Convivência)

09:00 às 12:00h - MESA-REDONDA

"Condições de Produção da Leitura da Rede Pública de Ensino"

Coordenadora - Ligia Chiappini de Moraes/USP

Convidados - Leila Remse/Profª de 2º Grau, SP

- Maria Helena Martins/USP

- Regina Hubner/USP

12:00 às 14:00h - INTERVALO PARA ALMOÇO

TARDE (EEPSG "Carlos Gomes", Largo das Andorinhas)

14:00 às 16:00h - SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

Trabalhos Inscritos

16:00 às 16:15h - INTERVALO

16:15 às 18:15h - GRUPOS DE ESTUDO

Mini Cursos

NOITE - ATIVIDADES DE LAZER
(a estabelecer)

DIA 13 DE SETEMBRO (domingo)

MANHÃ

09:00 às 12:00h - MESA-REDONDA

"Alternativas Metodológicas para o Ensino da Literatura"

Coordenadora - Maria da Glória Bordini/UFRGS

Convidados - Ana Maria Sales Mariano/PUCSP

- João Wanderley Geraldi/UNICAMP

- Maria Laura Mayrink/UNICAMP

- Diana Noronha/profª de 2º grau - Porto Alegre - RS

12:00 às 14:00h - INTERVALO PARA ALMOÇO

TARDE (EESPG "Carlos Gomes", Largo das Andorinhas)

14:00 às 16:00h - GRUPOS DE ESTUDO

Mini Cursos

16:00 às 16:30h - INTERVALO

16:30 às 18:00h - SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO 6º COLE

Local - Teatro do Centro de Convivência

Moções

Conclusões

GRUPOS DE ESTUDOS (Minicursos)

- 01 - "Proposta para um Currículo de Leitura na Escola"
Coord.: Vera Teixeira Aguiar (PUC-RS)
- 02 - "Leitura: a formação do gosto"
Coord.: Maria do Rosário Magnani (Professora/Campinas)
- 03 - "O Jogo da Leitura e a Leitura do Jogo"
Coord.: Luís Percival Leme de Britto (UFSCAR)
- 04 - "Critérios para Seleção de Livros Didáticos"
Coord.: Olga Molina (USP)
- 05 - "A Dinamização da Biblioteca Escolar"
Coord.: Maria Helena T. C. Barros
(Bibliotecária/Jaboticabal, SP)
- 06 - "A Pesquisa na Escola"
Coord.: Relinda Kohler (Bibliotecária/Curitiba, PR)
- 07 - "Fundamentos Psicolinguísticos da Alfabetização"
Coord.: Renata Teixeira (UFG)

- 08 - "Emília Ferreiro e o Processo de Alfabetização"
Coord.: Maria Laura Mayrink-Sabinson (IEL-UNICAMP)
- 09 - "Uma Proposta para Alfabetização"
Coord.: Iselda Sausen (FIDENE - Ijuí, RS)
- 10 - "Trabalho com Linguagem na Pré-Escola e 1ª Série"
Coord.: Ana Luiza B. Smolka (FE-UNICAMP)
- 11 - "Literatura no 1º Grau"
Coord.: Else Benetti Marques Válio (PUCCAMP)
- 12 - "Leitura e Redação no 1º Grau"
Coord.: Eglê Pontes Franchi
- 13 - "Literatura no 2º Grau"
Coord.: Alice Vieira (USP)
- 14 - "Redação no 2º Grau"
Coord.: Emília Amaral e Severino Antonio M. Barbosa
(Professores/Campinas, SP)
- 15 - "Clarice Lispector: obra infantil"
Coord.: Maria de Lourdes Patrini (Professora, Campinas, SP)
- 16 - "Joel Rufino dos Santos: obra infantil"
Coord.: Ivete Kist Huppés
(Fundação Alto Taquari de Ensino Superior - Lajeado, RS)
- 17 - "O Lado Sedutor do Texto Infantil e a sua Análise"
Coord.: Paulo Bragatto Filho (Inst. Est. do Livro - Paraná)
- 18 - "Produção de Textos Populares"
Coord.: Marli Pinto Ancassuere e outros
- 19 - "Análise do Discurso e Leitura"
Coord.: João Wanderley Geraldi (IEL-UNICAMP)
- 20 - "Proposta para o Planejamento de Unidades de Leitura"
Coord.: Raquel Salek Fiad (IEL-UNICAMP)

OBS: Os grupos de estudo serão constituídos de 40 (quarenta) congressistas. Os critérios para o fechamento dos grupos serão:
(1) ordem de chegada da inscrição;
(2) opção estabelecida na ficha de inscrição.

ANEXO 10
PROGRAMA DO 7º CONGRESSO DE LEITURA DO
BRASIL

7º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – 7º COLE
Campinas, 8 a 10 de setembro de 1989

PLANO GERAL DO EVENTO

TEMÁRIO

"NAS MALHAS DA LEITURA:
PUXANDO OUTROS FIOS."

OBJETIVO

Focalizar a leitura como uma prática social e histórica que se concretiza em diferentes materiais e se constitui de diferentes formas,

- ampliando a discussão para além do espaço escolar a fim de possibilitar uma primeira aproximação à caracterização da leitura no interior da sociedade brasileira, pelas ações de diferentes instâncias culturais: TV, cinema, editoras, livrarias, bibliotecas, escolas órgãos públicos, etc.;
- reunindo, no encontro, não só professores e pesquisadores, mas todos aqueles que também promovem a leitura e que produzem ou constroem as possibilidades de acesso ao que se lê: autores, roteiristas, adaptadores de TV/Cinema, jornalistas, editores, livreiros, etc.
- revendo a amplitude do ato de ler face à produção, na sociedade brasileira contemporânea, de múltiplos objetos de leitura;
- discutindo a presença destes diferentes objetos na sociedade e no contexto escolar.

09:30 às 12:30h – MESA-REDONDA

De Leitor para Leitores: a produção do que se lê

Coordenador: João Wanderley Geraldi – IEL/UNICAMP

Convidados – Nilma Gonçalves Lacerda – escritora
Marcos Rey – escritor
Lucy Ayala – jornalista (Revista "Sala de Aula")
Jeferson Barros – jornalista (TVS – O Estado de S. Paulo)
Marisa Lajolo – IEL/UNICAMP

12:30 às 14:00h – INTERVALO PARA ALMOÇO

TARDE

14:00 às 16:00h – Grupos de Estudo (minicursos)*

Locais: EEPSP "Carlos Gomes".

Colégio Progresso

16:00 às 16:30h – INTERVALO

16:30 às 18:30h – SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

Trabalhos Inscritos

Local: EEPSP "Carlos Gomes"

DIA 09 DE SETEMBRO (sábado)

MANHÃ (Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural)

09:00 às 12:00h – MESA-REDONDA

De Leitor para Leitores: o texto verbal e não-verbal

Coordenador: Joana Lopes – IA/UNICAMP

PERÍODO

8 a 10 de setembro de 1989.

LOCAIS

Mesas-redondas

Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural

Praça Imprensa Fluminense, s/nº
Campinas – SP

Sessões de Comunicações e Grupos de Estudo (Mini-Cursos)

Colégio Progresso
Av. Júlio de Mesquita, s/nº
Campinas – SP

EEPSP "Carlos Gomes"

Largo das Andorinhas
Campinas – SP

PROMOÇÃO

Associação de Leitura do Brasil – ALB
Depto de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação/UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP
Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo

SECRETARIA DO 7º COLE

Associação de Leitura do Brasil – ALB
Faculdade de Educação/UNICAMP
Cidade Universitária "Dr. Zeferino Vaz"
13.081 – Campinas – SP

Fone: (0192) 39-1301 R. 2931

Convidados: Rosa Bueno Fisher – FUNTEVÊ

Renata Palotini – ECA/USP

Eva Furnari – escritora

Ana Mac Barbosa – Diretora do MAC/SP

12:00 às 14:00h – INTERVALO PARA ALMOÇO

TARDE

14:00 às 16:00h – GRUPOS DE ESTUDO (minicursos)

Locais: EEPSP "Carlos Gomes"

Colégio Progresso

16:00 às 16:30h – INTERVALO

16:30 às 18:30h – SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

Trabalhos Inscritos

Local: EEPSP "Carlos Gomes"

18:30 às 19:30h – ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA BIANUAL DA ALB

Relatório de Atividades

Posse da Diretora Eleita – Biênio 89-91

DIA 10 DE SETEMBRO (domingo)

MANHÃ (Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural)

09:00 às 12:00h – MESA-REDONDA

De Leitor para Leitores: Políticas Públicas e Programas de Incentivo à Leitura

Coordenador: Regina Zilberman – PUC/RS

Convidados: Eliana Yunes – FNLIJ

Walda de Andrade Antunes – FAE

APOIO SOLICITADO

FAPESP

INEP

CAPES

CNPq

PATROCÍNIOS (SOLICITADOS)

• EEPSP Carlos Gomes

• Colégio Progresso de Campinas

• Nestlé

• Varig

• Banespa

• Banco Noroeste

• Xerox do Brasil

PROGRAMA

DIA 08 DE SETEMBRO (sexta-feira)

MANHÃ (Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural)

08:00 às 09:00h – RECEPÇÃO

Entrega das Pastas

Inscrições de última hora

Orientação aos Congressistas

09:00 às 9:30h – ABERTURA OFICIAL DO 7º COLE

Autoridades

Representantes das Entidades

Promotoras

Edson Gabriel Garcia – SME/SP

Ary Kuflik Bemclowicz –

Câmara Brasileira do Livro

12:00 às 14:00h – INTERVALO PARA ALMOÇO

TARDE

14: às 16:30h – GRUPOS DE ESTUDO

Locais: EEPSP "Carlos Gomes"

Colégio Progresso

16:30 às 17:30h – SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO 7º COLE

Avaliação e Moções

Local: EEPSP "Carlos Gomes"

GRUPOS DE ESTUDOS (minicursos)

1. "Sexualidade, Literatura e Repressão pós-64" Coordenador: prof. e escritor Deonísio da Silva – UFSCar.

2. "Portugueses Contemporâneos" – Turma "A" Coordenador: Prof. Dr. Haquira Osakabe – IEL/UNICAMP.

3. "Portugueses Contemporâneos" – Turma "B" Coordenador: Prof. Paulo E. Franchetti – IEL/UNICAMP.

4. "Criação Literária: Autor-Leitor-Texto" Coordenador: Prof. e escritor Roberto Gomes – UFPR.

5. "Fatores Lingüísticos e não-lingüísticos na Interpretação" Coordenador: Prof. Dr. Sírio Possenti – IEL/UNICAMP.

6. "Introdução ao Pensamento de Bakhtin: Linguagem e interação" Coordenador: Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco – UFPR.

7. "Cartilha e Leitura" Coordenador: Prof. Dr. Lufs Carlos Cagliari – IEL/UNICAMP.

* Lista dos minicursos em anexo

8. "O Conto Anarquista no Brasil" Coordenador: Prof. Dr. Antônio Arnoni Prado – IEL/UNICAMP
9. "Afasia, Escrita e Leitura" Coordenador: Prof^ª Dra. Maria Irma H. Coudry – IEL/UNICAMP
10. "Análise do Discurso e Leitura" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Eni Orlandi – IEL/UNICAMP
11. "Leitura: Ensino para pós-alfabetizados" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Ângela Bustos Kleiman – IEL/UNICAMP
12. "Pe. Vieira e o Barroco" Coordenador: Prof. Antonio Alcir Pécora – IEL/UNICAMP
13. "Estudos em Literatura de Consumo" Coordenador: Prof. Dr. Eric Sabinson – IEL/UNICAMP
14. "Poesia Infantil: Ontem e Hoje" Coordenador: Prof. e escritor Elias José – FAFI – Guaxupé-MG
15. "A Expressão Plástica: Atelier de Vivência" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Sueli Francisco Moreira de Souza – Campinas
16. "Escrever é desvendar o mundo" Coordenador: Prof^ª Emília Amaral e Prof. Severino A. Barbosa – Colégio Anglo – Campinas.
17. "Literatura Infantil e Juvenil: Complexidades e Banalizações" – Turma "A" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Maria Helena Martins – USP/SP.
18. "Literatura Infantil e Juvenil: Complexidades e Banalizações" – Turma "B" Coordenador: Prof^ª Maria Lúcia Zoega de Souza e Sônia Inês Fernandes – APLL/SP.
19. "A Constituição do Leitor nas Séries Iniciais" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Sarita Moysés – FE/UNICAMP.
20. "Alfabetização: Hipóteses do Aprendiz X Estágios de Aprendizagem" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Maria Bernadete Abaurre – IEL/UNICAMP.
21. "Programas da Leitura da Obra de Ficção na Escola: Configuração para Planejamento" Coordenador: Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva – FE/UNICAMP.
22. "Programas de TV e a questão da leitura" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Maria Tereza Fraga Rocco – USP/SP.
23. "A leitura e o jogo simbólico" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Else Benetti Marques Valio – PUCCAMP.
24. "Integração Professor/Bibliotecário na Universidade: Caminhos e Alternativas" Coordenador: Bibliotecária Maria Isabel Santoro – Bibl. Central da UNICAMP.
25. "Fundamentos para uma prática efetiva de leitura em bibliotecas públicas infantis" Coordenador: Bibliotecária Roseli Silva Lema – S. Paulo.
26. "Filosofia do Professor de Português: a hermenêutica, seu objeto e suas exigências" Coordenador: Prof. Dr. Augusto Novaski – FE/UNICAMP.
27. "O Desenvolvimento das Crianças e o trabalho de Escrita e Leitura" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Ana Lufza B. Smolka – FE/UNICAMP.
28. "Ler e Redigir" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Maria Antonieta A. Cunha – UFMG/B. Horizonte, Editora Miguilin.
29. "Raízes Populares da Literatura Infanto-Juvenil nordestina" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Neide Medeiros Santos – UFPB – João Pessoa.
30. "Leitura e Escrita: Núcleos de Atividades" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Rosália Ribeiro de Aragão – FE/UNICAMP.
31. "Aprendizagem da Leitura e da Escrita: revendo a noção do 'erro'" Coordenador: Prof^ª Dr^ª Maria Cecília Rafael de Góes – FE/UNICAMP.
32. "Trabalho Interdisciplinar de Leitura na Escola" Coordenador: Prof^ª Tânia Maria K. Rösing – Universidade de Passo Fundo/RS.
33. "Exercícios de Abordagem Textual e Teoria da Literatura" Coordenador: Prof^ª Vera T. Aguiar – PUC/RS
34. "A Escolha dos Textos na Sala de Aula: a contribuição da crítica literária" Coordenador: Prof^ª Maria da Glória Bordini – PUC/RS
35. "Literatura Brasileira Contemporânea" Coordenador: Prof. Jesus Durigan – IEL/UNICAMP.

ANEXO 11
ESTRUTURA DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO
BRASIL BIENIO 1990-1991

ESTRUTURA DA ALB NO BIÊNIO 1990-1991

Conforme o plano de trabalho da atual Diretoria da ALB, foram devidamente instalados os órgãos administrativos previstos nas Seções II e III dos Estatutos. Fica aqui registrada a nossa sincera gratidão às pessoas que atenderam ao apelo da Diretoria.

• Quadro de colaboradores da Revista "Leitura: Teoria & Prática"

Albanita Guerra Araújo, Alide Regis Menezes Costa, Ana Maria Sá de Carvalho, Antonio Ponciano Bezerra, Ceila Maria Puiu Ferreira, Cyana M. Leany Dios, Edson Gabriel Garcia, Eliana Yunes, Elias José, Else Benetti Marques Válio, Eni Orlandi, Helena Jina de Sousa Pereira, Irene Baleroni Cajal, Livia Suassuna, Lusimar Silva Ferreira, Lygia Toledo Teixeira, Magda Soares, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Antonieta Carbonari de Almeida, Maria Carmeli Machado, Maria da Glória Bordini, Maria das Graças Mendes da Silva Macedo, Maria das Graças Souto Nascimento, Maria Francisca Oliveira Santo, Maria Helena Toledo Costa de Barros, Maria Thereza Fraga Rocco, Marisa Lajolo, Mônica de Carvalho Magalhães Kassar, Neide Medeiros Santos, Nilcea Lemos Pelandre, Paulo Bragatto Filho, Regina Zilberman, Regina Veríssimo Nobre, Rildecio Medeiros, Silvia Lucia Bogonjal Braggio, Sonia Kramer, Tania Maria Piacentini, Vania Amorim Monteiro, Vera Teixeira Aguiar, Wilson Alves dos Santos.

• Conselho Consultivo

Bibliotecários: Heloisa Guiotti Amêndola, Ivete Pieruccini Faria

Editores: Jan Rais, Ricardo Feltre

Livreiros: Ary Kuflik Benclowicz, José Xavier Cortez

Professores: Arabela Lopes Coutinho, Dorvalino Poderoso, Eunice Rodrigues Pontes, Jany Aparecida Oliveria de Ávila, Maria Célia Romão Francisco, Maria Lygia Oliveira Amêndola, Sueli Mariza de S. Ávila

• Conselho de Representantes

Região Norte: Livia Braga Trigueiro, Nazilda dos Reis Pereira.

Região Nordeste: Ana Angélica V. de Moraes, Ana Maria Sá de Carvalho, Ana Rita de Almeida Neves, Anacildo Batista de Carvalho, Fátima Maria Elias Ramos, Francisco Gomes de Matos, Leonor de Araujo Bezerra, Maria de Fátima Oliveira Costa, Nelson Barros da Costa, Vânia Amorim Monteiro.

Região Sudeste: Adclina Gentile Dutra, Ana Cristina da Silva Barreto Garcia, Angelo José Serafim, Antonio Marcos Muniz Carneiro, Aparecida Donizetti Paes, Armando Pereira de Andrade, Cláudia Maria Ribeiro Andrade, Cláudia Mazzini Perrotta, Dalva Pares Cunha, Edilene Eras Garcia, Edivanda Mugrabi de Oliveira, Eliane Cristina Alves, Eliane Suely Andrade dos Passos, Eliane Passareli Amorim, Elisabeth Nogueira da Silva Guimarães, Evelise Teixeira Pataro, Hilda Cortez, Hozana Gomes Vieira, Isaura Maria da Silva Chimello, Jacqueline Alves Pimenta, Joselaine Miziara, Kahori Miyasato, Luciane Stefanato Negrini, Luiz Carlos Fernandes, Lurdes Lopes de Souza, Maria Cristina de Moraes Tafarello, Maria Elizabeth Jorge, Maria José Martins de Nóbrega, Maria Luiza Martins Costa, Maria Otília Bocchini, Marise Leite de Souza, Marlena Musits, Nadir de Pala, Orlando Vaz Carneiro, Regina Leite Garcia, Renata Paula Val, Rita de Cássia Maia e Silva Costa, Roberto Guimarães Pedro Rocha, Silvanete Aparecida Silvério, Silvia Craveiro Gusmão Garcia, Sonia Aparecida Gracioli, Sonia Maria Adão, Sueli Amaral Jurkevicius, Terezinha de Assis Bretas, Tomaz de Aquino Pires, Valdiva Araujo Prado, Vera Elisa Furlan Denipote, Yara Tavares Santiago, Yassuko Mori, Zenaide Martins.

Região Sul: Angela Mari Gusso, Clarissa Pereira Coelho, Claudete Amalia Segalilus de Andrade, Elizabeth Dall'Comune Hunhoff, Elizabeth Fontoura Dornelles, Elmita Simonetti Pires, Hilda Gomes Vieira, Inês Menossi Teixeira, Jacy Castro Malta, José Ozair Sutil de Oliveira, Jovani Aparecida Pavese, Lilian Maria Orquiza, Luisa Cristina dos Santos, Madalena Maria Ferreira, Maria Raquel Aparecida Coelho Galan, Mirian Ferreira de Carvalho, Nelson Lorenski, Neuza Ceciliato de Carvalho, Nilcea Lemos Pelandre, Olga Ribeiro de Aquino, Robinson Benedito Chagas, Ruth Fagundes de Oliveira, Sandra Regina de Moura Konell, Wilson da Silva

Região Centro-Oeste: Aparecida Negri Isquerdo, Maria da Graça Martins P. de Carvalho, Maria do Carmo Pereira Coelho, Noema Adad Mirandola, Sueli Borges Venâncio.

Nota: Caso você queira ser representante da ALB em sua cidade ou região, escreva à Associação para maiores informações.



associação
de leitura do
Brasil

90
/ 91



associação
de leitura do
Brasil

90
/ 91

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- 1 AGUIAR e SILVA, Victor Manuel de. Teoria da literatura. 2.ed. São Paulo : Martins Fontes, 1976.
- 2 AMOROSO LIMA, Alceu. Estudos literários. Edição organizada por Afrâncio Coutinho com assistência do autor. Rio de Janeiro : Companhia Aguiar Editora, 1966.
- 3 ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. São Paulo : Melhoramentos, 1988.
- 4 AVILA, Antonio. Literatura infanto-juvenil: de acordo como o programa das escolas normais. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo : Editora do Brasil. 1964.
- 5 AZEVEDO, Fernando. A educação e seus problemas. 1º Tomo. São Paulo : Melhoramentos, 1958.
- 6 BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro : Forense Universitária. 1981.
- 6 BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. 2.ed. São Paulo : Editora Atica - Unesco, 1986. (Série Educação em Ação).
- 7 BELINKY, TATIANA e outros. A produção cultural para a criança. Regina Zilberman (org.). Porto Alegre : Mercado Aberto, 1984. (Novas Perspectivas: 3).
- 8 BIBLIOTECA PUBLICA DO PARANA. I Encontro Paranaense de leitura e Literatura. Curitiba, 1984. (idéias em debate, 1).
- 9 BRANDAO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 16.ed. São Paulo : editora Brasiliense, 1985. (coleção primeiros passos: v.20).
- 10 CADERNOS DA PUC R.J.. Literatura infantil Série Letras 08/80. Caderno n: 33 divisão de intercâmbio e edições. Rio de Janeiro 1980.
- 11 CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. A literatura infantil : visão histórica e crítica. 2.ed. São Paulo : Edart, 1982. (moderna escola brasileira).
- 12 CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. compêndio de literatura infantil. 3.ed. ampl. São Paulo : IBEP. (1.ed. 1950). 1959.
- 13 COELHO, Nelly Novaes. O ensino da literatura. Sugestões metodológicas para o curso secundário e normal. São Paulo : F.T.D., 1966.

- 14 CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Como ensinar literatura infantil. para os colégios normais. Belo Horizonte : Bernardo Alvares SA. 1968.
- 15 DUCROT & TODOROV. T. Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa : Publicações Dom Quixote. 1972.
- 16 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 1.ed. (10ª imp.). Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 1975.
- 17 FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. relato de uma professora. 6.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983. (coleção Educação e Comunicação; v.11).
- 18 FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. em três artigos que se completam. 12.ed. São Paulo : Cortez, 1986. (Coleção Polêmicas do nosso tempo; 4).
- 19 FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 8.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.
- 20 FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 13.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983. (coleção O Mundo, Hoje, v.21).
- 21 FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Anais do Encontro de professores universitários de literatura infantil e juvenil. I Rio de Janeiro: FNLIJ, 1980.
- 22 FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Anais do Congresso brasileiro de literatura infantil e juvenil. II. Rio de Janeiro: FNLIJ/UFF, 1987.
- 23 FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Anais do Congresso da Fundação Nacional do livro infantil e juvenil. 3º Rio de Janeiro: FNLIJ/UERJ, 1989.
- 24 FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Anais do Congresso brasileiro de literatura infantil e juvenil. Rio de Janeiro : FNLIJ/UFF, 1985.
- 25 GARCIA, Edson Gabriel. A leitura na escola de 1º grau : por uma outra leitura da leitura. São Paulo. edições Loyola, 1988. (Coleção Práticas pedagógicas, v.1).
- 26 GOLDMANN, Lucien. Dialética e Cultura. 2.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1979.
- 27 JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In : LIMA, Luiz Costa. A literatura e o leitor. São Paulo : Paz e Terra. coleção Literatura e Teoria Literária. v.36.
- 28 JESUALDO. A literatura infantil. São Paulo. ed. Cultrix : 1982.
- 29 LEITURA : TEORIA & PRÁTICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.1. n.zero. nov/1982. 46p.
- 30 LEITURA : TEORIA & PRÁTICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.2. n.1. abril/1983. 54p.

- 31 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.2, n.2, out/1983. 57p.
- 32 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.3, n.3, jul./1984. 45p.
- 33 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.3, n.4, dez./1984. 57p.
- 34 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.4, n.5, jun./1985. 64p.
- 35 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.4, n.6, dez./1985. 60p.
- 36 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.5, n.7, jun/1986. 56p.
- 37 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.5, n.8, dez./1986. 66p.
- 38 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.6, n.9, jun./1987. 66p.
- 39 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.6, n.10, dez./1987. 66p.
- 40 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.7, n.11, jun./1988. 58p.
- 41 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.7, n.12, dez./1988. 58p.
- 42 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto a.8, n.13, jun./1989. 58p.
- 43 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto. a.8, n.14, dez./1989. 60p.
- 44 LEITURA : TEORIA & PRATICA, Porto Alegre : Mercado Aberto: a.9, n.15, jun./1990. 53p.
- 45 LOBATO, José Bento Monteiro. A barca de Gleire. 14ª ed., São Paulo : Ed. Brasiliense, 1972.
- 46 LOURENCO FILHO, Manuel. Como aperfeiçoar a literatura infantil. Boletim informativo Rio de Janeiro Fundação Nacional do livro infantil e juvenil s.d.
- 47 MALARD, Letícia. Ensino e literatura no 2o grau : problemas & perspectivas. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1985. (Novas Perpectivas, 15).
- 48 MEIRELES, Cecília. Problemas da literatura infantil. 3.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.
- 49 MOISES, Massaud. Dicionário de termos literários. 2.ed. rev. São Paulo : Cultrix, 1978.
- 50 MOISES, Massaud. A análise literária. 8.ed., SÃO Paulo : Cultrix, 1987.
- 51 MORAES, Antonieta Dias. A violência na literatura infantil e juvenil. São Paulo: Global, 1984. Global universitária. (série cultura e teoria literária).

- 52 MORAES, Vinicius de. A arca de Noé. (poemas infantis).
Ilustr. de Marie Louise Nery. Rio de Janeiro : José
Olympio, 1974.
- 53 O TEXTO NA SALA DE AULA. Org. João Wanderley Geraldi.
2.ed. Cascavel : ASSOESTE, 1984.
- 54 PALO, Maria José e D. OLIVEIRA, Maria Rosa. Literatura
infantil. voz de criança. São Paulo : editora Atica,
1986. (Série Princípios; v.86).
- 55 REVISTA TEMPO BRASILEIRO ORG. Glória Maria Fialho Pondé.
Literatura infanto juvenil. Rio de Janeiro : edições
Tempo Brasileiro. outubro - dezembro de 1980. v.63.
- 56 ROCCO, Maria Teresa Fraga. Literatura, ensino : uma
problemática. São Paulo : Atica, 1981. (Ensaio; 77).
- 56 RODARI, Gianni. Gramática da fantasia. [tradução de
Antonio Negrini, direção da coleção de Fanny
Abramovich]. 5.ed. São Paulo : Summus, 1982. (Novas
buscas em educação; v.11).
- 57 ROSING, Tania M. K.. Ler na escola: para ensinar
literatura no 1º e 2º 3º graus. Porto Alegre: Mercado
Aberto, 1988. (Séries Novas Perspectivas; 28).
- 58 SALEM, Nazira. História da literatura infantil. 2.ed.
ampl. e rev. São Paulo : Mestre Jou. 1970.
- 59 STAIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Rio de
Janeiro : Tempo brasileiro. 1969.
- 60 VIEIRA, Alice. O prazer do texto. perspectivas para o
ensino de literatura. São Paulo : EPU, 1989. (Temas
básicos de educação e ensino).

BIBLIOGRAFIA DOS CRITICOS DA DECADE DE 80 ENFOCADOS NA
DISSERTAÇÃO

- 1 A LITERATURA E A FORMACAO DO LEITOR: questões culturais e pedagógicas [organização e apresentação de Eliana Yunes; introdução de Glória Fialho Pondé]. Rio de Janeiro : Antares, 1984.
- 2 ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo., Scipione, 1989. (Série Pensamento e ação no magistério).
- 3 AGUIAR, Vera Teixeira de e outros. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Regina Zilberman (org.). 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1982. (Série Novas perspectivas 1).
- 4 AGUIAR, Vera Teixeira de. Que livro indicar: interesses do leitor jovem. Porto Alegre : Mercado Aberto/INL, 1979.
- 5 BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura : a formação do leitor : alternativas metodológicas. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988.
- 6 BORDINI, Maria da Glória. Poesia infantil. São Paulo : Atica, 1986. (Série Princípios, 97).
- 7 CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos no. 163).
- 8 CENTRO DE PESQUISAS LITERARIAS - PUCRS. Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus. São Paulo : Cortez [Brasília, DF]; INEP, MEC, Porto Alegre CPL, PUCRS, 1989. (Biblioteca de educação série 1. Escola, v.6).
- 9 COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: 1882/1982. São Paulo : Quiron, 1983.
- 10 COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo. 3.ed. ref. e ampl. São Paulo : Quiron, 1985.
- 11 COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: história, teoria, análise das origens orientais ao Brasil de hoje. 2.ed. São Paulo : Quiron/Global, 1982.
- 12 CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil : teoria & prática. São Paulo : editora Atica, 1983.

- 13 KHEDE, Sonia Salomão (org.). Literatura infanto-juvenil um gênero polêmico. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986. (Novas Perspectivas, v.18).
- 14 KHEDE, Sonia Salomão. Censores de pincenê e gravata. Rio de Janeiro : Codecri, 1981.
- 15 KHEDE, Sonia Salomão. Personagens da literatura infanto-juvenil. São Paulo : Atica, 1986. (Série Princípios, 61).
- 16 LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. São Paulo : Ed. Atica, 1985.
- 17 LAJOLO, Marisa. O que é literatura. 2.ed. São Paulo : Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos; n.53).
- 18 LAJOLO, Marisa. Usos e abusos da literatura na escola. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro : Globo, 1982.
- 19 MAGALHAES, Lígia Cademartori & ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: autoritarismo e emancipação. 3.ed. São Paulo : Atica, 1982. (Coleção Ensaios; v.82).
- 20 MARTINS, Maria Helena. Crônica de uma utopia : leitura e literatura infantil em trânsito. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- 21 MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 4.ed. São Paulo : Editora Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos; nº 74).
- 22 PERROTTI, Edmir. Confinamento cultural, infância e leitura. São Paulo : Summus, 1990. (Coleção Novas buscas em educação; v.38).
- 23 PERROTTI, Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo : Icone, 1986. (Coleção Educação Crítica).
- 24 PONDE, Glória. A arte de fazer artes: como escrever histórias para as crianças e adolescentes. Rio de Janeiro : Editorial Nórdica, 1985.
- 25 ROSEMBERG, Fúlvia. Literatura e ideologia. São Paulo : Global editora, 1985. (Coleção Teses; n.14).
- 26 SANDRONI, Laura e MACHADO, Luis Raul (org.). A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura. São Paulo : Atica, 1986.
- 27 SANDRONI, Laura. De Lobato a Bojunga: as reinacões renovadas. Rio de Janeiro : Agir, 1987.
- 28 SILVA, Ezequiel Theodoro da. Elementos de pedagogia da leitura. São Paulo : Martins Fontes, 1988.
- 29 SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura e realidade brasileira. 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1985. (Série Novas Perspectivas; 5).
- 30 SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas : Papirus, 1986.

- 31 SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 3.ed. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1984. (Coleção Educação Contemporânea).
- 32 SILVA, Lillian Lopes Martin da. A escolarização do leitor: a didática de destruição da leitura. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986. (Série Novas perspectivas).
- 33 SMOLKA, Ana Luiza B. et al. Leitura e desenvolvimento da linguagem. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1989. (Série Novas perspectivas; 31).
- 34 YUNES, Eliana & PONDE, Glória. Realidade para crianças e jovens. Belo Horizonte : Comunicação, 1982.
- 35 YUNES, Eliana e PONDE, Glória. Leitura e leituras da literatura infantil. São Paulo : FTD, 1988.
- 36 YUNES, Eliana. A maioria da literatura infantil-brasileira. Tempo brasileiro. Rio de Janeiro : Tempo brasileiro, (63) : out-dez. 1980.
- 37 YUNES, Eliana. Presença de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro : Divulgação e Pesquisa, 1982.
- 38 ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. Um Brasil para crianças : para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias autores e textos. São Paulo : Global, 1986.
- 39 ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org.). Leitura perspectivas interdisciplinares. São Paulo : Atica, 1988. (Série Fundamentos).
- 40 ZILBERMAN, Regina. A literatura e o ensino da literatura. São Paulo : Contexto, 1988. (Coleção contexto jovem).
- 41 ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 3.ed. São Paulo : Global, 1983. (Tese 1).
- 42 ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo : Atica, 1989.